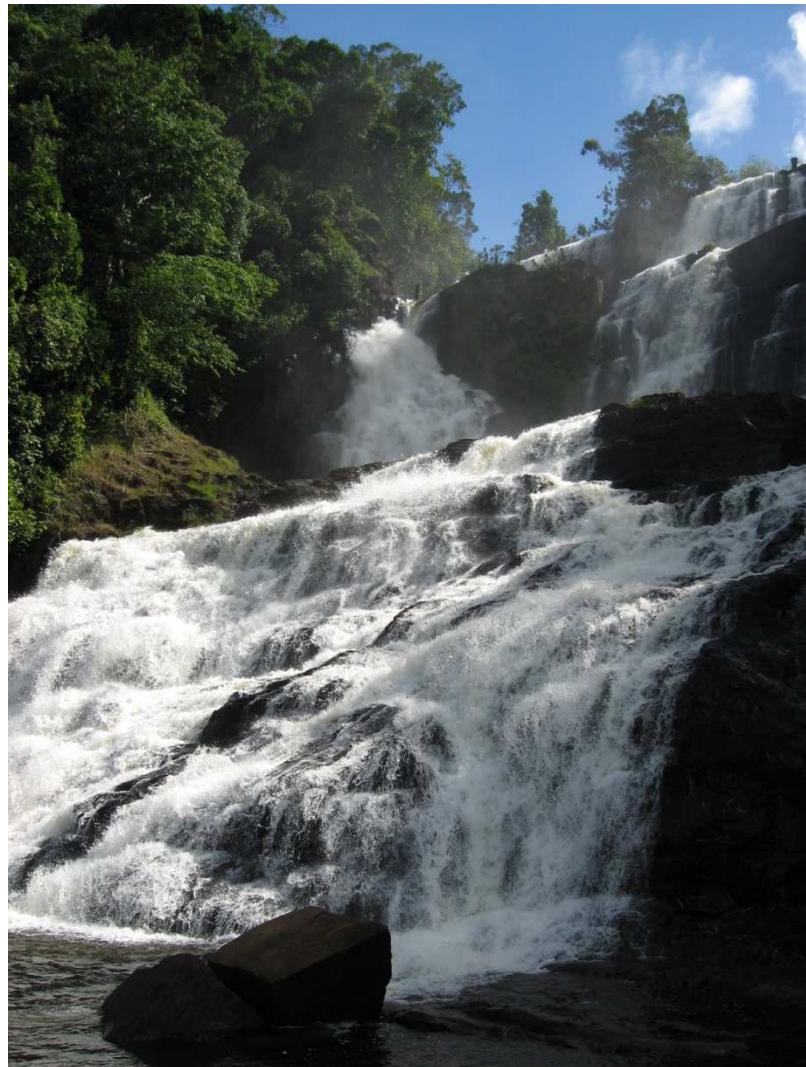


Plano de Manejo

Reserva Particular de Patrimônio Natural Ouro Verde



Dr. Kevin M. Flesher
Gerente de Pesquisa
Centro de Estudos da Biodiversidade
Reserva Ecológica Michelin
Igrapiúna, Bahia
Setembro 17, 2014

Contracapa

Autor: Dr. Kevin M. Flesher, Ecólogo, Gerente de Pesquisa, Centro de Estudos da Biodiversidade, Reserva Ecológica Michelin

Proprietário: Plantações Michelin da Bahia, Ltda.

Jurídica Michelin responsável pela criação da RPPN: Daniela De Avilez Demoro

Agradecimentos

Agradecemos a Eric Cavaloc e Ubirajara Swinerd diretores das Plantações Michelin da Bahia Ltda. e Daniela De Avilez Demoro do Departamento Jurídico da Michelin Rio de Janeiro pelo criação da RPPN Ouro Verde.

Agradecemos a André Souza dos Santos, administrador da Reserva Ecológica Michelin, e Antônia Atanásio Luz de Jesus e Danilo Costa Leite pela participação diária na administração da RPPN.

Agradecemos aos guardas florestais Valdir de Jesus Sena, Camilo de Jesus, Edenildo Oliveira e Rosivan dos Santos por protegerem a RPPN de caçadores e outros intrusos.

Agradecemos aos seguintes cientistas pela ajuda de diagnóstico: Dr. Pedro Lima, MSc. Tasso Meneses Lima (FTC), MSc. Marco Antonio de Freitas (ICMBio), Dra. Flora Acunã Juncá (UEFS/UFBA), MSc. Felipe Camurugi Almeida Guimarães (UEFS), MSc. Caio Vinicius de Mira Mendes (UESC), MSc. Danilo Silva Ruas (UESC), MSc. Renan Manoel Oliveira (UESC), Dr. Mirco Solé (UESC), Dr. Alexandre Clistenes de Alcântara Santos (UEFS), Dr. Leonardo Evangelista Moraes (UEFS), MSc. Marissol Pascoal Ferreira (UEFS), Dr. Marconi Porto Sena (UEFS), MSc. Perimar Espírito Santo Moura (UEFS), Dra. Elaine Cambuí Barbosa (UFBA), Dr. Rodrigo N. Vasconcelos (UFBA), Dr. B. F. Viana (UFBA), Dra. Janete Jane Resende (UEFS), Dr. Gilberto M. de M. Santos (UEFS), Dr. Ivan C. do Nascimento (UESB), Dr. Jacques H. C. Delabie (UESC), MSc. Mirian Silva Santos (UESC), Dr. Marcelo César Lima Peres (UFBA), MSc. Kátia Benati (UFBA), MSc. Alessandra Rodrigues Santos de Andrade (UFBA), MSc. Sheila Luzia de Santana Varjão (UFBA), MSc. Clarissa Machado Pinto Leite (UFBA), Dr. Marcos Gonçalves Lhano (UFRB), Biól. Eduardo Nogueira Souza Santos (UFRB), MSc. Daniela Santos (UFRB), Martins Silva (UFRB), Dr. João Paulo Morselli (UFRB), Dr. Sergio R. Andena (UEFS), Eliomar Menezes (UEFS), Marcos Aragão dos Santos (UEFS), MSc. Maria Lenise Silva Guedes (UFBA), Romeo de Medeiros Valadão (UFBA), Dr. Cid Passos Bastos (UFBA), Dra. Silvana Brito Vilas Boas Santos (UFBA), Dra. Reyjane Patrícia de Oliveira (UEFS), MSc. Larissa Rocha Santos (UESC), MSc. José Lima da Paixão (UESC), Dr. Hermeson Cassiano de Oliveira (UEFS), Dr. Elton M.C. Leme (Herbarium Bradeanum), Dr. Ludovic J.C. Kollmann (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão), Dr. Mauro Ramalho (UFBA), MSc. Daniela Monteiro (UFBA), Dra. Jaqueline Figueiredo Rosa (UFBA), Dra. Marília Dantas Silva (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano), MSc. Paulo Cesar Leão Gouvêa (UFBA), Dr. Marcos da Costa Dórea (UEFS), MSc. Edivan Dias de Assunção (UEFS), Dr. Jucelho Dantas da Cruz (UEFS), Dra. Aline Góes Coelho (UEFS), MSc. Leila Ramos Neves (UEFS), Dr. Gilson Evaristo Iack Ximenes (UEFS), MSc. João Ronaldo Tavares de Vasconcellos Neto (UEFS), Dr. Danilo Batista Pinho (UFV), e MSc. André Luiz Firmino (UFV).

Apresentação

Apresentamos, neste documento, o plano de manejo para a Reserva Particular de Patrimônio Natural Ouro Verde. Primeiro, apresentaremos o diagnóstico da reserva que inclui um histórico da criação da mesma, do uso da terra na região, das vias hídricas, dos tipos de floresta, da fauna, o estado da conservação da floresta e das potenciais ameaças à integridade da reserva, também, como o acesso ao público. Segundo, descreveremos o contexto da paisagem em qual se situa a reserva e as implicações desse local para o plano de manejo, o potencial da mesma no contexto regional de conservação e o seu papel na preservação da biodiversidade dentro do Corredor Central da Mata Atlântica.

Em seguida, apresentaremos uma descrição das ações necessárias para o manejo da reserva que incluem zoneamento pelo uso público, pela pesquisa científica e pela proteção. Descreveremos os protocolos administrativos específicos para gerenciamento das áreas de uso público, a organização do programa de proteção, os protocolos usados para a realização de pesquisas científicas, as regras de comportamento e o acesso aos programas de educação ambiental. Por fim, discutiremos os aspectos financeiros do manejo da área em longo prazo.

Ao final do documento, numa série de anexos, proporcionaremos listas de espécies registradas na reserva. Também forneceremos uma lista das pesquisas realizadas até o momento e as publicações científicas resultando desse trabalho.

Este plano de manejo é o resultado de pesquisa e planejamento que começou em 1997, mas que foi intensificada após a criação da Reserva Ecológica Michelin (REM) por parte das Plantações Michelin da Bahia Ltda. (PMB) em 2004, como parte do Projeto Ouro Verde Bahia (POVB). A RPPN foi criada em 2010, desde um segmento pré-existente da Reserva Ecológica Michelin que reconhecia a importância cultural e biológica da cachoeira Pancada Grande, e a necessidade de proteger essa área com o status de reserva no sistema federal do SNUC que a mesma merece. Para escrever um plano de manejo baseado em dados robustos, o Centro de Estudos da Biodiversidade da REM patrocinou 73 estudos que resultou na publicação de 60 artigos científicos e o descobrimento de 7 novas espécies para ciência. O trabalho encontra-se em andamento e é uma das principais razões pelo estabelecimento da reserva. Através do contato com habitantes da região, podíamos reconstruir o histórico do uso da terra na reserva e nas áreas vizinhas para melhor entender o contexto socioeconômico e biológico da paisagem dentro do qual a reserva está inserida. Todas as ações de manejo listadas neste plano já foram iniciadas, inclusive os programas de monitoramento em longo prazo e as patrulhas dos guardas florestais necessárias para proteger a reserva. Através do patrulhamento assíduo, monitoramento da pressão dos caçadores, o controle do acesso, e as regras que governam o uso da área, enxergamos a eficácia dessas ações de manejo em atingir as metas aqui estabelecidas, inclusive a recuperação da fauna e da flora.

Resumo/Tabela do Índice

Apresentação.....	1
.....
Introdução.....	1
.....
A: Informações gerais.....	3
1) Acesso à RPPN.....	3
2) Histórico de criação e aspectos legais da RPPN.....	4
3) Ficha-Resumo da RPPN.....	7
.....
B: Diagnóstico.....	8
1) Caracterização da RPPN.....	8
1.1) Clima.....	8
1.2) Relevo.....	8
1.3) Hidrografia.....	8
1.4) Espeleologia.....	9
1.5) Vegetação.....	9
1.6) Fauna.....	11
1.7) Aspectos Históricos e Culturais.....	12
1.8) Visitação.....	12
1.9) Pesquisa e monitoramento.....	14
1.10) Ocorrência de fogo.....	15
1.11) Atividades desenvolvidas na RPPN.....	15
1.12) Sistema de Gestão.....	16
1.13) Pessoal.....	16
1.14) Infraestrutura.....	18
1.15) Equipamentos e Serviços.....	21
1.16) Recursos financeiros.....	22
1.17) Formas de Cooperação.....	22
2) Caracterização da propriedade.....	23
3) Caracterização da área do entorno.....	27
4) Possibilidade de Conectividade.....	30
5) Declaração de Significância.....	31
.....
C: Planejamento.....	33
1) Objetivos Específicos de Manejo.....	33
2) Zoneamento.....	33
3) Programas de manejo.....	39
3.1) Programa de administração.....	39
3.2) Programa de Proteção e Fiscalização.....	40
3.3) Programa de Pesquisa e Monitoramento.....	42
3.4) Programa de visitação.....	44

3.5) Programa de Sustentabilidade Econômica.....	45
3.6) Programa de Comunicação.....	45
4) Projetos específicos.....	47
5) Cronograma de atividades e custos.....	48
.....
Bibliografia.....	49
.....
Anexo 1. Lista das espécies da flora.....	52
Anexo 2. Lista das espécies da fauna.....	82
Anexo 3. Lista das espécies dos fungos.....	139
Anexo 4. Espécies novas descobertas na REM.....	142
Anexo 5. Pesquisas na REM.....	143
Anexo 6. Publicações de pesquisas feitas na REM.....	153
Anexo 7. Árvores plantadas na Zona de Recuperação.....	158
Anexo 8. Tratamento de esgoto.....	160
Anexo 9. Fotografias da RPPN.....	162

Lista de figuras, fotos, quadros, tabelas e outras ilustrações

Figura 1. Localização da RPPN na Bahia e principais cidades e estradas de acesso.....	4
Figura 2. RPPN Ouro Verde/Reserva Ecológica Michelin no mosaico florestal regional.....	24
Figura 3. Reserva Ecológica Michelin e a localização da RPPN Ouro Verde dentro da mesma.....	25
Figura 4. RPPN Ouro Verde em amarelo; REM em laranja.....	35
Figura 5. Zona de Proteção	35
Figura 6. Zona de Visitação fora da floresta.....	36
Figura 7. Zone de Recuperação.....	36
Figura 8. Floresta da RPPN.....	37
Figura 9. Zona de Administração.....	38
.....	
Tabela 1. Classificação da Floresta da RPPN Ouro Verde, Reserva Ecológica Michelin, Bahia, Brasil.....	10
Tabela 2. Regras de conduta para visitantes na Cachoeira Pancada Grande.....	13
Tabela 3. Funcionários PMB/REM/RPPN Ouro Verde.....	18
.....	
Anexo 8. Tratamento de esgoto.....	160
Anexo 9. Fotografias da RPPN.....	162

Lista de Siglas

APA = Área de Proteção Ambiental

APP = Área de Proteção Permanente

CEB = Centro de Estudos da Biodiversidade

OSCIP = Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

ONG = Organização Não Governamental

PGRS = Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos

PMB = Plantações Michelin da Bahia Ltda.

REM = Reserva Ecológica Michelin

RPPN = Reserva Particular de Patrimônio Natural

SAICI = Sociedade Anônima Industrial e Comercial de Ituberá

SISBIO = Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

SNUC = Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

UFBA = Universidade Federal da Bahia

UFRB = Universidade Federal do Recôncavo Baiano

UEFS = Universidade Estadual de Feira de Santana

UESC = Universidade Estadual de Santa Cruz

Introdução

Dado o estado precário da Mata Atlântica também como sua riqueza biológica fenomenal, a criação de áreas protegidas é essencial para a integridade do bioma em longo prazo (Galindo-Leal & de Gusmão Câmara 2003, Myers et al. 2000, Tabarelli et al. 2005). Enquanto o governo federal e os governos estaduais têm criado uma série de reservas ao longo do bioma, a floresta que resta está localizada em terras particulares que o governo não pode desapropriar para criar novas reservas (Viana & Tabanez 1996). Isso significa que como cidadãos, junto com um interesse comum da nação, cada proprietário deve assumir o seu papel de proteger o patrimônio natural da Mata Atlântica. O código florestal obriga que cada dono de terra aloque 20% da sua área total como uma reserva permanente e que as vias hídricas, nascentes, encostas íngremes e outras áreas impróprias para cultivo sejam protegidas de acordo com o critério estabelecido (lei 12.651/12). Isso pode ser feito através de Reserva Legal, Áreas de Proteção Permanente, e Servidão Florestal, todos esses efetivos caso o proprietário da terra siga as diretrizes federais e estaduais. Se, porém, o proprietário desejar aumentar o nível de proteção e participar numa estratégia em longo prazo para proteger áreas de importância biológica acentuada, o governo federal disponibiliza a opção de criar uma reserva com proteção reforçada que integrará o Sistema Nacional de Unidades da Conservação da Natureza (SNUC), assim garantindo que a reserva seja protegida definitivamente de acordo com as diretrizes federais (lei 9.985 e decreto 5.746). Isso pode ser feito através da criação de uma Reserva Particular de Patrimônio Natural, e o número de RPPNs continua crescendo a cada ano, à medida que mais cidadãos reconhecem que cada proprietário pode cumprir seu dever para ajudar a nação a preservar sua biodiversidade (Rambaldi et al. 2005, Young 2005).

O Corredor Central da Mata Atlântica, que incorpora as florestas entre o norte de Espírito Santo e o Recôncavo Baiano, é uma das partes mais ricas, em termos de números de espécies, com altos níveis de endemismo (Mori et al. 1983, Thomas et al. 1998). O valor biológico dessas florestas é reconhecido dentro e fora do Brasil e, devido ao fato que resta tão pouco, e que as florestas continuam a serem cortadas, degradadas, fragmentadas e alvos dos caçadores, é uma prioridade de conservação no nível global (Brown & Brown 1992, Cardoso da Silva & Casteleti 2003, Mittermeier et al. 1982, Myer et al. 2000). O governo federal e os governos estaduais criaram uma série de reservas que incorporam alguns dos maiores remanescentes, especialmente na região tabuleiro no norte do Espírito Santo e o extremo sul da Bahia. Essas reservas incluem: REBIO Sooretama, REBIO Córrego do Veado, REBIO Córrego Grande, FLONA Rio Preto, PARNA Descobrimento, PARNA Alto Cariri, PARNA Pau Brasil, PARNA Monte Pascoal, REBIO Una, e Parque Estadual Serra do Conduru. Além dessas reservas governamentais, existem grandes reservas particulares na Mata Atlântica, tais como: Reserva Natural Vale, RPPN Recanto das Antas, RPPN Serra Bonita, RPPN Estação Veracel, e RPPN Serra do Teimoso, entre outras. Também têm sido estabelecidas

algumas reservas entre o Rio de Contas e o Rio Jiquiriçá, mas, com a exceção da Estação Ecológica Wenceslau Guimarães (SEMA), as únicas outras reservas governamentais são as APAs (Área de Proteção Ambiental). As APAs são de uso múltiplo e apesar de muitas vezes incorporarem grandes áreas (100-1000 km²), até agora elas têm sido ineficazes na proteção da floresta e fauna contra as depredações que continuam a danificar a biodiversidade regional. Devido a esse fato, existe uma necessidade para que sejam criadas mais reservas efetivamente protegidas nessa região tão biologicamente importante.

A cachoeira Pancada Grande e a floresta ao seu redor vêm sendo usadas pela população local desde a chegada do povo Sambaqui há milhares de anos. Sendo a maior cachoeira no litoral baiano, uma queda espetacular de 61 m onde o rio explode em cima de uma muralha de pedra, a cachoeira continua a atrair milhares de visitantes a cada ano. É um símbolo da região, usada pela população local e turistas, atraídas por sua beleza. Entre 1955 e 1971 existia uma pequena barragem hidrelétrica construída acima da cachoeira que distribuía energia à região. Com a construção de grandes barragens nos principais rios brasileiros e, portanto, uma fonte abundante de energia para a região, essa pequena hidrelétrica na Pancada Grande tornou-se irrelevante e foi abandonada. Após esse abandono, o rio retomou seu percurso natural e as florestas que foram inundadas devido à construção da barragem, começaram a recuperar-se. Desde essa época, a cachoeira tem servido como uma atração turística e um local onde a população mais carente pode relaxar e divertir-se sem qualquer ônus financeiro. Proporciona, portanto, um serviço turístico e de lazer que não existe em outras áreas da região (a praia de Pratigi localiza-se a 25 km da cidade, o que se torna longe demais para a maior parte da população uma vez que não há um serviço de ônibus público regular para o lugar). Há alguns anos havia várias iniciativas para construção de pequenas barragens para hidrelétricas (apesar de não existir uma necessidade clara, dado a disponibilidade de energia fornecida pelas grandes hidrelétricas, suficiente para a demanda local), incluindo uma na cachoeira da Pancada Grande. Se essa proposta fosse adiante, tiraria um símbolo regional e privaria a população local mais carente da única fonte de diversão gratuita e impactaria, de uma maneira negativa, o turismo pela remoção da principal atração. Também, ameaçaria a integridade da floresta acima da cachoeira, o rio e a fauna. Uma pequena hidrelétrica construída 11 km acima da cachoeira na Fazenda Juliana já modificou radicalmente o fluxo natural do rio e nos períodos mais secos, a cascata diminui consideravelmente, enquanto que nos períodos mais chuvosos, ou quando abrem o lago de retenção para aliviar a pressão na barragem, o fluxo fica perigosamente alto. A construção de uma barragem maior acima da cachoeira Pancada Grande seria um desastre ecológico e cultural. A PMB, reconhecendo essa ameaça e o conhecimento acumulado através da pesquisa científica, que prova a importância biológica das florestas ao redor da cachoeira, decidiu proporcionar a essa parte da REM um status de proteção adicional através de uma RPPN para proteger o local definitivamente para a população local e toda a nação. Esse plano de manejo representa a etapa final na implantação desse projeto.

A: Informações gerais

1) Acesso à RPPN

A RPPN situa-se nos municípios de Ituberá e Igrapiúna. A reserva incorpora as florestas de ambas margens do Rio Cachoeira Grande (também conhecido como Rio Mariana e Rio Serinhaém), e se estende 560 m abaixo da cachoeira ($39^{\circ}10'0.71''O$; $13^{\circ}46'56.45''S$) e segue o rio no sentido oeste/sudoeste por 3,2 km acima da cachoeira, e termina no limite ocidental ($39^{\circ}11'18.31''O$; $13^{\circ}47'50.95''S$). O limite mais ao norte é $39^{\circ}10'47.29''O$, $13^{\circ}47'1.23''S$ e o limite mais ao sul é $39^{\circ}11'9.73''O$, $13^{\circ}48'13.94''S$; (figuras 1-3).

A RPPN é localizada a 177 km ao sul da capital, Salvador. Existem dois percursos para se chegar à reserva, vindo da capital; o primeiro percurso envolve uma travessia num ferryboat pela Baía de Todos os Santos com duração de 50 minutos até o terminal de Bom Despacho. Nesse trecho há ônibus (das empresas Águia Branca, Camurujipe e Cidade Sol) que percorrem para o sul a cada hora pela rodovia BA-001. A reserva fica a 163 km ao sul desse terminal e a viagem dura aproximadamente três horas até a entrada da RPPN. O segundo percurso pode ser feito pela BR-324 até pouco antes de Feira de Santana, e depois seguindo a BR-101 no sentido sul chegando a Valença, onde segue a BA-001 (figura 1). Valença é a maior cidade mais próxima à reserva (população 88.637) fica a 50 km ao norte da reserva pela BA-001. A estrada que vai até a cachoeira é bem sinalizada e localiza-se na BA-001, aproximadamente 1 km ao sul de Ituberá e a 8 km ao norte de Igrapiúna. Seguir essa estrada por 2 km na margem norte do Rio Cachoeira Grande (também conhecido como Rio Serinhaém ou Rio Mariana) onde a estrada bifurca. Continuar seguindo o rio (virando à esquerda) por mais 250 m até o estacionamento. Para chegar à cachoeira será necessário uma caminhada de 300 m numa estrada de barro. A estrada é transitável durante todo o ano (mesmo em época de chuva). Atenção, a entrada para a cachoeira encontra-se numa curva perigosa da BA-001, portanto, é preciso cautela, especialmente vindo do sul. Ituberá possui um pequeno aeroporto, adequado para um avião bimotor de 12 lugares. O acesso pelo mar também é possível através do porto de Ituberá, seguindo o Canal de Serinhaém do mar. O acesso do sul é feito pela BA-001 e as cidades grandes mais próximas (150 km) são Ilhéus e Itabuna e ficam a aproximadamente 2 horas de carro. As mesmas linhas de ônibus que operam desde o terminal de Bom Despacho também servem a essas duas cidades. Os aeroportos mais próximos que têm conexões com todas as principais cidades do Brasil e além, localizam-se em Salvador e Ilhéus.

Bahia

Oceano Atlântico

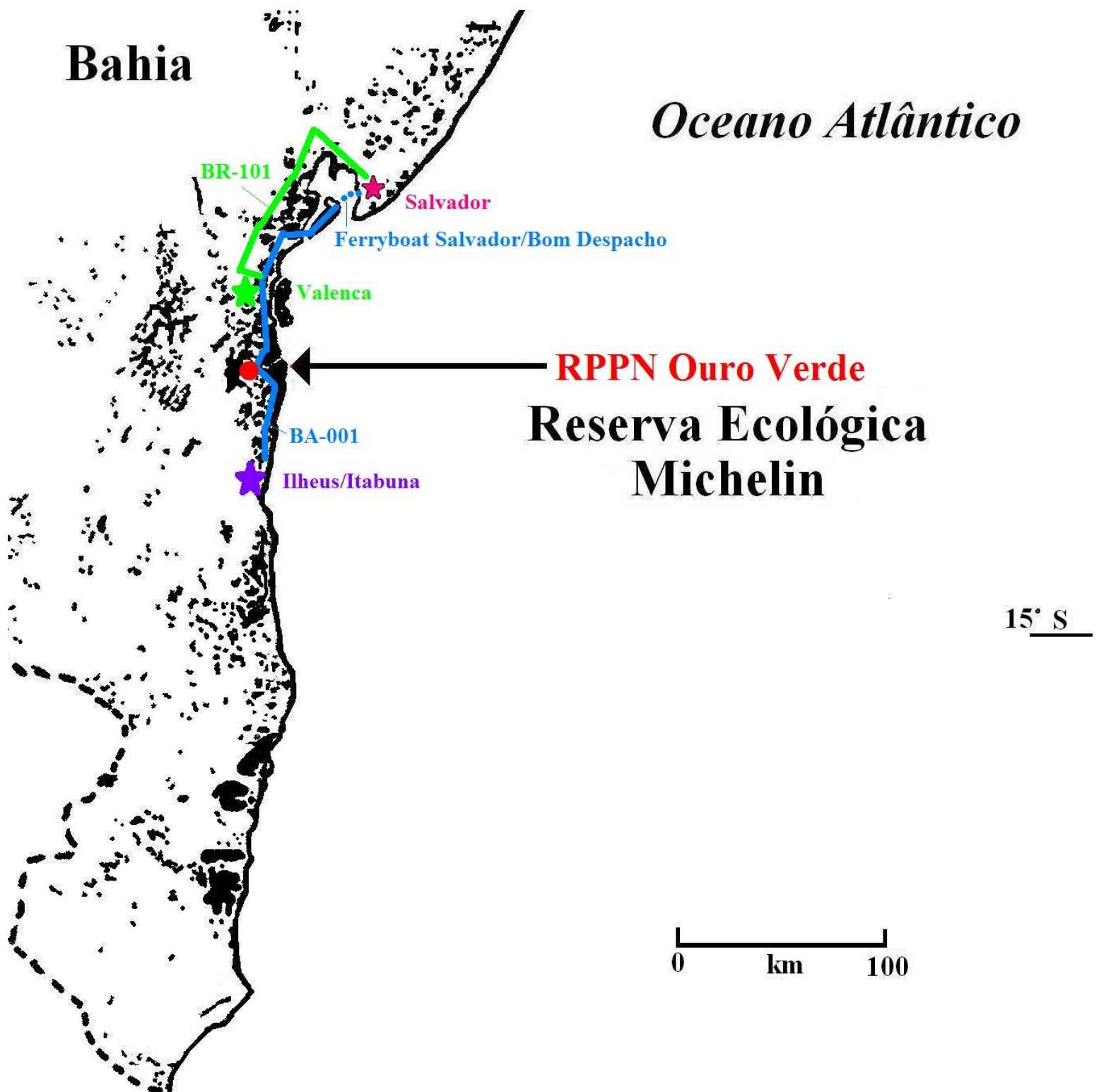


Figura 1. Localização da RPPN na Bahia e principais cidades e estradas de acesso.

2) Histórico de criação e aspectos legais da RPPN

A RPPN faz parte de uma propriedade maior adquirida por PMB em 1984. A propriedade pertencia, anteriormente, a Firestone, que a vendeu para CBB (Companhia Brasileira de Borracha) em agosto de 1983 e em seguida vendeu para PMB em junho de 1984. Essa floresta foi pesadamente explorada pela Firestone ao longo de 25 anos, porém a extração de madeira terminou ao fim dos anos 70. O setor ocidental mais plano da floresta foi o mais explorado e as florestas ao longo do rio no setor sul as menos exploradas. Em 1955, uma pequena barragem para hidrelétrica com um muro de retenção no topo da cascata foi construído, desviando a água para abastecer a turbina construída na base da cachoeira. Havia várias construções de apoio a 200 m atrás da cachoeira, ficando em operação até 1971 e depois desse período foi abandonada e Firestone incorporou essa área à sua propriedade. Quando a PMB adquiriu a área, a hidrelétrica e os prédios de apoio tinham sido abandonados há 13 anos e encontravam-se em ruínas. Por muito tempo, caçadores, pescadores e intrusos exploraram em demasia a floresta (extraíndo madeira e a palmeira jussara (*Euterpe edulis*), e o rio (pescando de forma irregular). A PMB contratou um guarda florestal para inibir a entrada de pessoas na floresta, porém esses esforços mostravam-se ineficazes e os invasores continuavam a degradar a floresta e o rio. Com o registro da floresta da PMB como uma Reserva Legal em 2004, guardas florestais adicionais foram contratados e o sistema de patrulhamento foi reorganizado em 2010. Desde então, a atividade de caça tem diminuído em mais que 90%, os pescadores, de modo geral, desistiram de usar o rio, e os cortadores de palmeira jussara e os ladrões de madeira foram expulsos.

Durante uma invasão de terra entre dezembro 1993 e janeiro de 1994, pequenos agricultores da Colônia (uma área ao norte da RPPN) cortaram vários hectares ao longo da fronteira ocidental da reserva e dois trechos menores na beira do rio e no coração da floresta. Sendo ilegal a invasão, os invasores foram expulsos pela Policia Federal e a terra devolvida a PMB.

A cachoeira sempre foi uma atração para a população local e turistas, porém até 2004, quando a PMB iniciou as reformas, essa visitação era desorganizada e prejudicou a cachoeira. Antes das reformas, as pessoas regularmente dirigiam seus veículos até a base da cachoeira, jogando lixo na floresta e no rio, prejudicando a vegetação e, à medida que não existiam banheiros, faziam suas necessidades fisiológicas em toda a área. Após 2004, a PMB construiu um estacionamento e proibiu acesso além desse ponto a não ser que o visitante tenha limitações físicas que o impeça de andar. Latas de lixo e para reciclagem foram instaladas, também como placas que advertiam sobre os possíveis perigos. Um jardineiro foi contratado para manter a limpeza do lugar; o prédio da turbina que estava caído foi recuperado; e várias pessoas foram contratadas para atender aos visitantes das 08:00 horas às 17:00 horas, 365 dias ao ano. Os funcionários da cachoeira foram capacitados em primeiros socorros e resgate aquática, e equipamentos foram instalados para qualquer emergência. A ponte de observação na base da cachoeira foi reconstruída em 2013 e pedras foram removidas para proporcionar

acesso à água sem machucar os pés. Hoje, os visitantes encontram uma área limpa e segura onde podem desfrutar a cachoeira e uma floresta bem protegida com amplas trilhas onde podem desfrutar a natureza.

A PMB tinha três razões principais quando decidiu criar uma RPPN no local. A primeira foi que a empresa reconheceu a importância biológica, cultural e econômica do local e apesar de já ter incorporado a REM desde 2004, a empresa achava que essa área especial da reserva merecia um nível de proteção especial. A segunda razão foi que devido ao fato de ter milhares de visitantes vindos para ver a cachoeira e a floresta ao seu redor anualmente, o estabelecimento de uma RPPN asseguraria que o uso da área fosse regulado de acordo com as matrizes federais formuladas para garantir a sua proteção. A terceira razão foi que existiam ameaças perenes de pessoas de fora que queriam represar a cachoeira para criar uma mini-hidrelétrica. Reconhecendo que isso iria arruinar o local como uma área turística e ponto de lazer regional e que a floresta e os animais acima da cachoeira iriam perder habitat devido à inundação causada pela lagoa de retenção, que isso alteraria a flutuação natural do nível d'água com consequências negativas para os animais e plantas aquáticas, que isso iria destruir a principal atração turística da região com uma perda subsequente de renda para Ituberá e Igrapiúna, a empresa achou que proporcionar o status de RPPN para o local protegeria o mesmo da destruição. Considerando esses três fatores, a empresa decidiu que a área fosse convertida numa RPPN, o mais alto nível de proteção para propriedades particulares.

O nome da RPPN faz referencia ao Projeto Ouro Verde Bahia (POVB) dentro do qual faz parte a criação da REM. A escolha do nome “Ouro Verde” reflete o valor ecológico e econômico das árvores dentro da propriedade, onde a floresta preserva altos níveis de biodiversidade e as seringueiras sustentam a empresa e empregam centenas de pessoas da comunidade local.

3) Ficha-Resumo da RPPN

Nome da RPPN	RPPN Ouro Verde
Nome do proprietário	Plantações Michelin da Bahia Ltda.
Nome dos representantes	Kevin M. Flesher e Daniela Demôro
Contatos	kevinmflesher@yahoo.com.br daniela.demoro@br.michelin.com
Endereço da RPPN	Reserva Ecológica Michelin Rodovia Ituberá/Camamu, Km 05 45443-000 Igrapiúna – BA
Endereço para correspondência	Rodovia Ituberá/Camamu, Km 05 45443-000 Igrapiúna – BA
Telefone/fax/e-mail/página na Internet	73-3256-8000 kevinmflesher@yahoo.com.br
Área da RPPN e área total da propriedade	RPPN = 213,7235 ha PMB = 4.588,5137 ha
Principal município de acesso à RPPN	Ituberá
Municípios e estado abrangido	Ituberá e Igrapiúna Bahia
Coordenadas	Latitude 13°46'53,59" Sul e Longitude 38°49'44,26" Oeste, Datum SAD-69
Data e número do ato legal de criação	Ordem de cartório 9.742 Portaria #10 de 27 de Janeiro de 2010
Marcos e referências importantes nos limites e confrontantes	Cachoeira da Pancada Grande
Biomas e/ou ecossistemas	Mata Atlântica Baiana Floresta Pluvial Ombrófila de Terras Baixas
Distâncias dos centros urbanos mais próximos	3 km de Ituberá 50 km de Valença 170 km de Salvador
Meio principal de chegada à UC	Estrada 2 km da BA-001
Atividades ocorrentes	Pesquisa, fiscalização, visitação, restauração

B: Diagnóstico

1) Caracterização da RPPN

1.1) Clima

O IBGE classifica a região como “clima equatorial (classificação climática de Köppen-Geiger: Af)”. A RPPN tem um clima agradável com uma precipitação anual de em media 2000 mm e temperaturas entre 18° e 30°C, com chuva ao longo do ano (dados da estação meteorológica PMB: 39°10'13.285"S 13°48'28.432"E). Há uma flutuação considerável de precipitação entre os anos (gama de 1313-2666 mm entre 1954 e 2013) e dentro do mesmo mês pode existir flutuação dependendo do ano, mas em geral a precipitação mais pesada ocorre entre fevereiro e julho, que coincide com o inverno austral, e os meses mais secos ocorrem entre agosto e janeiro. As chuvas de Santo André, que normalmente caem no final de novembro, criam um aumento de chuva durante um período mais seco do ano. As tendências de precipitação variam de dias quando nuvens passageiras podem produzir dez pancadas de chuva ou pode chover constantemente por várias semanas. Nuvens pairam sobre essa região da Bahia por semanas enquanto que em outras regiões do nordeste o sol brilha. Ventos fortes, trovões e relâmpagos são eventos raros, e não existem furacões ou tornados.

1.2) Relevo

A RPPN situa-se numa das séries de cumeeiras que correm paralelas ao litoral com o setor oriental (39°10'2.914"S 13°46'56.011"E) na base de uma cumeeira íngreme com elevação de 60 m acima do mar e a área acima da cumeeira com elevações de 120 a 140 m. No topo da cumeeira, a topografia ondulada com elevações de 120 m a beira do rio e 186 m e 190 m no topo dos dois morros (39°11'1.46"E 13°47'49.809"S e 39°10'42.844"S 13°46'59.662"S, respectivamente).

1.3) Hidrografia

A RPPN situa-se nas margens norte e sul do Rio Cachoeira Grande (também conhecido como Rio Mariana e Rio Serinhaem) e toda RPPN encontra-se dentro da bacia desse rio. O rio nasce nas serras ao sul de Pirai do Norte, a 21 km no sentido oeste da reserva (39°23'15.35"S 13°48'32.57"E). Ele encontra dois rios menores a 11.5 km a sudeste da reserva (39°17'2.27"S 13°50'48.76"E), transformando-se no Rio Cachoeira Grande. O fato de chover regularmente ao longo do ano e de não existir uma época de seca, o nível do rio eleva ou cai dependendo da quantidade de chuva. Nas épocas mais secas as pedras no leito do rio ficam expostas quando o rio recua até 10 m das margens no ponto mais amplo do rio. Nas épocas de chuvas fortes, a água transborda as margens e uma parte da floresta fica temporariamente inundada, com pequenos poços acumulando água que pode permanecer por várias semanas. A floresta inundada não ultrapassa mais de 20

m da margem do rio. O ponto mais profundo do rio não excede 4 m. Na maior parte, a profundidade do rio varia entre 1 a 2 m. Existem três principais nascentes na floresta cujo cumprimento não excede 400 m (39°10'56.974"O 13°47'13.983"S, 39°11'8.93"WO 13°47'35.811"S, 39°11'8.884"O 13°47'40.265"S). A largura desses nascentes não excede 2 m com uma profundidade que não excede 0,5 m. Todas as três nascentes fluem em direção a Rio Cachoeira Grande.

1.4) Espeleologia

Não existem grutas na RPPN.

1.5) Vegetação

A floresta está localizada dentro do bioma da Mata Atlântica caracterizada como floresta pluvial ombrófila densa de terras baixas. Essa floresta foi pesadamente explorada por madeireiros durante 25 anos e essas operações terminaram no fim dos anos 70. Não existem áreas intocadas nem “virgens” na reserva. O setor ocidental mais plano da floresta (39°10'56.533"O 13°47'20.375"S) foi o mais explorado e a parte acima do rio e a floresta no topo dos morros a menos explorada (39°11'8.45"O 13°47'54.888"S; 39°10'41.365"O 13°47'9.105"S). Hoje, a floresta remanescente consiste em 48,1% pesadamente explorada e 51,9% de impacto médio de exploração. Existem ainda pequenos trechos de árvores centenárias na parte central da floresta (39°10'54.568"O 13°47'41.583"S), porém a maior parte das árvores são da espécie *Eriotheca* spp. e as espécies de crescimento rápido como *Sclerolobium*, *Balizia* e *Parkia pendula*. As árvores raras e de alto valor incluem as famílias Myrtaceae, Sapotaceae, Lecythidaceae, Caryocaraceae, e Fabaceae. As espécies notáveis incluem *Eugenia* spp., *Pouteria* e *Manilkara* spp., *Caryocar edule*, *Copaifera langsdorffii*, e *Lecythis pisonis*. Há uma população robusta da palmeira jussara (*Euterpe edulis*) com milhares de árvores no sub-bosque da floresta. De uma maneira geral, o dossel superior é de 10-15 + m de altura com alguns emergentes com mais de 20-30 m de altura e a vegetação do sub-bosque tende a ser densa e de 3 a 4 m com uma abundância de árvores jovens, palmeiras e *Heliconias*. Bromélias, filodendros, cipós, lianas são mais comuns na mata ciliar. Um trecho denso de vegetação herbácea alinha três córregos grandes e dois menores e varias árvores caídas ao longo do rio estão cheios de bambu trepadeira. Adjacente às terras agrícolas da Colônia, incluem seringueiras, cacau, banana e cravo, porém várias dessas fazendas têm sido abandonadas e foram tomadas pelo mato. A Tabela 1 descreve os dois tipos de floresta encontrados na reserva. Anexo 1 proporciona uma lista das espécies de plantas registradas na reserva.

Apesar de ter várias espécies da árvore *Acacia mangium* na reserva, essas ocorrem, na maior parte, na borda da floresta e não penetram no seu interior. Fora essa espécie exótica, a floresta não sofre nenhuma ameaça de vegetação invasiva.

Tabela 1 Classificação da Floresta da RPPN Ouro Verde, Reserva Ecológica Michelin, Bahia, Brasil.

Tipo de floresta	Características	Descrição
Pesadamente Impactada 48,1%	Historico do uso	Foi tirada a maior parte das árvores de grande e médio porte de 50 a 70 anos.
	Perfil estrutural	Denso, contínuo de 8 a 15 m; emergentes de até 20 m.
	Cipós e lianas	Abundancia baixa a moderada de cipós Abundancia variável de lianas de pequeno e médio porte, mas ocorrem em todos os níveis, às vezes se formando em conjuntos densos no dossel
	Bromélias	Ausente ou raro
	Palmeiras	Abundância baixa
	Genera dominante	<i>Helicostylis, Tovomita, Eschweilera, Pogonophora, Garcinia, Pourouma, Virola, Anartia, Cordia, Apeiba, Eugenia, Sloanea, Brosimum, Eriotheca, Inga, Swartzia</i> Frequent emergents: <i>Sclerolobium, Balizia, Parkia, Albizia, Nectandra</i>
	Outra Genera	<i>Senna, Schefflera, Margaritaria, Mabea, Miconia, Symphonia, Tibouchina, Protium, Guettarda, Guatteria, Ficus</i>
Impacto Medio 51,9%	Histórico do uso	Intensamente impactada de 50 a 70 anos; A maior parte das árvores de médio e grande porte foram extraídas, mas permanecem árvores maduras individuais (a maioria da espécie <i>Eriotheca spp.</i>) e/ou pequenos trechos de árvores de médio ou grande porte ainda em pé.
	Perfil estrutural	Vegetação rasteira moderadamente densa de 2 a 5 m com vegetação continua menos denso de 10 a 15 m; emergentes espaçados de 20+ m.
	Cipós e lianas	Cipós: alguns agrupamentos no dossel; Abundancia variável de lianas delgadas e medias.
	Bromélias	A maior parte nas árvores remanescentes
	Palmeiras	Geralmente com abundancia baixa; <i>Euterpe, Syagrus, Bactris</i>
	Genera dominante	<i>Helicostylis, Pogonophora, Garcinia, Tovomita, Eschweilera, Eugenia, Pourouma, Cordia, Swartzia,</i>

		<i>Amaouia, Pouteria, Xylopia, Mabea, Trichilia, Guettarda, Siparuna, Casearia, Diplooon, Ecclinusa, Micropholis, Pradosia, Brosimum</i> Árvores remanescentes grandes incluem: <i>Eriotheca, Sloanea, Copaifera, Virola, Licania, Caryocar, Lecythis, Symphonia, Arapatiella, Manilkara</i>
	Outra Genera	<i>Carpotroche, Pera, Talisia, Myrciaria, Calyptranthese, Lacistema, Sterculia, Miconia, Tachigali, Nectandra, Ocotea, Protium, Macrolobium, Tetragastris</i>

1.6) Fauna

A fauna é rica e tem se recuperado de uma maneira significante desde a criação da reserva. O anexo 2 mostra listas de espécies de animais registradas na reserva. Várias espécies merecem destaque nessa parte do texto pelo seu alto valor de conservação. Dos primatas, a floresta sustenta um grupo de macaco prego de peito amarelo (*Sapajus xanthosternos*) e muitos grupos de guigós (*Callicebus melanochir*), o primeiro listado como ameaçado de extinção e o último de vulnerável. Ambas as espécies estão restritas a parte norte do Corredor Central da Mata Atlântica, e no caso do macaco prego, ocorre nos biomas adjacentes até a margem ocidental do Rio São Francisco. Também registrado aqui são o ouriço preto (*Chaetomys subspinosus*) e o luis caxeiro (*Sphiggurus insidiosus*) ambas as espécies endêmicas ao Corredor Central e a preguiça de coleira (*Bradypus torquatus*), essa endêmica à Mata Atlântica. Espécies com amplo registro na RPPN, porém encontram-se raras em outras partes da Mata Atlântica incluindo a sussuarana (*Puma concolor*), caititu (*Pecari tajacu*), e lontra (*Lontra longicaudis*). O tatu verdadeiro (*Dasyurus novemcinctus*), a paca (*Cuniculus paca*), e o veado (*Mazama americana*) são abundantes. Mais de 250 espécies de aves têm sido registradas na reserva, incluindo o mutum do sudeste (*Crax blumenbachii*), criticamente ameaçado de extinção, que recolonizou a RPPN da floresta de Pacangê (REM) em 2010. Existe uma população de andorinhas (*Cypseloides senex*) que vive na cachoeira. Há também o tucano de bico preto (*Ramphastos vitellinus*) que recolonizou a floresta em 2006 e a jacupemba (*Penelope superciliaris*) que recolonizou a floresta em 2007. Entre as cobras encontramos a espécie endêmica e ameaçada jararaca-tapete (*Bothrops pirajai*). Existem 30 espécies de peixes e mais de 1000 espécies de artrópodes vivendo na reserva.

Espécies de árvores com importância significativa para a fauna, em termos de comida e abrigo incluem: *Sloanea spp.* (*garckeana, monosperma, usurpatrix*) ("gindiba") que fornecem uma abundância de frutos nutritivos consumidos avidamente por aves e mamíferos. Essas árvores grandes também proporcionam abrigo para aves e mamíferos nos seus amplos troncos. Os frutos da *Licania salzmanni* ("oiti") são ricos em lipídios e vitaminas e atraem paca, cutia (*Dasyprocta leporina*), papamel (*Eira barbara*), macaco prego de peito amarelo, guigó, entre outras espécies; A espécie da *Lecythis pisonis*

("sapucaia") atrai uma variedade grande de abelhas e morcegos e macacos alimentam-se dos seus frutos. Outras árvores importantes para a fauna incluem a palmeira jussara, que produz frutos abundantes durante a época de escassez, e cujos frutos são consumidos por uma ampla variedade de aves e mamíferos. A sua polpa oleosa permite que a fauna engorde e a capacite para enfrentar os meses de escassez que seguem. A *Tovomita mangle* é outra árvore que produz frutos grandes e nutricionais consumidos por aves e mamíferos maiores, e é o predileto dos tucanos.

Não existem animais exóticos na reserva, exceto os cães que, de vez em quando, entram das propriedades vizinhas. Expulsamos todos os animais encontrados e caso o mesmo continue a penetrar na reserva, entramos em contato com o dono para que ele não permita que isso aconteça.

1.7) Aspectos Históricos e Culturais

Apesar de não existirem sítios arqueológicos, a cachoeira Pancada Grande é culturalmente importante como símbolo da região e um local de lazer onde pessoas podem comungar com a natureza. É bastante óbvio que as pessoas sentem um senso de ‘maravilha’ quando visitam a cachoeira e por essa razão, ela atrai pessoas da região e além. O local é sagrado para alguns praticantes de candomblé, que deixam oferendas, principalmente amorosas ao longo do rio acima da cachoeira.

1.8) Visitação

A área da cachoeira e as trilhas na floresta estão abertas ao público entre 08:00 e 17:00 horas e os visitantes vêm durante todo o ano. Toda visitação é regulamentada pelos monitores presentes na cachoeira e no estacionamento na entrada da reserva (tabela 2) de acordo com as regras da RPPN. A maior parte dos visitantes permanecem 15 a 60 minutos no local quando tiram fotos, tomam banho, relaxam, ou fazem piquenique. Os visitantes locais costumam passar mais tempo do que visitantes de fora, e muitas vezes trazem as suas famílias para passar diversas horas relaxando na cachoeira. Poucas pessoas utilizam as trilhas e a maior parte apenas andam por um período curto no primeiro quilometro da Trilha do Rio antes de retornar.

A área da cachoeira e as trilhas na floresta estão abertas também para programas de educação ambiental. Esses grupos, na sua maioria, estão liderados por funcionários do programa de educação ambiental do CEB e atendem às necessidades educacionais da população local. A maior parte dos jovens vem dos povoados vizinhos a RPPN, mas às vezes, grupos de fora vêm para usar a floresta.

Não existem consequências negativas aparentes do uso público do local a não ser que as pessoas gravem seus nomes nas árvores que alinham a trilha, mas isso ocorre principalmente no bambu perto da cachoeira. As caminhadas do programa de educação ambiental são monitoradas e os monitores asseguram se as regras estão sendo seguidas.

Os guardas florestais coletam qualquer lixo encontrado ao longo das trilhas durante as suas patrulhas. Os caçadores contrariados às regras às vezes destroem as placas da RPPN que são, em seguida, substituídas. A RPPN toda está monitorada diariamente pelos monitores da cachoeira e a cada três dias pelos guardas e pelo menos duas vezes por mês pelo administrador e gerente da reserva.

Tabela 2. Regras de conduta para visitantes na Cachoeira Pancada Grande.

- Devem entrar na água somente aqueles que sabem nadar
- Não escalar as rochas
- Crianças precisam estar sempre acompanhadas
- Há um limite de 10 pessoas na ponte
- É proibido pular da ponte
- Por o lixo nas latas apropriadas
- Se for fazer piquenique, não o faça na ponte ou outros pontos de acesso à água.
- Tocar música gravada é proibido; tocar discretamente instrumentos acústicos é permitido.
- Nos casos de emergência, entrar em contato com os funcionários de plantão e eles solicitarão ajuda; nossos funcionários usam uniformes e são fáceis de identificar.
- Essa floresta é altamente protegida sob o regime de RPPN onde pela lei federal é proibida a danificação ou remoção de qualquer organismo. As penalidades federais são rigorosas;
- Não caminhar sozinho.
- Não sair das trilhas.
- Cuidado: as pontes podem ser escorregadias.
- Quando tiver dúvida sobre o seu paradeiro, volte no sentido de onde veio. Imprima e carregue um mapa das trilhas antes de visitar a floresta.
- Carregue um kit básico de primeiros socorros, uma lanterna e água, e vista roupas apropriadas que incluem sapatos fechados e calça comprida. Traga repelente.
- Não beba água dos córregos.
- Esteja sempre com um celular das operadoras Claro ou Vivo; a recepção geralmente é boa nessa floresta, mas é bom lembrar que nem todos os pontos na floresta tenham recepção; se precisar fazer uma ligação, especialmente nas partes mais altas da floresta, continue andando e tente locais diferentes até achar o sinal.

1.9) Pesquisa e monitoramento

A floresta tem sido aberta a cientistas desde 1997, mas poucos estudos sistemáticos foram feitos antes de 2006 quando o Centro de Estudos da Biodiversidade lançou seu programa de pesquisa. Desde aquela data, a RPPN tem sido o foco de 10 a 30 estudos cada ano com uma diversidade de pesquisa realizada (Anexo 5 e 6). A maior parte dos cientistas está filiada com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e a Universidade Federal Recôncavo Baiano (UFRB), porém cientistas de outras universidades brasileiras, frequentemente usam a reserva, inclusive a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), e Universidade Federal de Viçosa (UFV). Todos os pedidos de permissão para realizar pesquisa na RPPN são avaliados pelo gerente da REM. Os pedidos são recebidos no final de cada ano e aqueles estudos bem concebidos são aceitos. Todos os cientistas seguem os protocolos estabelecidos pelo governo federal brasileiro e sempre fornecem as licenças necessárias antes de iniciar seus estudos. As amostras coletadas são depositadas na instituição de pesquisa do cientista realizando a pesquisa de acordo com as estipulações das licenças.

Quando os estudos forem concluídos, os cientistas enviarão os resultados na forma de tese ou artigos publicados em periódicos científicos. Essa informação é arquivada no CEB. A utilidade da pesquisa serve mais para nos ajudar a entender o ecossistema da Mata Atlântica do que para fins de gestão, pois seguimos a filosofia de proteger rigorosamente a floresta enquanto deixamos que os processos do ecossistema aconteçam. A natureza sabe como se gerenciar, nosso trabalho é permitir que ela exerça esse papel.

Não incentivamos uma linha específica de pesquisa. Seguimos a filosofia de que toda pesquisa bem concebida é relevante para avanço da ciência. Porém, dado que a maior parte dos cientistas que submete propostas ao CEB é de universidades baianas, a maioria a maioria das pesquisas tem seu foco nas áreas de especialidade dessas instituições. Os organismos mais estudados até esse momento são: anfíbios, abelhas e formigas; e por parte da REM, os mamíferos de médio e grande porte.

O CEB realiza vários programas de monitoramento em longo prazo na RPPN que nos ajudam a entender como esse ecossistema funciona. Esses programas incluem o monitoramento de mamíferos de médio e grande porte, aves de grande porte e o teiú (*Tupinambis teguaxim*), a fenologia da frutificação das árvores e a pressão dos caçadores. O monitoramento dos animais consiste em levantamentos com duração de um ano e 230 km de caminhadas de transecções realizadas de dia e de noite, ao longo das trilhas na floresta. Os dados são coletados em intervalos de quatro anos. O objetivo é coletar dados sobre as distribuições de espécies, o uso do habitat, abundâncias e mudanças nas mesmas que podem ocorrer ao longo do tempo. O estudo da fenologia consiste em caminhar ao longo de todas as trilhas pelo menos uma vez por mês e

register a queda dos frutos. Esses dados nos ajudam a entender a dinâmica de produção de alimentos para a fauna, também como as estratégias de recrutamento das árvores. Os guardas florestais regularmente patrulham a floresta, dentro e fora das trilhas de dia e de noite. Se encontrarem algum sinal de atividade de caçadores, eles registram o tipo (armadilha, espera, cães) o tipo de isca usada (no caso de um armadilha ou espera), a data, o local (marcado com GPS) e depois destroem a espera ou armadilha. Eles escrevem relatos diários que mandam ao administrador da REM, que então envia um relatório mensal ao gerente da REM. O gerente da REM analisa os dados e usa os mesmos para determinar as rotas de patrulha para o próximo mês. Dessa maneira, o monitoramento influencia diretamente nossas decisões de gestão. As patrulhas são intensificadas nas áreas de maior pressão dos caçadores até que essa atividade cesse.

Para incentivar pesquisa que seja produtiva, segura e com custo acessível, proporcionamos alojamento sem custo algum para todos os cientistas com projetos aceitos. Esses serviços estão disponíveis no prédio do CEB ($39^{\circ}10'15.171^{\prime\prime}$ O $13^{\circ}49'15.655^{\prime\prime}$ S) na parte da REM que fica fora da RPPN. Os cientistas têm acesso a toda RPPN para realizar pesquisa e, portanto, mantemos a rede de trilhas limpa e fornecemos mapas para o seu uso. Quando necessário no inicio do estudo, também fornecemos ajuda de campo temporária para montar suas parcelas e oferecemos tours de reconhecimento da área. Não disponibilizamos outros equipamentos ou transporte para pesquisa a não ser que tenha tido um acordo a esse respeito constado especificamente no convênio.

1.10) Ocorrência de fogo

Não há histórico de incêndio na reserva ou nas paisagens vizinhas. À medida que as atividades agrícolas são agroflorestais e chove durante todo o ano, o fogo não é uma ameaça. No entanto, os guardas florestais estão capacitados para combater o fogo e fizeram um curso de reforço conduzido pelo Departamento dos Bombeiros de Ilhéus em julho de 2014. Eles tomam esse curso a cada dois anos.

1.11) Atividades desenvolvidas na RPPN

A atividade mais fundamental da reserva é a proteção. A REM possui quatro guardas florestais com pelo menos dois patrulhando a reserva qualquer dia do ano. O gerente da REM determina as rotas da patrulha e as horas baseado em dados previamente coletados que indicam se houve pressão dos caçadores nos meses anteriores. Cada parte da floresta é patrulhada no mínimo uma vez por semana para que quaisquer armadilhas ou espera possam ser encontrados antes que um caçador tenha a oportunidade de usá-los. Cães são expulsos da floresta e qualquer caçador identificado é advertido para não entrar na reserva de novo e o seu nome é passado aos guardas de segurança da fazenda. Se um caçador for pego outra vez, o diretor de segurança da fazenda entra em contato com a polícia local (Igrapiúna ou Ituberá, dependendo de onde o caçador for pego) que

agirá de acordo com a lei. Desde que foi iniciado o patrulhamento regular a presença dos caçadores tem sido quase totalmente eliminada. Ocasionalmente caçadores ainda montam armadilhas e esperas nas bordas da floresta, mas os guardas florestais são eficazes em achá-los e destruí-los. Monitoramento de longo prazo da fauna mostra que as abundâncias dos mamíferos têm aumentado 451% desde a criação da reserva (de 2,9 animais registrados cada 10 km andados para 15,98 animais registrado cada 10 km andados), com as populações de tatu verdadeiro, paca, veado, e guigó mostrando as recuperações mais notáveis. É raro encontrarmos quaisquer sinais de atividade por caçadores e os registros dessas atividades na RPPN têm caído para um a cinco por ano.

RPPN é aberta para pesquisa científica, visitação turística e educação ambiental, todas essas atividades estão descritas acima. Nenhuma dessas atividades prejudica a integridade da RPPN e são monitoradas pelos funcionários da REM diariamente.

1.12) Sistema de Gestão

A RPPN é exclusivamente gerenciada pela PMB através do CEB da REM. O gerente da REM é responsável por todas as decisões de gestão e o administrador é responsável por garantir que todas as decisões e protocolos da gerência sejam realizadas diariamente. O gerente da REM está regularmente em contato com o diretor da PMB e o escritório da Michelin no Rio. Todas as atividades que ocorrem na reserva são registradas em relatório mensais. O governo municipal de Ituberá emprega uma pessoa que ajuda os funcionários da REM na cachoeira, ajudando no estacionamento e manutenção da limpeza. Não temos nenhuma parceira com outras ONGs ou OSCIPs, nem temos conselho consultivo.

1.13) Pessoal

Temos quatro guardas florestais, dois monitores de visitação na cachoeira, um jardineiro para cuidar da área, um administrador que coordena as atividades diárias das pessoas mencionadas acima, e um gerente que supervisiona toda a operação e toma as decisões de gestão (Tabela 3.) As responsabilidades principais de cada pessoa incluem:

- O gerente da RPPN: Kevin Michael Flesher; gerente da REM, do CEB e da RPPN, responsável pelas decisões acerca das atividades na reserva e assegurar que todo o trabalho seja feito de acordo com as diretrizes, os padrões de qualidade e interesses da empresa.
- O administrador da RPPN: André Souza dos Santos; responsável por assegurar que todo o trabalho e projetos sejam realizados diariamente de acordo com as ordens do gerente.
- Guardas florestais: os quatro guardas florestais são responsáveis por: patrulhar as florestas da REM; escrever relatórios constatando quaisquer atividades ilegais na reserva; destruir quaisquer armadilhas e esperas; manter limpas as trilhas nas florestas; acompanhar os cursos de educação ambiental na floresta; ajudar

cientistas quando necessário; ajudar em caso de emergência; monitorar a cachoeira quando os monitores regulares estão de folga.

- Monitores de visitação: Antônia Atanásia Luz de Jesus é responsável por assegurar que o público que visita a cachoeira siga as regras; tomar conta dos equipamentos de emergência; prestar primeiros socorros e resgatar pessoas da água se necessário; fornecer informação sobre a cachoeira, a REM e a RPPN; acompanhar as caminhadas de educação ambiental na floresta e manter o local limpo. Danilo Costa Leite é responsável por cuidar do estacionamento, controlar a guarita, manter limpa a área do estacionamento, orientar visitantes, relatar quaisquer atividades ilegais, garantir que o rádio amador esteja funcionando, monitorar a visitação na cachoeira quando Antônia estiver no almoço, ajudar nas emergências quando necessário.
- Trabalhador municipal: ele não é um funcionário da PMB. A prefeitura de Ituberá é responsável pelo seu treinamento e salário. A sua função é manter limpa a área de visitação da cachoeira. Ele não está capacitado em resgate emergencial nem primeiros socorros e, portanto, não está capacitado para participar nessas atividades.
- Jardineiro: ele também não é um funcionário da PMB. Ele faz parte da equipe terceirizada que trabalha para Fazenda Viva (a empresa que fornece mão de obra para as plantações regionais). Essa empresa foi contratada pela PMB para realizar o trabalho braçal na plantação. O trabalho dele é jardinagem e também manter a área de visitação limpa.

Os funcionários participaram no curso "Treinamento Multidisciplinar em Atendimento Pré- Hospitalar (APH): Salvamento em Altura, Salvamento Aquático, Combate a Incêndio, Sobrevivência na Mata" com certificação concedida em julho de 2012. O curso é organizado pelo Departamento de Bombeiros de Ilhéus. Toda equipe está programada para repetir o treinamento ao final de 2014.

Tabela 3. Funcionários PMB/REM/RPPN Ouro Verde

Funcionário	Cargo	Idade	Tempo de Serviço	Escolaridade
Kevin Michael Flesher	Gerente da REM, CEB, RPPN	53	8 anos	Doutorado em Ecologia e Evolução
André Souza dos Santos	Administrador da REM, CEB, RPPN	55	30 anos	Ensino médio completo
Antônio Camilo de Jesus	Guarda Florestal	52	13 anos	Até 5º ano
Edenildo Norberto Oliveira	Guarda Florestal	44	9 anos	Até 9º ano
Rosivan dos Santos	Guarda Florestal	27	5 anos	Ensino médio completo
Valdir Kleber de Jesus Sena	Guarda Florestal	38	6 anos	Ensino médio completo
Antônia Atanasia Luz de Jesus	Monitor de Visitação	38	9 anos	Ensino médio completo
Danilo Costa Leite	Monitor de Visitação	31	2 anos	Ensino médio completo

1.14) Infraestrutura

A infraestrutura da RPPN consiste em:

1. Um prédio de apoio próximo à cachoeira utilizado pelos funcionários da RPPN para observar as atividades na mesma e onde o equipamento de emergência está guardado (39°10'18.389"S 13°47'0.672"E). O público não tem acesso a esse prédio. Pintamos esse prédio a cada quatro anos e esse se encontra em boas condições. Às vezes, alunos pintam cenas de natureza ao lado do prédio como parte dos eventos do Dia do Meio Ambiente;
2. Um banheiro unisex afastado 100 m da cachoeira (39°10'14.226"S 13°46'57.15"E). O banheiro está aberto para o público de 8:00 a 17:00 horas e sua limpeza é feita de acordo com a necessidade (pelo menos duas vezes ao dia, e várias vezes durante a época de visitação mais pesada de verão). Os banheiros dessa área foram instalados de acordo com as leis federais acerca de tratamento apropriado de esgoto pelos funcionários da PMB/PGRS e são inspecionados por um auditor independente uma vez por ano (Anexo 8);

3. Uma lanchonete com dois banheiros, afastados 200 m da cachoeira ($39^{\circ}10'11.293''O$ $13^{\circ}46'57.088''S$). A lanchonete está funciona durante os meses de verão e é terceirizada;
4. Um estacionamento com capacidade para 45 carros com um pequeno prédio para fornecer abrigo aos funcionários da RPPN ($39^{\circ}9'59.304''O$ $13^{\circ}46'55.503''S$). O estacionamento está adequado para o uso de visitantes e é mantido limpo pelo jardineiro;
5. Vários bancos para o uso dos visitantes acima e na base da cachoeira; eles são poucos utilizados pelos visitantes, portanto, os já existentes são suficientes. Recebem manutenção de acordo com a necessidade;
6. Há muitas placas ao longo de toda a área de visitação, indicando áreas de perigo e fornecendo informações sobre a reserva e informação oficial sobre a RPPN. As placas existentes são adequadas pelos propósitos de gestão e estão colocadas em toda área de visitação e em cada ponto de entrada no rio. Às vezes, vândalos destroem as placas, e a chuva e umidade fazem necessário as suas substituições periodicamente. A maior parte das placas dura 3 a 5 anos, mas são substituídas quando necessário (todas foram substituídas em 2014);
7. 7,8 km de trilhas bem mantidas e com 1 m de largura dão acesso à floresta. Existem cinco pontes construídas acima dos córregos para que os visitantes não precisem andar na água e servem também para proteger essas vias hídricas. As trilhas estão marcadas com fita em intervalos de 100 m; mapas das trilhas estão disponíveis no escritório do CEB;
8. Duas estradas de barro servem como parte da infraestrutura turística; a primeira vai do estacionamento até a cachoeira ($39^{\circ}10'15.211''O$ $13^{\circ}46'57.688''S$) e outra vai do estacionamento até o topo da cachoeira ($39^{\circ}10'19.219''O$ $13^{\circ}46'55.984''S$). Essas estradas servem apenas para pedestres com a exceção de visitantes com limitações físicas e para os funcionários da reserva. Estradas de barro sazonais são mantidas quando necessário;
9. Há uma ponte de observação na parte baixa da cachoeira com capacidade para 10 pessoas por vez ($39^{\circ}10'19.377''O$ $13^{\circ}47'1.755''S$). A ponte é feita de madeira e concreto e foi completamente reconstruída em dezembro de 2013 e deve ficar segura por pelo menos os próximos 10 anos. É inspecionada mensalmente;
10. Há uma escada de concreto com corrimões de metal que vai da base da cachoeira ao topo para que os turistas possam alcançá-lo rapidamente ($39^{\circ}10'20.192''O$ $13^{\circ}47'0.441''S$). Os corrimões foram substituídos em 2013 e devem permanecer em bom estado por pelo menos 10 anos. Esses corrimões se estendem por 20 m além do topo da cachoeira como prevenção a acidentes.

11. Existem latas de lixo em toda a área de visitação e latas para reciclagem no topo da cachoeira e no estacionamento. O lixo e materiais recicláveis são coletados uma vez por semana pelos funcionários da PMB PGRS e dispensados de acordo com os protocolos da empresa que são baseados nas leis estaduais e federal e os regulamentos ISO 9001 e 14000.

Não há fonte de energia. Quando precisamos de energia para eventos educacionais, utilizamos um gerador que opera com gasolina e que fica no prédio do CEB. Dado que eventos que requerem energia elétrica não são frequentes (uma ou duas vezes ao ano), não há necessidade de uma fonte permanente de energia elétrica e a PMB não tem planos de instalar quaisquer equipamentos que requerem energia no futuro próximo. A área da cachoeira fecha ao fim do dia e os monitores saem da área às 17:00 horas, então não há necessidade de luzes elétricas. Os guardas usam lanternas quando patrulham a área.

Toda infraestrutura é verificada diariamente pelos funcionários da reserva e quaisquer placas, pontes, etc. danificadas são relatadas ao administrador e consertadas tão logo possível. As estradas são niveladas quando necessário, mas à medida que não tenha muito transito de veículos, isso se faz necessário apenas a cada 4 a 5 anos. As trilhas são patrulhadas pelos guardas florestais mantendo-as limpas. As árvores caídas nas trilhas são removidas com um motosserra tão logo possível (normalmente dentro de 3 dias após a queda). As placas destruídas por vândalos são substituídas assim que são descobertas. A ponte de observação na base da cachoeira foi substituída em 2013 e não deve precisar ser refeita por pelo menos 10 anos. Os banheiros são limpos diariamente, e abertos pela manhã e fechados às 17:00h quando os funcionários saem. Existe um portão no estacionamento que impede o transito de veículos. Somente com autorização do funcionário esse portão é liberado.

A infraestrutura necessária para que a RPPN funcione está completa. Uma vez que temos monitorado o uso dessa infraestrutura ao longo dos últimos cinco anos e não temos achado quaisquer deficiências, estamos satisfeitos que seja adequada pelas necessidades atuais e futuras e não temos a intenção de expandi-la no futuro. As trilhas na floresta são de um tamanho suficiente para que grupos de até 20 alunos possam circular com conforto e sem perigo durante as caminhadas de educação ambiental. O acesso à cachoeira e à área de lazer acima da mesma podem abrigar algumas centenas de pessoas por dia durante o período de uso intensivo. As placas sinalizando os perigos de rochas escorregadias, a profundidade da água, e a correnteza do rio estão posicionadas estrategicamente para que qualquer pessoa que se aproxima dessas áreas possa vê-las.

As placas oficiais da RPPN estão posicionadas na entrada da cachoeira e nos dois lados da floresta, e três placas menores advertindo sobre a proibição da pesca, da caça e contra qualquer prejuízo a flora estão posicionadas nas trilhas mais visíveis pelos transeuntes.

1.15) Equipamentos e Serviços

O kit de primeiros socorros e os equipamentos de resgate aquático ficam no prédio da administração em frente à cachoeira (no período de 8:00 às 17:00h os equipamentos de resgate aquático são colocados ao lado da cachoeira). Há uma torre da operadora Claro a 4,1 km ao sul da cachoeira ($39^{\circ} 9'18.09''\text{O}$, $13^{\circ}48'59.19''\text{S}$) que fornece boa recepção na maior parte da floresta. Serviços alternativos de celular na região com boa recepção incluem a Vivo que possui uma torre a 12 km ao oeste da cachoeira. Todos os funcionários da cachoeira têm telefones celulares e há um radio amador na guarita do estacionamento para comunicação com a segurança da PMB. Sendo os monitores e os guardas florestais treinados em primeiros socorros, o protocolo determina que os funcionários ajam de acordo com a necessidade que se apresenta; nos casos de emergências, imediatamente acionar a segurança da PMB que entrará em contato com o hospital de Ituberá e a polícia, se necessário.

Os guardas florestais têm uniformes do seu próprio desenho, facões, botas, lanternas, kits de primeiros socorros, telefones celulares, GPS, cadernos, canetas, mochilas, e um veículo. Por questões de segurança, eles não patrulham à noite sozinhos. Os monitores da cachoeira não possuem veículo, porém eles coordenam as suas necessidades de transporte com os guardas florestais e a segurança da PMB. O escritório central e a sede de segurança da PMB ficam apenas a 2 km da cachoeira e eles possuem vários veículos, portanto, eles respondem rapidamente às emergências e podem alcançar a cachoeira dentro de dez minutos se for necessário.

A REM proporciona laboratórios e dormitórios para os cientistas, mas esses ficam no prédio do CEB, fora da RPPN. Os únicos serviços que fornecemos aos cientistas são o acesso à floresta e uma infraestrutura que os permita acesso às suas áreas de estudo. Fornecemos ajuda de campo quando necessário, em casos que o cientista esteja montando o seu local de estudo e oferecemos a companhia de um guarda florestal para orientar os cientistas durante a sua primeira visita ou até o momento que eles se tornem familiarizados o suficiente com o sistema de trilhas para andar sozinhos.

Os monitores da cachoeira oferecem informação e orientação para os visitantes quando requisitados, mas não distribuímos panfletos. Fizemos no passado, mas vimos que as pessoas normalmente os jogavam no lixo ou no chão perto da cachoeira e por essa razão desistimos da prática. Proporcionamos uma infraestrutura bem mantida nas áreas de visitação que permite que os visitantes tenham acesso à cachoeira e à área de lazer acima da mesma, ao longo das estradas e trilhas e à ponte de observação. Os bancos permitem que os visitantes tenham lugar para sentar confortavelmente nas áreas de visitação. Os banheiros são mantidos limpos e abertos nas horas de visitação e o lixo e material reciclável são coletados semanalmente (ou com mais frequência durante os meses de verão). Os monitores mantêm equipamentos de primeiros socorros e de resgate aquático para o caso de necessidade.

1.16) Recursos financeiros

A PMB gasta aproximadamente R\$100.000,00/ano para manter a RPPN. Isso inclui toda infraestrutura, os salários do jardineiro e dois monitores da cachoeira e uma parte dos salários dos guardas florestais. Todos os recursos financeiros vêm do Grupo Michelin e não há auxílio financeiro de qualquer outra organização.

1.17) Formas de Cooperação

O governo municipal de Ituberá fornece um trabalhador para ajudar os funcionários da RPPN na cachoeira. Uma vez que a RPPN é financiada pela Michelin e esses recursos são suficientes para cumprir as metas de gestão da reserva, a PMB não necessita da participação de outras entidades para manter o local e não existem planos para procurar parceiros de fora para o futuro próximo.

2) Caracterização da propriedade

A RPPN Ouro Verde faz parte da propriedade de 4.588,5137 ha da PMB. A PMB está dividida em três setores principais: 1. 3.069 ha, Reserva Ecológica Michelin, a qual a RPPN pertence; 2. plantios experimentais de seringueiras com pouco mais de 4000 ha; 3. uma usina para o processamento de látex, uma vila para trabalhadores e administradores e vários outros prédios, inclusive o Espaço Ouro Verde com bangalôs, uma área para refeições e instalações para reuniões para convidados, e o prédio do CEB com escritórios, um laboratório para triagem biológica e um dormitório para cientistas. Todos os prédios na plantação são modernizados com energia elétrica, receptíveis para esgoto e lixo. Existe uma rede de estradas em toda plantação que permite acesso a todos os plantios de seringueira e a todos os prédios, e à RPPN. Há instalações de segurança nas duas entradas principais da propriedade. O mapa da plantação ilustra essa informação (figura 3).

Os plantios de seringueira foram feitos com espaçamento 8 x 4 m e seguem os contornos naturais da paisagem. As entrelinhas são deixadas para o mato, que é cortado anualmente. As seringueiras demoram sete anos para alcançar a maturidade até serem sangradas e produzem por até 40 anos, depois são cortadas e a área replantada, quando começa um novo ciclo. Esse sistema agroflorestal é, portanto, sustentável porque as seringueiras podem ser plantadas novamente onde as seringueiras cresceram antes o que permite que a plantação fique estável ao longo do tempo, ou seja, a composição da paisagem não muda. As APPs ao longo das vias hídricas e mananciais são mantidas com vegetação natural de acordo com as leis federais. Infelizmente, quando a Firestone iniciou a plantação, eles derrubaram e queimaram toda vegetação original, inclusive nas APPs, com o resultado que hoje a vegetação nessas áreas é de espécies pioneiras. Para melhorar essa situação, a PMB tem feito plantios de enriquecimento ao longo dos três quilômetros das APPs do rio maior que flui através dos plantios de seringueiras, onde plantou mais de 100 espécies para que a biodiversidade dessas áreas seja aumentada.

Os mais frequentes lançamentos químicos nos plantios da PMB são de herbicidas (Roundup) aplicadas nos corredores das seringueiras em produção, para manter limpas essas áreas para que os sangradores possam trabalhar com segurança. As aplicações dos herbicidas são mais frequentes nos plantios mais novos onde mais luz penetra o dossel (o que facilita o crescimento de vegetação pioneira). Enquanto os plantios amadurecem, e criam sombra mais profunda, a aplicação de herbicidas é menos frequente, uma vez cada um ou dois anos. A vegetação nas entrelinhas é limpa manualmente com um facão. Dependendo do PH do solo, às vezes uma aplicação de calcário é realizada para melhorar a sua qualidade antes do início da plantação. O Ethrel é às vezes aplicado ao painel de sangria das seringueiras para induzir um fluxo maior de látex. Enquanto alguns desses agrotóxicos podem entrar no sistema de água, poucos dos plantios da PMB pertencem à bacia hidrográfica do Rio Cachoeira Grande, e em vez disso pertencem à bacia hidrográfica do Rio Igrapiúna. Aqueles poucos plantios que drenam no Rio Cachoeira Grande são dentro da REM. A PMB parou de limpar as entrelinhas

Remanescentes Florestais de Ituberá

* 42.644 ha de Mata = ~40% da Paisagem
 * 4.303 Fragmentos
 * Tamanho Médio = 33.95 ha (SD 518 ha)
 * 1.250 Fragmentos ≥ 1 ha
 * 50 Fragmentos > 50 ha
 * 9 Fragmentos ≥ 500 ha contém 31.123 ha
 * 2 Fragmentos Maiores contém 60,6% (25.840 ha) da Cobertura Florestal
 Ituberá = 13° 43.9'S; 39° 09'W

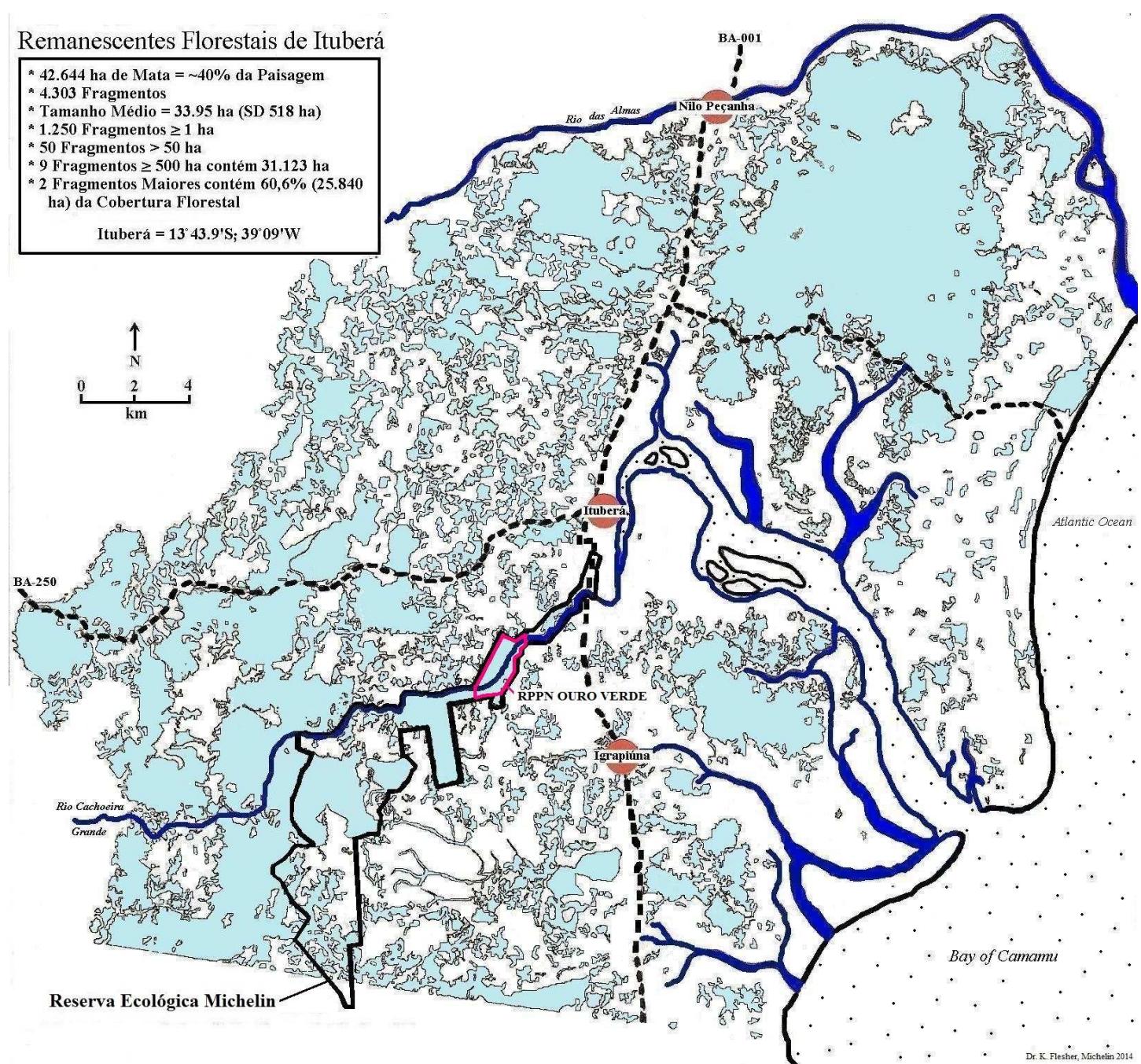


Figura 2. RPPN Ouro Verde/Reserva Ecológica Michelin no mosaico florestal regional.

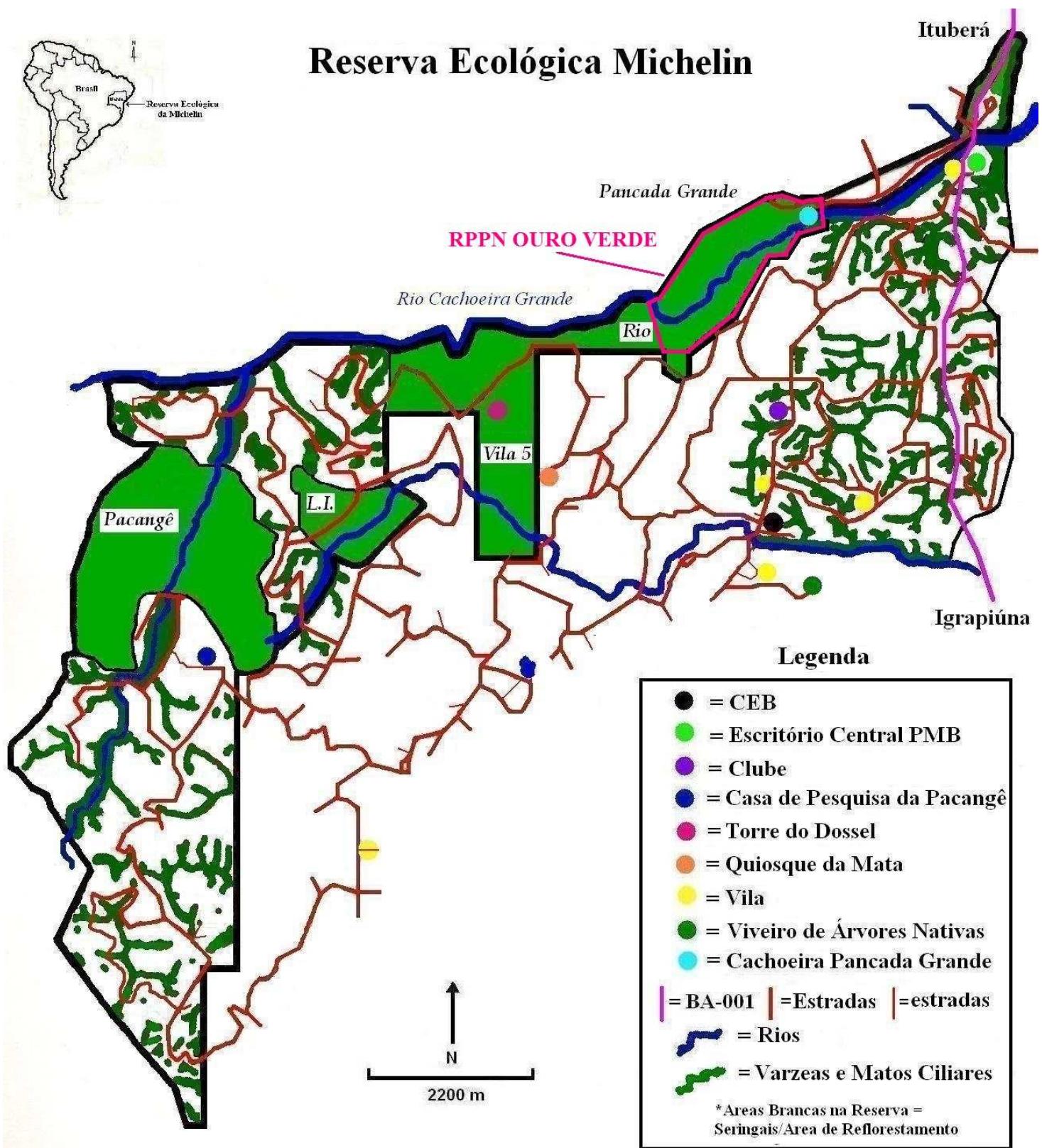


Figura 3. Reserva Ecológica Michelin e a localização da RPPN Ouro Verde dentro da mesma.

no seringal após a criação da reserva em 2004. A sombra profunda no sub-bosque dos plantios reduziu o crescimento de vegetação herbácea nas linhas de sangramento e, portanto, a redução da necessidade de herbicidas, com aplicações apenas a cada dois ou mais anos. Até 2014, todos os plantios de seringueiras dentro da bacia hidrográfica do Rio Cachoeira Grande serão completamente abandonados e as atividades agrícolas da PMB não terão quaisquer impactos negativos na RPPN.

A usina da PMB para processar o látex fica ao lado da RPPN e não afeta a reserva de forma alguma. A usina e plantação são operadas de acordo com os regulamentos do ISO 9001 e 14000 e auditadas anualmente por um auditor independente, assim como todas as atividades na plantação.

Os plantios da PMB são benéficos para a RPPN, e servem como uma extensão do habitat para muitas espécies da fauna e, portanto, aumenta a capacidade de carga da reserva. Os guardas florestais da REM patrulham os plantios da PMB e desde que começaram em 2010, a pressão dos caçadores diminuiu drasticamente e as populações da vida selvagem começaram e se recuperar. A paisagem dos plantios de seringueiras na PMB serve como um habitat permanente para uma gama de fauna, inclusive: sussuarana, jaguatirica (*Leopardus pardalis*), gato maracaja (*Leopardus wiedii*), gato momonha (*Leopardus tigrinus*), gato mourisco (*Puma yagouaroundi*), guaxinim (*Procyon cancrivorus*), quati (*Nasua nasua*), lontra (*Lontra longicaudis*), raposa (*Cerdocyon thous*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), paca, ouriço preto, luis caxeiro, tatu verdadeiro, tatu peba (*Euphractus sexcinctus*), tatu de rabo mole (*Cabassous unicinctus*), tamanduá (*Tamandua tetradactyla*), veado mateiro, veado corsa (*Mazama gouazoubira*), caitetu, mico (*Callithrix penicillata*), entre outros mamíferos. Os plantios também sustentam varias espécies importantes de aves, tal como o mutum do sudeste e o endêmico macuquinho baiano (*Eleoscytalopus psychopompus*). Esse último é, de fato, mais abundante nas várzeas e os nos plantios de seringueira do que na floresta.

A PMB proporciona serviços adicionais à RPPN. Os funcionários do escritório central cuidam da folha de pagamento, questões de contabilidade e outros assuntos burocráticos necessários pelo funcionamento da RPPN. O diretor da plantação supervisiona todo projeto para garantir que todas as atividades estejam em conformidade com os padrões da Michelin e as leis do governo federal. O pessoal de segurança da plantação proporciona apoio essencial através do patrulhamento da área ao redor da cachoeira, inclusive à noite, e ajuda em caso de emergência e em casos de invasores. Portanto, o fato que a RPPN faz parte de uma propriedade maior claramente aumenta a capacidade de administrar a reserva, sem ter consequências negativas por ser parte de uma plantação de borracha.

A RPPN faz parte da REM que faz parte da PMB. As atividades na REM estão limitadas a pesquisa, restauração, educação ambiental e proteção e a partir de 2014, quando os últimos plantios de seringueiras serão abandonados, todas as atividades

econômicas da REM cessarão. A gestão da REM pelo CEB segue a mesma filosofia e diretrizes da RPPN, a não ser que não tenha turismo e educação ambiental fora da RPPN. Portanto, as atividades da REM proporcionam uma contribuição à integridade e à viabilidade de longo prazo da RPPN, e forma uma reserva de 3.096 ha bem protegida.

As atividades que ocorrem na RPPN são compatíveis com os objetivos de preservar a área. Com a presença dos monitores na cachoeira, a maior parte dos visitantes cumpre as regras e não há impacto negativo aparente na área. Apesar de terem latas de lixo e reciclagem em toda área de visitação da cachoeira, algumas pessoas jogam lixo no chão, porém os funcionários da RPPN recolhem esse lixo diariamente. Os visitantes que entram na floresta às vezes esculpem os seus nomes nos troncos das árvores da Trilha do Rio, danificando essas árvores, mas isso ocorre com pouca frequência. São realizadas as atividades de educação ambiental ao longo das trilhas e uma vez que as trilhas foram desenhadas com esse propósito, não há impactos negativos à floresta. Adicionalmente, os monitores acompanham sempre os estudantes, assegurando que eles permaneçam nas trilhas e sigam as regras da RPPN. De vez em quando, alguém corta uma flor ou fruto, mas essas atividades negativas ocorrem com pouca frequência e têm um impacto efêmero à floresta. As pontes acima dos córregos ajudam a proteger as vias hídricas da erosão que ocorreria caso as pessoas andassem nos mesmos. Os cientistas seguem todas as regras da RPPN e instalam as parcelas ao menos 10 m das trilhas. Eles não abrem novas trilhas e marcam suas parcelas com fita e removem a mesma ao terminar os seus estudos. Portanto, seu impacto na floresta é efêmero.

Com patrulhamentos programados, os caçadores não entram mais na mata, porém ocasionalmente armam armadilhas ao longo da borda da floresta. Entretanto, os cães das propriedades vizinhas à reserva entram na floresta e matam animais. Os dados de monitoramento de longo prazo mostram que as populações da fauna continuam a crescer desde a criação e a proteção da RPPN, e apesar dos cães serem uma ameaça em potencial, parece que não estão causando um impacto profundo à fauna.

3) Caracterização da área do entorno

O RPPN Ouro Verde encaixa-se numa área conhecida como a Costa do Dendê no Baixo Sul baiano dentro do bioma da Mata Atlântica no Corredor Central da Mata Atlântica. Hoje a paisagem é caracterizada por uma variedade distinta de ecossistemas que inclui floresta pluvial ombrófila de terras baixas, restinga de piaçava (*Attalea funifera*), restinga de jataípeba (*Brodriguesia santosii*), estuários de manguezais, rios, várzeas, e mar aberto e diversos sistemas agroflorestais com mais de 60 culturais plantados. Mais de 4.000 fragmentos florestais permanecem na vizinhança da reserva, o que ocupa uma área de aproximadamente de 40.000 ha. A maior parte dos fragmentos é de menos de 30 ha, tendo alguns com mais de 500 ha. A paisagem agroflorestal da Colônia situa-se ao norte da reserva, ao sul há grandes plantações de seringueira/cacau/banana, a leste da reserva há os plantios de seringueira da PMB, e manguezais, e ao oeste a REM é uma mata de 13.000 ha.

A RPPN situa-se nos municípios de Ituberá e Igrapiúna. As estatísticas que seguem foram angariadas do IBGE e dos sites dos municípios (www.ibge.gov.br; www.itubera.ba.io.org.br/; www.igrapiuna.ba.io.org.br/). O município de Ituberá engloba 417,5 km², tem uma população de 26.763 e uma densidade populacional de 63,7 habitantes por km², com 72% da população residentes na área urbana e 28% na zona rural. A proporção entre mulheres e homens é de 50:50, 39,6% da população têm menos de 20 anos de idade e a renda per capita é de R\$ 4.873. As principais atividades econômicas são o cultivo de cacau, seringa, guaraná, dendê, piaçava, coco, cravo, pimenta jamaicana, pimenta do reino, banana, banana da terra, mandioca e outras frutas e a pesca. Há uma usina para processar látex da AgroIndustrial Ituberá Ltda. localizada ao lado do aeroporto da cidade (39° 8'26.38"S, 13°43'49.56"S).

O município de Igrapiúna engloba 527,2 km², tem uma população de 13.343, uma densidade populacional de 26,03 por km², com 32% residentes na área urbana e 68% na zona rural, onde 53% são homens e 47% mulheres, e 44% têm menos de 20 anos de idade e a renda por capita é de R \$7.701. As atividades principais são as mesmas de Ituberá. Há uma usina para processar látex (39° 9'13.64"S, 13°46'26.75"S) e outra para processar pupunha no município, a primeira pertencente a PMB e a outra pertencente a Ambial.

Ambas as cidades têm serviços básicos para a população local, como: estradas, energia elétrica, conexões a internet, água potável, coleta de lixo pontual, feiras, supermercados, postos de gasolina, oficinas, hotéis, pousadas, restaurantes, escolas, bancos, farmácias, clinicas, um hospital (Ituberá), cemitérios, polícia, linhas de ônibus (12 ônibus diários para Bom Despacho, onde há um ferry que faz a travessia até Salvador e 12 ônibus diários para Ilhéus), serviço de taxi, pequenos portos e vários serviços de lazer.

É uma região rural com uma economia baseada em agricultura com vários pequenos agricultores, como também grandes proprietários. As pequenas propriedades variam em tamanho de 1 a 15 ha, embora possam alcançar um tamanho de até 50 ha. As propriedades grandes tendem a ter pelo menos 100 ha e muitas vezes vários milhares de hectares. Os pequenos agricultores plantam uma diversidade de cultivos, a maior parte são agroflorestais, com uma preferência para cacau e seringueira, mas também cultivos anuais como feijão e milho e bianuais como mandioca. As roças tendem a ter cultivos arbóreos mistos e não é incomum um pequeno agricultor ter até 60 espécies desses cultivos. A maior parte das árvores plantadas produzem frutas para consumo doméstico e a renda da agricultura vem do cacau, cupuaçu, borracha, guaraná, dendê, piaçava, coco, cravo, pimenta jamaicana, pimenta do reino, mandioca, banana, e banana da terra. Os latifundiários concentram a sua produção em plantações de cacau e seringa, plantados juntos onde a seringueira proporciona sombra para os cacaueiros. Essas grandes plantações têm uma diversidade de cultivos muito menor do que aquelas dos pequenos agricultores. Alguns grandes proprietários têm plantações extensivas de guaraná e pupunha, e a maior parte dos latifúndios na área arenosa da restinga cultiva dendê, piaçava e coco. Portanto, toda paisagem é dominada pelos sistemas

agroflorestais e coberta com árvores. A região é inadequada para pecuária, embora várias grandes propriedades a pratiquem; essa atividade é mais um hobby do que uma atividade rentável. Um proprietário também cria o peixe tilápia para vender.

Impactos negativos possíveis causados pelas atividades agrícolas é o uso extensivo de agrotóxicos, especialmente nas grandes propriedades. O cacau requer grandes quantidades de químicos como calcário para neutralizar o PH do solo, adubos químicos, fungicidas, herbicidas (Roundup) e pesticidas (AC Mirex). Os fazendeiros aplicam estimulantes hormonais (Ethrel) para induzir uma produção maior de látex e para colher os brotos florais dos craveiros.

Há mais duas ameaças à RPPN, dado a má gestão do rio que flui dentro da reserva. O peixe tilápia tem escapado das represas da Fazenda Juliana e a fauna do rio está ameaçada por essas espécies invasoras. É uma situação muito infeliz, pois é provável que haja espécies endêmicas e raras no rio e nunca saberemos a forma original desses ecossistemas. Uma segunda ameaça vem também da pequena hidrelétrica na Fazenda Juliana 11 km acima da cachoeira. Para produzir energia elétrica, os gerentes da barragem retêm toda água nos períodos de pouca chuva, o que faz com que a cachoeira perca 80% da sua queda normal – níveis que nunca foram vistos na região antes dessa construção. Nas épocas de chuvas fortes, a água é liberada de uma só vez causando um aumento repentino nos níveis do rio – níveis muito maiores do que antes da construção da barragem. Essas flutuações não naturais nos níveis do rio ameaçam toda fauna, pois, nas épocas de níveis baixos, grandes porções do rio secam e, portanto, matam todos os organismos aquáticos; nas épocas de níveis extremamente altos, o rio flui com muita força, o que causa erosão e a queda de árvores nas margens.

A extração de madeira para construção e lenha ainda é comum na paisagem ao redor da RPPN. Com o alto custo de gás, a maior parte das pessoas pobres diariamente coleta lenha da floresta mais próxima. Por enquanto essa atitude não consiste uma ameaça à reserva, mas todas as florestas no entorno são cronicamente impactadas, devido a essa atividade. Felizmente, a maior parte das espécies arbóreas utilizada para lenha são espécies pioneiras abundantes que vão se regenerar com o tempo, a exemplo de muriçá, *Byrsonima sericea*, etc. Porém, o corte de árvores maiores para construção é uma ameaça mais insidiosa porque a região como todo sofreu pela remoção das árvores grandes pela SAICI (Sociedade Anônima Industrial e Comercial de Ituberá) durante os anos 50/60, e por outras madeireiras depois. Embora, com todas as madeireiras fechadas até 2000, a demanda crônica pela madeira por consumo local estimula o corte clandestino. Apesar dos carpinteiros locais alegarem que só usam madeira legal do Pará, temos visto madeireiras ativas nas florestas regionais e sabemos que pelo menos alguma madeira vem da região. Essa exploração ilegal da floresta ameaça a integridade de longo prazo, porque muitas espécies da fauna dependem de árvores grandes para alimentos e abrigos e muitas dessas árvores de madeira de lei continuam ameaçadas.

A pressão crônica dos caçadores em toda região resulta na degradação de longo prazo do ecossistema e impede sua capacidade de recuperação. Com as populações dos animais reduzidas, muitos dos serviços ecológicos que eles proporcionam e que são necessários para a manutenção do ecossistema (tal como dispersão de sementes, polinização, e depredação das sementes) estão reduzidos ou cessam completamente. É comum ver frutos apodrecendo na base de árvores nas florestas regionais devido à falta de animais para consumi-los. Para as árvores de madeira de lei com populações já reduzidas, essa falta de fauna para dispersar as sementes pode resultar na extinção regional uma vez que são incapazes de recrutar jovens para a sua população sem os serviços da fauna que está sendo morto pelos caçadores. Além disso, apesar da fauna na RPPN ser bem protegida e abundante, os animais que saem da reserva são frequentemente mortos nas propriedades vizinhas o que limita a reserva a funcionar como uma fonte para restabelecer populações de fauna extirpadas das paisagens vizinhas. Felizmente, parece que os jovens estão perdendo interesse na atividade de caçar como uma fonte de lazer (pessoas não caçam mais por razões de subsistência) e se continuar essa tendência, com o tempo a RPPN pode virar uma fonte para repovoar a paisagem vizinha.

4) Possibilidade de Conectividade

Figura 2 mostra o mosaico de cobertura florestal na região e a localização da RPPN dentro desse mosaico. Há aproximadamente 40% de cobertura florestal na região e quase não há fragmento com uma distância de mais de 400 m do outro. Isso significa que para as espécies de fauna capazes de atravessar algumas centenas de metros de terra agrícola, a paisagem ainda está conectada. A RPPN faz parte do fragmento maior (os 625 ha da mata de Pancada Grande/Mata do Rio/Vila5) que, através da mata de Luís Inácio e da mata de Pacangê, está ligada ao fragmento maior da floresta na região (13.000 + ha). Na REM, a floresta está preservada na margem sul do Rio Cachoeira Grande por 12 km o que permite que a fauna e outros organismos possam transitar até o fragmento maior. Os plantios de seringueira que anteriormente separavam os três principais blocos de floresta da REM têm sido abandonados e hoje estão plantados com espécies nativas para aumentar conectividade. As evidências de nosso monitoramento de longo prazo mostram que os animais já estão usando essas áreas para transitar entre a RPPN e outras florestas. Animais como o macaco prego de peito amarelo, caititu, sussuarana, jaguátrica, gato maracajá, gato momonha, tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*), mutum do sudeste, entre outros. Mesmo nas paisagens agrícolas vizinhas, corredores estreitos de mata ciliar (APP) ligam os fragmentos florestais o que proporciona um alto grau de conectividade através da paisagem (como visível no mapa). A floresta da RPPN é, portanto, ligada aos blocos maiores de floresta e exerce um papel fundamental como uma fonte de fauna e outros organismos para recolonizar e transitar entre as florestas na paisagem. Nenhuma das propriedades vizinhas registrou uma Reserva Legal, uma RPPN ou qualquer outro tipo de reserva embora a maioria preserve as APPs ao longo das vias hídricas.

5) Declaração de Significância

Com mais de 2000 espécies já descritas na reserva (anexos 1, 2 e 3), inclusive sete novas espécies para ciência (anexo 4) e várias outras espécies sendo descritas, e a presença de várias espécies endêmicas, é inegável o valor da reserva para a preservação da biodiversidade da Mata Atlântica. Localizada no centro de endemismo da Bahia/Espírito Santo do Corredor Central da Mata Atlântica, o que representa a parte mais rica do bioma (Thomas et al. 1998), a RPPN é parte de um “hotspot dentro de um hotspot” e reconhecida internacionalmente como tal (Carnaval et al. 2009, Martini et al. 2007, Mori et al. 1983, Myers et al. 2000). Espécies criticamente ameaçadas como o macaco prego de peito amarelo e o mutum do sudeste habitam a reserva protegida de caçadores e, portanto, as populações estão aumentando. Várias outras espécies ameaçadas habitam a RPPN inclusive a jararaca tapete, macuquinho-baiano, ouriço preto, luis caxeiro, guigó, e a preguiça de coleira. Outra fauna mais amplamente distribuída no Brasil, mas raro nessa região da Mata Atlântica, como a sussuarana, caititu, e veado são comuns aqui. A flora é também rica em espécies (Rocha-Santos & Talora 2012), e fora a nova espécie de bromélia (Leme & Kollman 2011, Leme & Kollman 2013) e bambu (Ferreira et al. 2013) descoberta aqui, a RPPN sustenta populações saudáveis de árvores de madeira de lei endêmicas como *Arapatiella psilophylla*, e árvores centenárias de *Manilkara*, *Pouteria*, *Sloanea*, *Eugenia*, *Eriotheca*, *Caryocar*, *Copaifera*, *Hymenea*, *Ficus*, *Lecythis*, entre outras. Esses incríveis níveis de biodiversidade e trechos remanescentes de árvores centenárias, apesar do longo histórico de exploração, mostram a resiliência do ecossistema em recuperar-se quando protegida e o alto valor de conservação dessa floresta. Com o desmatamento, fragmentação e degradação devido a coleta de lenha, corte de madeira e atividade de caça nas paisagens vizinhas (Flesher & Laufer 2013), essa reserva bem protegida serve como refúgio para a biodiversidade regional.

A pesquisa científica perene na reserva, com 73 projetos de pesquisa até esse momento, engloba uma grande diversidade de organismos (árvores, bambus, bromélias, briófitas, formigas, abelhas, vespas, besouros, cupins, aranhas, opiliões, rãs, sapos, cobras, aves e mamíferos de pequeno, médio e grande porte) e 60 artigos científicos publicados, faz com que a reserva seja um dos locais mais estudados na Mata Atlântica da Bahia (Anexo 5 e 6). A disposição da Michelin em continuar a apoiar esse programa de pesquisa pela oferta de acesso, pelo fornecimento de alojamento, pela comida gratuita, pela concessão de bolsas, uma infraestrutura excelente, e pela segurança e proteção da floresta, assegura que o local continuará a ser cientificamente produtivo. Esse compromisso em longo prazo por parte da Michelin em manter parcerias com as principais universidades baianas (UFBA, UFRB, UEFS e UESC) estabeleceu a reserva como um local onde jovens cientistas baianos podem lançar as suas carreiras. Nesse modo, a RPPN está ajudando avançar a ciência na Bahia e gerar informação que ajuda a entender como funciona esse complexo ecossistema, e ambos esses fatores ajudam na preservação e gestão em longo prazo desse bioma.

O valor cultural e cênico do local é também uma razão pelo estabelecimento da RPPN. A Cachoeira Pancada Grande, com seus 61 m de queda d'água, é a cachoeira mais alta do litoral baiano e é estupendamente bonita, atraindo ao longo dos séculos visitantes locais e hoje, turistas do mundo todo. Sendo um lugar onde pessoas podem relaxar com as suas famílias e seus amigos num ambiente seguro e limpo, sem custo nenhum, faz com que ela exerça um papel central nas opções regionais de lazer. É o símbolo da região e a razão principal que as pessoas que estão viajando parem em Ituberá e Igrapiúna, e, portanto, ajuda a estimular e manter a economia local. A sua função como uma floresta onde alunos podem aprender sobre o ecossistema florestal é igualmente importante, uma vez que existem poucas opções para cursos práticos de educação ambiental na região. Para muitos jovens, a floresta da RPPN serve com a sua referência para entender o que seja a Mata Atlântica. Devido a esse fato, a RPPN exerce um papel central na criação de uma consciência que favorece a preservação do bioma.

Uma razão final pela criação da Reserva é poder elevar o status do local e assegurar o valor máximo de preservação. Com ameaças perenes de pessoas de fora que querem construir uma barragem na cachoeira e assim destruir o local, e considerando a sua biodiversidade e seu valor científico, cênico, de lazer e educacional, foi necessário fazer com que o local recebesse o mais alto nível de proteção que um proprietário de uma propriedade particular pode oferecer. Esperamos que com a criação da RPPN, a cachoeira e a floresta no seu entorno, possam ser protegidas contra quaisquer intrusões agressivas para sempre.

O papel da RPPN e da REM, da qual faz parte, está claro para a SNUC. Enquanto muito da região maior esteja “protegida” sob a APA de Pratigi, na realidade foi feito quase nada para proteger a biodiversidade regional fora da REM. Considerando que muito da paisagem ao entorno tem o status de APA, é improvável que iniciativas para criar reservas federais ou estaduais adicionais com um nível mais alto de proteção sejam realizadas. Dado os níveis extremamente altos de biodiversidade na região e a falta de uma reserva federal ou estadual fora a APA, cabe aos proprietários de terras privadas fazerem a sua parte para preservar essa biodiversidade regional. Como cidadãos dessa nação magnífica, todos nós devemos compartilhar o ônus de proteger esse patrimônio nacional e não há maneira melhor de fazer isso do que proteger tudo que pertence a toda nação – a biodiversidade incrível da Mata Atlântica. Desse modo, a RPPN exerce um papel central em preencher a lacuna na rede nacional de reservas, retribuindo à nação o pouco que podemos ao tomar a responsabilidade em proteger essa floresta e essa cachoeira de acordo com as restrições rígidas para uma RPPN sob a lei federal. As pesquisas científicas que estão sendo realizadas no local fornecem informações que, ao longo prazo, serão essenciais para aprender sobre a melhor maneira de preservar e gerenciar a Mata Atlântica.

C: Planejamento

1) Objetivos Específicos de Manejo

O propósito pela criação e gestão da RPPN é:

1. Proteger a integridade da biodiversidade, as nascentes dos rios e cachoeira de todas as ameaças sempre que possível dentro de nossos poderes.
2. Manter a área da cachoeira e as trilhas da floresta abertas para visitantes, inclusive turistas e alunos escolares participando em programas de educação ambiental e assegurar que tudo seja feito dentro de nossos poderes para manter essas áreas limpas e seguras.
3. Fazer com que a floresta torne-se acessível a cientistas com projetos aprovados e assegurar que essas atividades não ameacem a integridade da RPPN e que as leis federais relacionadas à pesquisa científica sejam cumpridas.
4. Recuperar os plantios de seringueira através do plantio de espécies nativas.
5. Integrar a área da RPPN com o que resta da REM para que toda a reserva seja gerenciada como uma só unidade.

2) Zoneamento

A RPPN está dividida em quatro zonas:

1. Zona de Proteção

181 ha da RPPN são zoneados como uma área de proteção dado que essa floresta tem um longo histórico que não justifica a criação de uma zona silvestre. Essa zona de proteção engloba toda floresta da RPPN nas duas margens do rio, começando na parte de cima da cachoeira na margem sul e ao oeste da área de visitação na margem norte (figuras 5 e 8) Essa área não inclui as trilhas que passam pela floresta e a área dentro de 10 metros de cada lado da trilha. As únicas atividades permitidas nessa zona são as patrulhas dos guardas, pesquisa científica e atividades relacionadas a essas. Somente abriremos novas trilhas se houver uma necessidade comprovada para melhorar as patrulhas dos guardas. Aos cientistas não são permitidas a abertura de novas trilhas, mas têm a permissão em cortar um pouco da vegetação rasteira para montar suas parcelas de estudo como aprovado pela administração do CEB. Aprovação para abrir parcelas de estudo e pequenas picadas de acesso dependerá da determinação dos administradores do CEB e que a vegetação cortada possa recuperar-se e que não haverá alterações permanentes da vegetação como resultado dessas atividades. Não serão permitidas quaisquer atividades que alterem a vegetação de uma maneira permanente.

2. Zona de visitação

Os 29 ha da zona de visitação englobam o setor leste da RPPN e as trilhas da floresta e 10 m de cada lado das trilhas, inclusive a área que dá acesso à cachoeira, a cachoeira em si e a área diretamente acima dessa até a entrada da floresta na margem norte do rio (figuras 5, 6, e 8). A margem sul do rio está dentro da zona de proteção. Na zona de visitação, manteremos dois banheiros, uma lanchonete e uma via de acesso do estacionamento (fora da RPPN) até a base da cachoeira e outra até o topo da mesma. Temos posicionado placas em toda zona de visitação fora da floresta para indicar possíveis perigos, informação sobre o local, e placas da RPPN (anexo 9). Não haverá placas posicionadas na floresta exceto na entrada das trilhas de visitação. Os visitantes têm permissão para caminhar pelas essas trilhas se seguirem as regras e não mexerem com a vegetação ou a fauna. Os turistas têm que permanecer nas trilhas, mas grupos de educação ambiental podem sair 10 m das trilhas para observar um organismo em particular ou uma característica considerada relevante pelos instrutores do curso. Pontes de madeira são mantidas ao longo das trilhas para que os visitantes não precisem molhar os seus pés enquanto visitam a floresta, também para evitar que haja erosão nas áreas dos córregos (anexo 9). Somente as trilhas já existentes serão abertas para visitação e atualmente não temos planos para abrir novas trilhas para esse propósito.

3. Zona de administração

Manteremos o prédio na área da cachoeira para fins administrativos, usado pelos monitores da cachoeira e pelos guardas que trabalham na RPPN (figura 9). Eles usarão esse prédio para guardar os equipamentos de segurança, para se proteger da chuva e realizar reuniões. Não há energia elétrica nem banheiros neste prédio. Havendo necessidade, a eletricidade será fornecida através de um gerador operado com gasolina ou talvez no futuro com painéis solares. Os funcionários da RPPN usam os mesmos banheiros destinados ao público, localizado na zona de visitação. A área ocupada pelo prédio de administração é de 244 m².

4. Zona de recuperação

Os 3,6 ha da RPPN localizados ao lado norte da estrada que dá acesso ao topo da cachoeira na parte leste da reserva são ocupados por plantios de seringueira abandonados (figura 7). Para acelerar a recuperação dessa área, 1.665 árvores nativas da floresta de 40 espécies diferentes foram plantadas nas entrelinhas (anexo 9). É permitida que a vegetação pioneira natural cresça uma vez que não interfere com o crescimento das árvores maduras plantadas. No caso da vegetação pioneira ocultar as árvores plantadas, será cortada para que a luz alcance a vegetação. Após as árvores plantadas terem alcançado mais de três metros, toda área será abandonada. As árvores nativas foram plantadas em 2008, dois anos antes da criação da RPPN e devido ao fato que muitas dessas árvores têm mais de três metros de altura, a área deverá estar abandonada até 2019. Não há infraestrutura nesse setor da RPPN. Os guardas florestais patrulham essa área como parte de seus patrulhamentos da floresta de Pancada Grande.

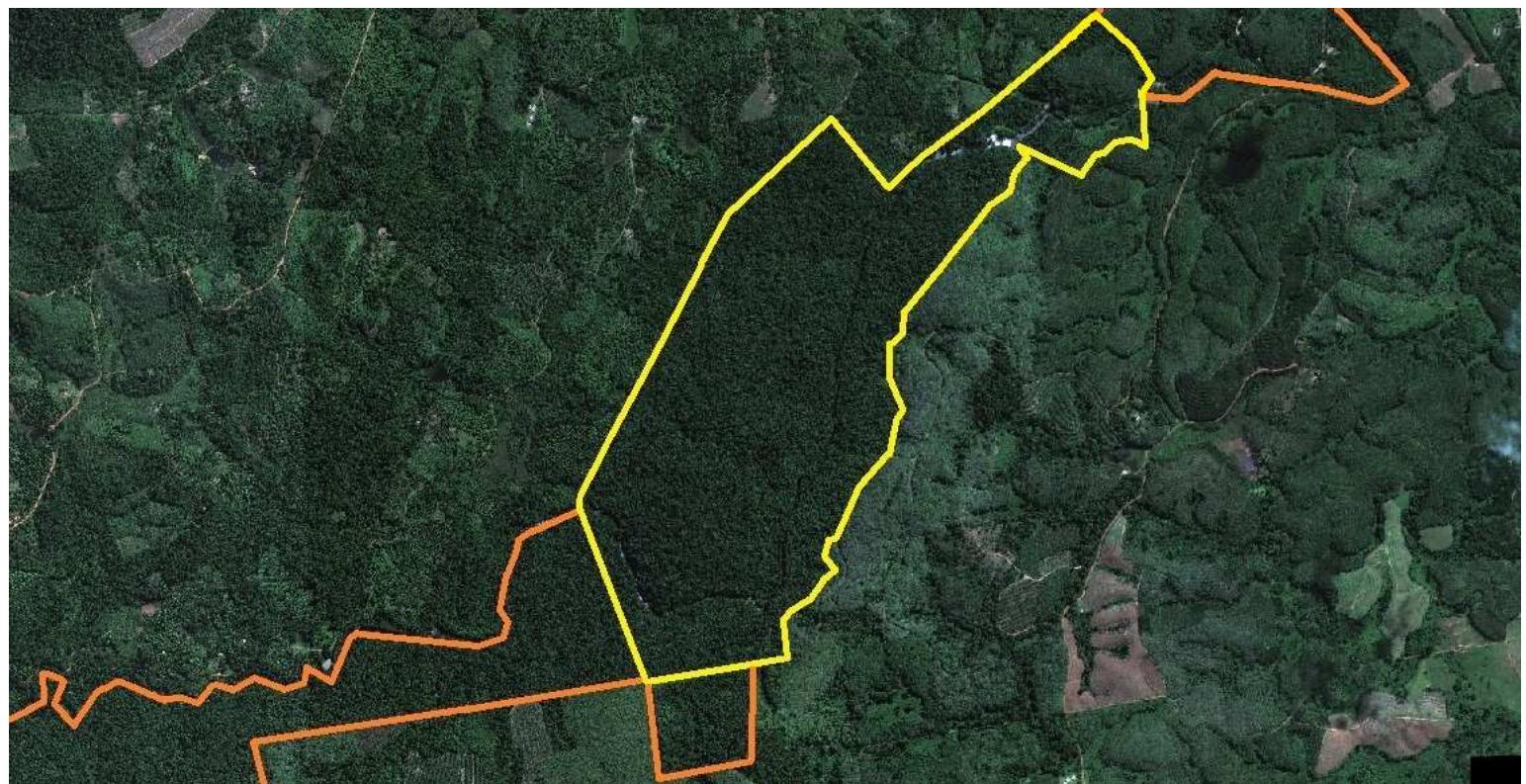


Figura 4. RPPN Ouro Verde em amarelo; REM em laranja.

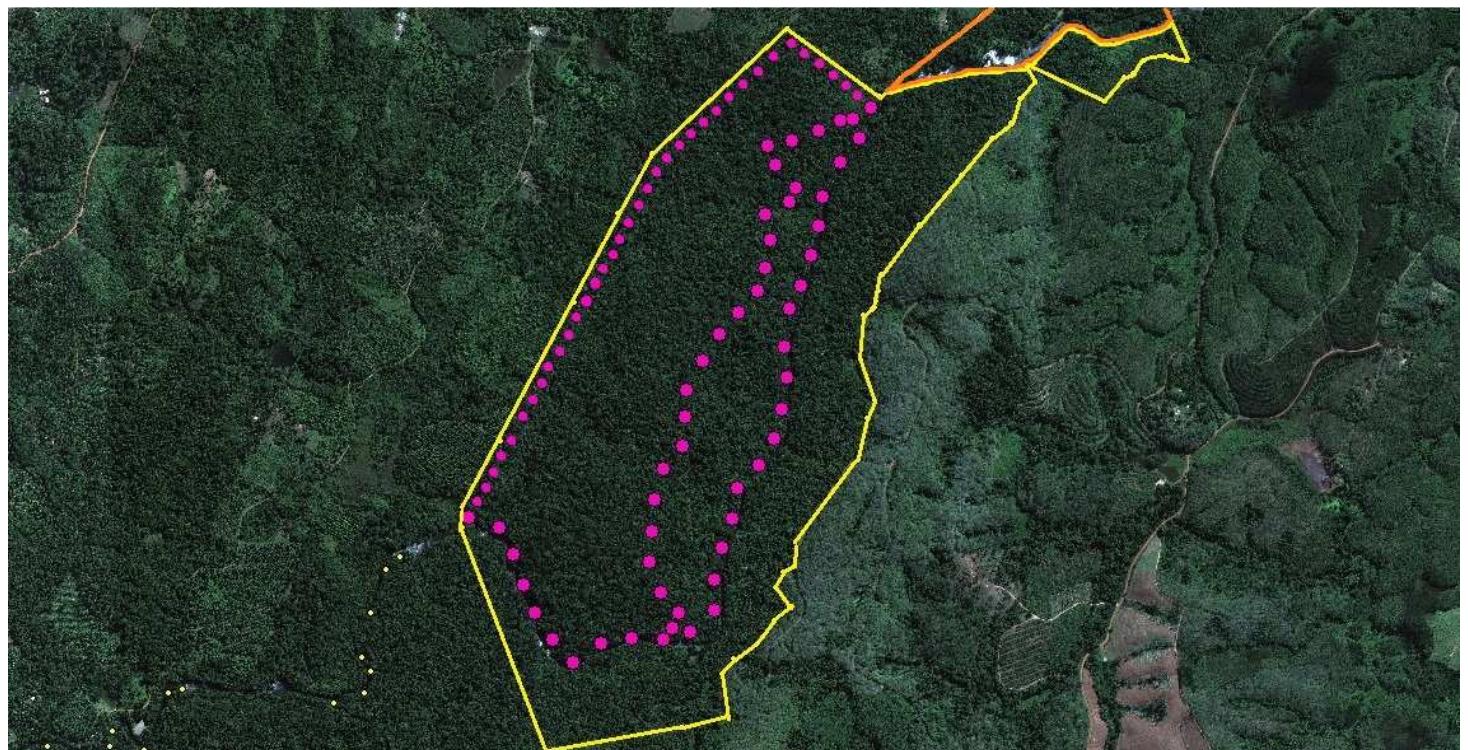


Figura 5. Zona de Proteção demarcada em amarelo; Pontos roxos = Zona de Visitação dentro da floresta; pontos grandes = trilhas principais; pontos pequenos = trilha rumo.

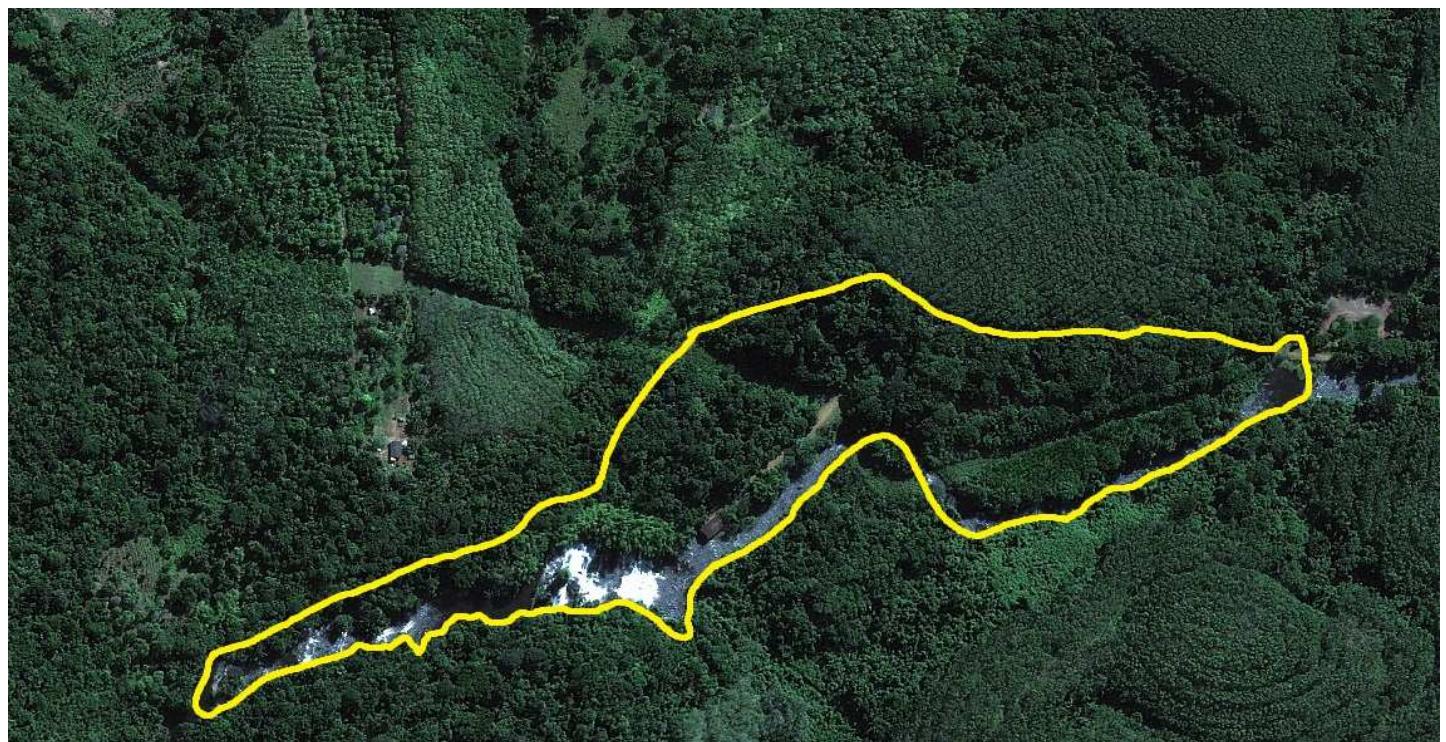


Figura 6. Zona de Visitação fora da floresta.



Figura 7. Zone de Recuperação.

Trilhas da Mata de Pancada Grande

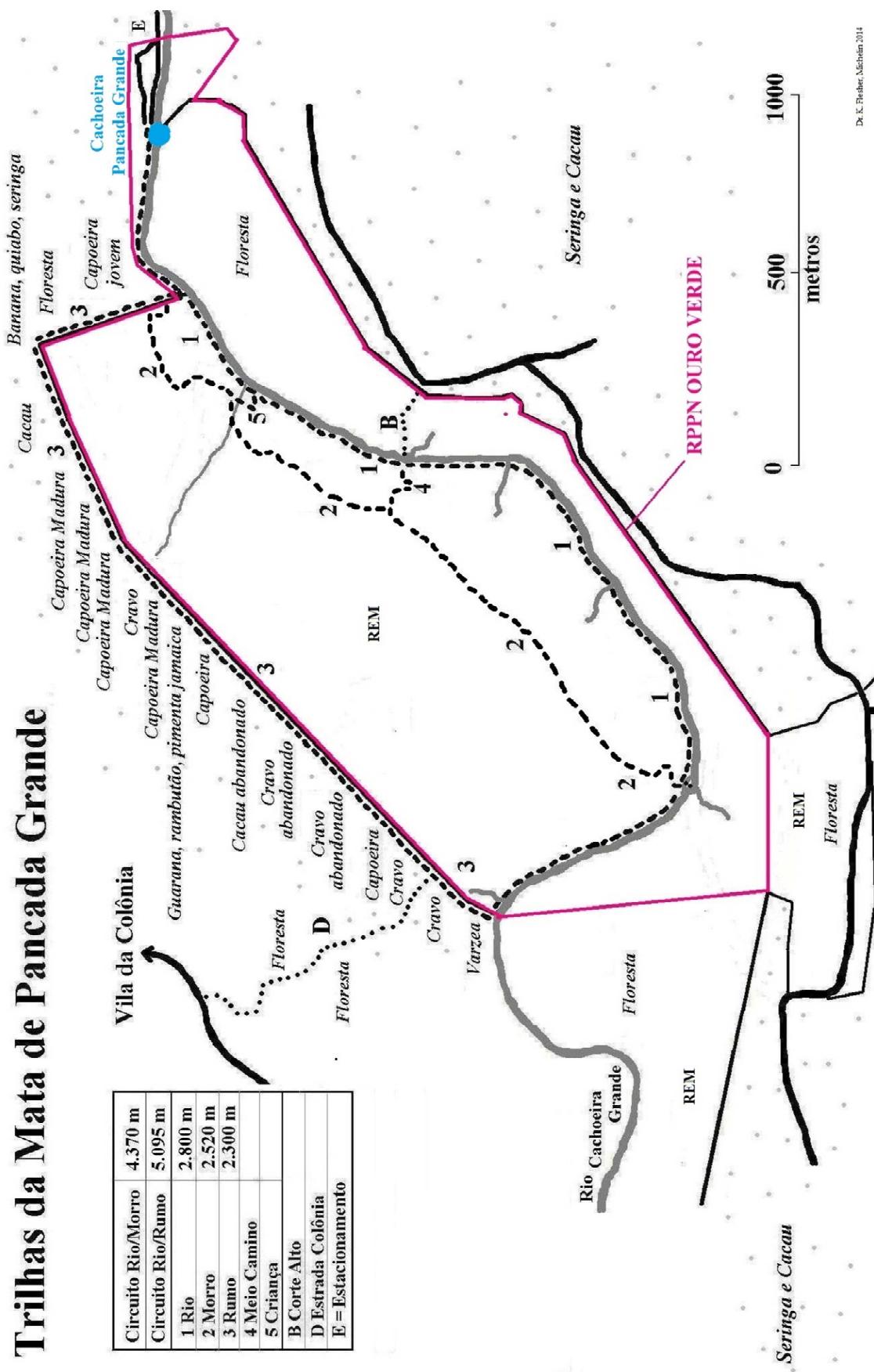


Figura 8. Floresta da RPPN mostrando as trilhas da Zona de Visitação; todo o resto da área pertence à Zona de Proteção.



Figura 9. Zona de Administração.

3) Programas de manejo

3.1) Programa de administração

O CEB da REM administra a RPPN sem ajuda externa, com a exceção do funcionário pago pelo município de Ituberá para manter limpa a área da cachoeira. O diretor da PMB e outros executivos da Michelin são mantidos informados sobre a administração da reserva através de relatórios mensais chamados SWOT (sigla em inglês para Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Ameaças), reuniões mensais e um relatório interno que avalia o desempenho da reserva, indica os pontos fortes e fracos, sugere melhorias quando necessárias e solicita os recursos necessários para alcançar as metas anuais não incluídas no orçamento da REM.

Os monitores da cachoeira e os guardas florestais fazem rondas diárias da RPPN e informam ao administrador sobre quaisquer irregularidades, maus funcionamentos, prejuízos ou perdas à toda infraestrutura na RPPN inclusive o prédio, os banheiros, as trilhas, as placas, primeiros socorros, equipamentos de resgate, bancos e a ponte. Toda RPPN é inspecionada mensalmente pelo administrador e o gerente da REM. É realizada anualmente também a inspeção da toda RPPN pelo pessoal de PMB PGRS em conjunção com um auditor autônomo como manda os protocolos da PMB. Todo trabalho a ser feito para manutenção, substituição, ou instalação de infraestrutura e equipamentos na RPPN é relatado ao departamento de compras/contratações da PMB, seguindo os protocolos da empresa.

O pessoal da RPPN participa em cursos sobre procedimentos para resgate na água e na floresta, combate a fogo, também como cursos de primeiros socorros a cada dois anos. O curso é conduzido pelo Departamento de Bombeiros de Ilhéus. Além disso, todo efetivo passa por formações realizadas em toda empresa para familiarizá-lo com os novos protocolos operacionais dentro da Michelin e reforçar procedimentos padrões e protocolos.

Os funcionários que monitoram a cachoeira trabalham cinco dias por semana de 8:00h até 17:00h. Os guardas florestais patrulham toda a REM e seguem três escalas para patrulhamento: 6 – 13 h; 13 – 19 h; 17 – 21 h. Como parte de nossa estratégia de proteção, as escalas de trabalho dos guardas florestais mudam cada mês, com pelo menos dois guardas trabalhando num dado dia e patrulhando sete dias por semana. Os guardas florestais assumem a responsabilidade dos monitores da cachoeira, quando esses últimos estiverem de folga. Todos os funcionários trabalham 44 horas/semana, e 176 horas/mês, como determinam as leis trabalhistas.

No atual momento, não temos programas para estágios nem voluntários e não temos a intenção de implementar tais programas num futuro próximo.

Não há problemas com invasões de espécies exóticas (alem da tilápia no rio), erosão nem outras causas de preocupação afetando a RPPN e como resultado, não necessitamos de intervenções de gestão nessa área.

3.2) Programa de Proteção e Fiscalização

O sistema de patrulhas dos guardas engloba toda RPPN. As ameaças principais a integridade da floresta e a cachoeira são atividades de caçadores, pescadores, extração de madeira, e coleta de palmito. Para combater essas atividades, a PMB criou a REM em 2004 e estabeleceu um plano de proteção em 2006, que foi reformulado de novo com a criação da RPPN em 2010. Hoje, o programa de proteção da floresta é concebido para que as pessoas que cometem atos ilegais na reserva nunca saibam onde e quando o guarda florestal aparecerá. Por essa razão, mudamos a escala de patrulhamento a cada mês; patrulhamos pela manhã, à tarde e à noite. Se o guarda florestal encontrar pessoas em atividades ilegais, há dois procedimentos a seguir: 1. Se for a primeira vez que a pessoa comete essa infração, e não for pega com qualquer animal, madeira ou palmito, e estiver na RPPN fora das áreas de visitação, com a intenção clara de realizar atividades ilegais, essa pessoa é informada que é ilegal a presença dela neste local e é advertida a não voltar. 2. Se voltar a ser pega com um animal, madeira ou palmito, os guardas florestais chamam a segurança da PMB que convoca a polícia local. Poucos homens esperam a polícia chegar, e é provável que eles fujam do local. Nesse caso, os guardas florestais não devem tentar prendê-los, e sim registrar o ocorrido e chamar a segurança da PMB. O fato dos guardas serem da comunidade local significa que eles conhecem as pessoas que moram ao entorno da RPPN, então, mesmo que a pessoa tenha escapado, ela será conhecida pelos guardas. Os guardas florestais, acompanhados pela segurança da PMB, vão à delegacia e registram uma queixa formal de acordo com o protocolo local. Após ter completado esse processo, a polícia assume a responsabilidade de acordo com a lei.

Os guardas patrulham a RPPN aproximadamente 100 vezes ao ano (uma vez cada 3,6 dias) com patrulhas todos os dias da semana pela manhã, à tarde e à noite. As patrulhas noturnas não são geralmente realizadas na época de lua cheia devido ao fato que é raro que caçadores cacem durante uma lua brilhante. Eles patrulham dentro e fora das trilhas e não há uma área dentro da RPPN que não esteja sob vigilância. Geralmente, eles caminham sozinhos durante o dia, mas à noite eles estão sempre acompanhados por pelo menos um guarda adicional. Eles escrevem relatórios diários sobre os acontecimentos durante o trabalho e entregam esses relatórios ao administrador da REM cada semana. Esse, por sua vez, produz um relatório semanal ao gerente da REM que manda o mesmo ao diretor da PMB. O gerente da REM avalia os registros das atividades ilegais mensalmente, e baseado no que ocorreu, determina a escala de patrulhamento para o próximo mês. Para cada registro, os guardas anotam o tipo de atividade ilegal, o local, e a hora que aconteceu (aproximadamente). Para os casos de atividades de caçadores (o caso mais comum) eles também anotam o tipo de registro (homem com espingarda, armadilhas ou esperas) e o tipo de isca usado. Eles marcam

cada registro com um GPS e depois, nos casos de armadilhas e esperas, eles os destroem e dispersam a isca. O sistema de patrulhamento tem sido muito efetivo e não temos mais registros de extração de madeira nem de coleta de palmito. As atividades de caçadores também têm diminuído de uma maneira significativa e hoje ocorre com pouca frequência, e normalmente ocorre no lado ocidental da floresta de Pancada Grande, não mais que cem metros da borda da floresta ($39^{\circ}11'9.283''O$, $13^{\circ}47'36.004''S$). Os caçadores usam a estrada da Colônia, e uma estrada pequena que perpassa dentro da propriedade vizinha a PMB, para ter acesso à floresta ($39^{\circ}11'23.345''O$, $13^{\circ}47'33.022''S$), escondendo suas motos ou bicicletas no mato denso na beira da floresta ($39^{\circ}11'17.005''O$, $13^{\circ}47'38.917''S$). A maior parte das atividades dos caçadores é feita com armadilhas e esperas e não caçam mais com cães. Desde a implementação do sistema de proteção em 2010, os registros para atividade de caçadores têm sido 11 (2011), 4 (2012), 1 (2013) e 3 (2014). Como tal, os caçadores não representam mais um problema para a RPPN e os dados de monitoramento de longo prazo da fauna mostram que as abundâncias da vida selvagem têm aumentado 451% desde a criação da reserva, com a abundância de certas espécies (tatu verdadeiro, paca, e veado) alcançando níveis igual ou superior às florestas mais protegidas do Brasil (Cullen et al. 2000, Cullen et al. 2001, Endo et al. 2010, Emmons 1984, Lopes and Ferrari, Peres 1993, Peres 1996, Peres 2000, Peres 2001, Peres et al. 2010, Peres & Nascimento 2006, Peres & Palacios 2007). Os guardas florestais todos têm uniformes do seu próprio desenho, botas, facões, mochilas, GPS, lápis e canetas, cadernos, kits de primeiros socorros, telefones celulares, lanternas e um veículo.

Com milhares de turistas e pessoas locais visitando a cachoeira cada ano, sempre existe o perigo de um acidente ou afogamento. Para combater esses perigos, os monitores e guardas florestais são treinados em resgate (na água e floresta), e têm cursos de reforço em primeiros socorros a cada dois anos. Hoje, temos monitores que diariamente vigiam a área de visitação ao entorno da cachoeira que estão treinados em resgate e salvamento. Equipamentos de resgate e primeiros socorros estão guardados no prédio de administração na base da cachoeira, pronto para uso caso haja necessidade. Se ocorrer um acidente, o pessoal da cachoeira entra em contato com a segurança da PMB e o administrador da REM. A segurança da PMB é responsável por entrar em contato com o hospital local (Ituberá) e caso haja necessidade, a polícia local. Também eles entram imediatamente em contato com o diretor e o médico da PMB. O fato do pessoal da cachoeira está capacitado em primeiros socorros e resgate, eles ajudam como podem de acordo com seu treinamento até a chegada da ambulância. Sendo o problema de cunho perigoso, como ladrões, vândalos ou outros delinquentes, o pessoal da cachoeira entra em contato imediatamente com a segurança que, por sua vez, aciona a polícia e juntos vão ao local do ocorrido. O pessoal da cachoeira não é capacitado para lidar com criminosos, então, a responsabilidade limitar-se a entrar em contato com a segurança da PMB.

Não há um histórico de fogos que escapam de controle nas paisagens vizinhas a RPPN porque a precipitação é alta e a maior parte da agricultura está sob sistemas

agroflorestais que não usam queimadas como parte do ciclo agrícola. No entanto, a segurança da PMB e os guardas florestais da RPPN são capacitados a enfrentar fogos com cursos realizados pelo Departamento dos Bombeiros de Ilhéus bianualmente.

3.3) Programa de Pesquisa e Monitoramento

O potencial de a RPPN servir como um local de pesquisa tem sido provado pelo histórico de pesquisa realizado até o momento. Com 73 estudos completados ou em andamento na reserva e com 6 a 10 novos estudos cada ano, e com 60 publicações científicas até agora (anexos 5 e 6), a RPPN promete ser um local importante para cientistas no futuro próximo. Com altos índices de biodiversidade (anexos 1, 2, 3) já registrados e com a descrição de sete novas espécies (anexo 4) e mais espécies sendo descritas, o local continuará a contribuir a nossa compreensão da Mata Atlântica da Bahia. Quando analisamos os projetos, nossa filosofia é que aceitaremos qualquer projeto que seja bem concebido, sem importar com os organismos a serem estudados, e se nosso orçamento permitir fornecer serviços básicos (veja abaixo), se o estudo não causar qualquer dano permanente ou grande a fauna ou flora, se for feito com as permissões necessárias do SISBIO e seguir todas as leis federais, os cientistas terão acesso a toda RPPN por fins de pesquisa.

O CEB é responsável pela avaliação e aprovação de todos os potenciais projetos, pelo fornecimento de serviços logísticos previamente concordados, da segurança e pela condução de seus próprios projetos, inclusive o monitoramento em longo prazo da pressão dos caçadores, da abundância relativa da fauna, e da fenologia da frutificação das árvores florestais. Fornecemos apoio logístico a todos os cientistas com projetos aprovados, o que inclui uma rede de trilhas e estradas bem mantidas, mapas, orientação, ajuda na montagem das parcelas de pesquisa quando necessária, comida e alojamento. A comida e serviços de alojamento são fornecidos dentro do prédio do CEB na REM fora da RPPN. Não cobramos nada dos pesquisadores.

Além desse fornecimento de estradas e trilhas de acesso bem mantidas, temos guardas florestais que patrulham regularmente a floresta. Também, todos os cientistas são avisados a carregarem seus próprios kits de primeiros socorros, como também telefone celular (Vivo ou Claro, ambas têm recepção na RPPN) nos casos de emergência. Antes de começar a sua pesquisa, fornecemos aos cientistas todos os números de telefone dos guardas florestais, o administrador e gerente da REM e a segurança da PMB. Pedimos que eles guardem todos esses números nos seus celulares como parte dos procedimentos de segurança. Todos os guardas florestais carregam celulares e kits de primeiros socorros e são treinados em resgate aquática e na floresta, portanto em casos de emergência, eles estão preparados a responder. Pedimos que todos os cientistas divulguem qualquer condição médica para que nos casos de emergência, os médicos saibam dessa condição quando aplicar tratamento.

Todos os cientistas recebem um documento onde constam as regras apropriadas de conduta antes do início do seu trabalho de campo. Não é permitido aos cientistas coletar ou alterar a flora e fauna sem permissão explícita do CEB e somente se tiverem a documentação apropriada (SISBIO). Os botânicos são informados de não cortar as árvores. Não é permitido o corte de quaisquer novas trilhas; apenas permitimos pequenas picadas de acesso à floresta que são feitas através do corte mínimo de vegetação rasteira que pode recuperar-se. Fita para marcar deve ser usada minimamente e marcada com o nome do projeto, a instituição, e as fitas devem ser removidas no final do estudo. Não é permitido fumar na floresta e os cientistas não podem portar armas. Todos os cientistas devem informar ao CEB quando e aonde irão para que saibamos onde procurá-los em caso de acidente. Somente será permitida a realização de pesquisa que foi aceita pelo CEB e descrita no convênio. Se decidirem expandir ou modificar o estudo de uma maneira significante, eles são obrigados a informar ao CEB e submeter uma nova ou modificada proposta para ser avaliada. Aos cientistas só serão permitidos a entrada na reserva com assistentes/parceiros de pesquisa que foram especificados nas propostas aprovadas. Qualquer violação das regras pode resultar na cancelamento do projeto e a expulsão da reserva.

Todas as parcerias científicas são formalizadas através de um convênio assinado entre PMB, o cientista responsável pela pesquisa e a instituição a qual pertence. Os modelos para convênios seguem aqueles usados pelas instituições de pesquisa e são avaliados pelo departamento jurídico da Michelin Brasil, na sede no Rio de Janeiro. Os convênios especificam as obrigações de ambas as partes, inclusive a assistência a ser fornecida pelo CEB e é estabelecido um cronograma para completar o trabalho. Está também incluída no convênio uma cópia do projeto aprovado e qualquer outra documentação necessária (permissão do SISBIO, por exemplo). Os convênios têm a duração do projeto (1 a 2 anos) e cada projeto novo requer um novo convênio. Nos casos onde um cientista decide estender o projeto por mais dois anos, um novo convênio deve ser assinado. Aceitamos parcerias com qualquer instituição de pesquisa nacional ou internacional uma vez que seja aprovada a proposta e eles tenham a permissão de acordo com a lei federal.

Uma parte do acordo com cientistas, especificada no convênio, é que uma vez que o trabalho for concluído e analisado, uma cópia eletrônica deve ser enviada à Michelin. Esses documentos talvez sejam limitados a uma tese ou relatório, mas no caso de publicações científicas que resultem do trabalho, nosso acordo estipula que os cientistas enviem cópias em PDF de cada artigo publicado para que possamos aprender de seus estudos e arquivar todo trabalho publicado no banco de dados do CEB. Anexo 6 lista todas as publicações que tem resultado do trabalho realizado na reserva. Um dos nossos requisitos para aceitarmos uma proposta é que haja um compromisso, por parte do cientista, em publicar seus resultados em periódicos científicos para que a informação fique disponível para a comunidade científica. Nosso acordo com os cientistas é que não usaremos nenhuma informação dos seus estudos até o trabalho ser publicado, ou como uma tese ou num periódico científico. Fazemos isso de acordo com a ética internacional

que governa a condução de pesquisa, para assegurar que cada cientista tenha os direitos autorias do seu trabalho.

3.4) Programa de visitação

A visitação está limitada à zona de visitação (figuras 5, 6 e 8). Uma das principais funções da reserva é receber visitantes (turistas e pessoas locais) de uma maneira segura e sustentável para que eles possam desfrutar a magnífica cachoeira Pancada Grande e a floresta acima da cachoeira. Para poder fazer isso, mantemos um estacionamento perto da entrada da RPPN onde os visitantes podem deixar seus veículos e ter acesso às estradas que vão à base e ao topo da cachoeira. Somente pessoas idosas ou aquelas com limitações físicas têm permissão a entrar na RPPN num veículo. Desde o estacionamento, há placas para informar aos visitantes a localização da cachoeira, as regras de conduta, e uma placa oficial que designa a área como RPPN (anexo 9). As estradas que dão acesso à cachoeira funcionam normalmente, mesmo nas épocas de fortes chuvas. Temos um jardineiro que mantém a área limpa e ordenada e os monitores da cachoeira asseguram que a área permaneça limpa e segura. Há latas de lixo e reciclagem em vários pontos da RPPN que são coletadas semanalmente, essa coleta é organizada pelo PRGS da PMB. Há uma escadaria que vai da base ao topo da cachoeira com corrimão e uma barreira protegendo as pessoas do perigo. Há uma ponte na base da cachoeira muito utilizada pelos usuários para fotografarem. Há bancos para que as pessoas possam sentar e relaxar na base e no topo da cachoeira. Algumas pedras da piscina natural na base da cachoeira foram removidas para que as pessoas não machuquem os pés quando entrarem na água. Os monitores da cachoeira cuidam dos visitantes e asseguram que esses mesmos sigam os protocolos de segurança (por exemplo, a proibição de pular da ponte ou escalar as pedras escorregadias). Mantemos um kit de primeiros socorros no prédio administrativo na cachoeira e os equipamentos de resgate ficam ao lado da área onde pessoas nadam (anexo 9) e os funcionários são capacitados em resgate na água e primeiros socorros. Os 7,8 km de trilhas na floresta estão abertos à visitação. Permitimos que os visitantes possam caminhar nessas trilhas se obedecerem às regras e não perturbarem a vida selvagem ou a vegetação. Há dois banheiros para o uso dos visitantes, um funciona durante todo o ano e o outro apenas nos meses de verão, e uma lanchonete terceirizada que funciona também nos meses de verão.

Temos um livro de visitação, porém poucas pessoas o assinam. Aproximadamente 10.000 pessoas por ano assinam esse livro, porém, é provável que a RPPN receba pelo menos o dobro desse número. Avaliamos o impacto dessa visitação através do monitoramento constante da área, quando os monitores a inspecionam diariamente; o administrador e o gerente da PMB fazendo inspeções mensais e um auditor de fora, contratado pelo setor PRGS, anualmente. Até agora, não temos encontrado quaisquer impactos negativos dessa visitação que não possam ser tratáveis coletar o lixo do chão, etc. Alguns visitantes têm marcado as árvores com facões ou esculpido seus nomes nas mesmas, mas não é um problema grande e poucas árvores têm sido afetadas. .

Também permitimos que programas de educação ambiental utilizem a RPPN, inclusive a área da cachoeira e os 7,8 km de trilhas na floresta e a área dentro de 10 m das trilhas. A maior parte das atividades é organizada pelo CEB como parte do programa de educação ambiental da REM que serve as comunidades no entorno da mesma. Grupos de 10 a 20 alunos são liderados por dois instrutores e um guarda florestal que acompanha o grupo por questões de segurança. Há aproximadamente 6 cursos com duração de um dia realizados na RPPN cada ano, e 3 a 4 dias de eventos sobre educação ambiental na cachoeira durante a semana do Dia do Meio Ambiente. Esses cursos envolvem a comunidade local e as escolas públicas de Ituberá e Igrapiúna. Às vezes recebemos solicitações de escolas mais distantes para utilizar a área em cursos de educação ambiental, mas essas não passam de 5 por ano. O foco de nossos cursos de educação ambiental na RPPN é expor aos jovens locais ao patrimônio rico da região, considerando que a maior parte nunca antes andou na floresta. Nessas caminhadas, explicamos o funcionamento do ecossistema florestal, apontamos como as atividades antrópicas têm afetado o ecossistema, e discutimos as maneiras que podemos amenizar alguns dos impactos negativos nas florestas regionais. Tentamos também inculcar um sentido de maravilha e orgulho, esperando que esses jovens possam aprender a apreciar a sua região e sejam conscientes de como é importante preservar o que resta desse ecossistema e a sua importância para o país e o mundo. Os alunos que participam no programa de educação ambiental usam seu próprio transporte para chegar até a RPPN e apesar de ocasionalmente proporcionarmos lanches, não cedemos alojamento. No caso de proporcionarmos lanches, eles são preparados fora da RPPN.

3.5) Programa de Sustentabilidade Econômica

Os recursos financeiros necessários para manter a RPPN e os programas relacionados vêm exclusivamente da Michelin, que proporcionam uma segurança financeira pela manutenção em longo prazo do local. A responsabilidade pelo local é da REM cujo orçamento anual fica em torno de R\$100.000 pela manutenção da RPPN, que é claramente suficiente. O orçamento é garantido pela Michelin, o que faz com que a RPPN seja viável em longo prazo sem a necessidade de ajuda financeira externa. Isso permite que não seja necessário cobrar entrada na cachoeira e mantém o local aberto para visitantes de todas as classes sociais. Não prevemos um aumento nas necessidades orçamentais para operar os programas da RPPN, uma vez que temos implantado todos os programas descritos nesse documento.

3.6) Programa de Comunicação

Temos cinco estratégias principais para comunicação relacionados a RPPN. A primeira é através de trabalhos publicados pelos cientistas que se comprometem a reconhecer a RPPN nos seus artigos. A citação da reserva ajuda a divulgar uma consciência na comunidade científica/conservacionista sobre a existência e importância do local. Nossa meta ao longo prazo é publicar 4 a 6 artigos por ano do trabalho realizado na reserva e

até esse momento, temos publicado 60 artigos (anexo 6) e cada um menciona a reserva na secção dos métodos, também como na secção de reconhecimentos. Esses artigos científicos são publicados em periódicos nacionais e internacionais para que consciência sobre a reserva e a importância do local alcance as pessoas ao redor do mundo.

O segundo método é através de comunicação interna da empresa. A Michelin é uma empresa multinacional com mais de 100.000 funcionários e considerando que o trabalho de cada funcionário é necessário para que a empresa seja bem sucedida, e, portanto, possibilite a manutenção da reserva, é essencial que eles saibam da existência e importância dessa área de conservação que eles estão mantendo. O Departamento de Comunicação da Michelin Brasil é a entidade principal responsável por essa tarefa. Eles fazem isso em duas maneiras: a) trazendo os funcionários à plantação e organizando visitas e palestras sobre a reserva, o trabalho sendo realizado, e a importância da RPPN pela imagem ‘verde’ da empresa, responsabilidade corporativa (social e ambiental) e o papel importante da reserva no SNUC, que contribui aos esforços de conservação regionais e nacional; b) O gerente da reserva também faz visitas periódicas aos escritórios da empresa no Rio de Janeiro e na sede internacional na França para apresentar o trabalho realizado na reserva e a sua importância para os esforços de conservação nacional e internacional. Dessa maneira, os funcionários da Michelin estão conscientes da RPPN e o seu valor para a empresa e o público como um todo.

A terceira parte desse programa de comunicação está direcionada aos jornalistas, nacionais e internacionais, cujas visitas são organizadas pelo Departamento de Comunicações da Michelin Rio de Janeiro. Essas visitas são normalmente em resposta as questões dos jornalistas sobre os programas de responsabilidades corporativas, imagem verde, e programas de desenvolvimento que fazem parte do Projeto Ouro Verde Bahia. Durante as visitas, os jornalistas recebem apresentações sobre a reserva e depois percorrem vários locais de interesse para ver, em primeira mão, o trabalho, e confirmar a informação que foi divulgada nas apresentações. Esse tour no campo inclui visitas à cachoeira, ao local de restauração, e uma caminhada interpretativa na floresta. Temos recebido jornalistas da maior parte dos principais jornais brasileiros e jornais e revistas internacionais dos Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália e Rússia, entre outros países.

A quarta parte do programa de comunicação focaliza em nossos vizinhos e é conduzida através do programa de educação ambiental da REM. De forma regular, levamos alunos e adolescentes que participam no programa de cada uma das quatro comunidades ao nosso entorno (Tabocas, Santa Luzia, Vila 3 e Vila 4) para caminhadas didáticas na floresta de RPPN, onde é mostrado como funciona o ecossistema, e a importância de preservar a Mata Atlântica. Também recebemos escolas de Ituberá, Igrapiúna, e Valença, pelo menos uma vez ao ano. Além dessas visitas escolares, comemoramos um evento nacional no Dia do Meio Ambiente na RPPN, organizado pela nossa equipe de educação ambiental e as crianças que participam nesse programa. Eles desenvolvem projetos, inclusive cartazes, peças teatrais e apresentações musicais, que refletem o que

têm aprendido no programa e apresentam essa aprendizagem a outras crianças durante um período de cinco dias. Esse evento inclui caminhadas interpretativas na floresta. O programa de educação ambiental também possui uma página no Facebook onde todas as atividades do programa são exibidas e considerando que endereços do Facebook espalham entre os jovens na Bahia, muitos deles visitam o site e aprendem sobre a RPPN e o seu trabalho.

Finalmente, estamos construindo um web site para REM que inclui informação sobre a RPPN. O site incluirá informação sobre a RPPN, inclusive instruções de como chegar, informação sobre horários de visitação, regras de conduta segura, mapas para aqueles que querem andar nas trilhas, e os regulamentos que governam o uso do local. Esse site também incluirá fotos da cachoeira e da floresta, uma lista de todo trabalho científico já feito na reserva e nosso programa de educação ambiental. O site ficará pronto no primeiro semestre de 2015.

O web site do município de Ituberá tem uma parte dedicada a RPPN, focalizando a cachoeira como a principal atração turística da cidade. Não participamos na construção desse site, mas a informação ali fornecida ajuda a comunicar o significado cultural do local.

4) Projetos específicos

Todos os projetos listados nesse plano de manejo já foram desenvolvidos, financiados e implementados. A única exceção é o web site que está na fase final de desenvolvimento, mas já foi completamente financiado. A infraestrutura está toda implantada, inclusive o estacionamento, a guarita, as placas, os banheiros, a casa administrativa, as escadarias com corrimões, a ponte e as trilhas na floresta. Estamos recebendo turistas desde muito antes da criação da RPPN e os funcionários são treinados em primeiros socorros e resgate aquática e na floresta, e os protocolos de segurança estão já instalados e operando. O programa de educação ambiental está funcionando há três anos e até esse momento, algumas centenas de jovens têm visitado o local e participado no programa. O programa de proteção está funcionando bem e quase eliminamos as atividades dos caçadores da reserva e eliminamos totalmente a extração ilícita de madeira e coleta de animais e plantas silvestres. Estão em andamento os monitoramentos da caça ilegal, da fauna e da fenologia, o primeiro desde 2010, os últimos dois desde 1997. O programa de pesquisa está operacional desde 2006 e continua sem interrupção até o momento atual. O local de restauração nos plantios abandonados de seringueira foi plantado em 2008 e as árvores estão crescendo bem, então não há necessidade de novos plantios. Temos recursos garantidos para manter o local limpo e seguro e assegurar que os programas científicos e de educação ambiental serão perenemente mantidos.

A RPPN está completamente integrada à administração da REM e atingiu o nível desejado de investimento, também como os objetivos articulados pela Michelin quando foi concebida a RPPN. Por final, o programa de comunicações está funcionando de

acordo com os objetivos desejados e quando o web site for concluído, todos os nossos projetos terão sido implementados. Como tal, a RPPN será completamente operacional assim que esse Plano de Manejo for apresentado ao MMA.

5) Cronograma de atividades e custos

Todas as atividades e os programas, com a exceção do web site, já foram financiados e implementados. Os custos operacionais para manter a RPPN chegam a aproximadamente R\$100.000 no orçamento e vêm do orçamento operacional da REM, garantido pela Michelin para sempre. O web site está na fase final de desenvolvimento e será lançada no primeiro semestre de 2015.

Bibliografia

- Brown, K. S., Jr. & G. G. Brown. 1992. Habitat alteration and species loss in Brazilian forests. Pages 119-142 in T. C. Whitmore and J. A. Sayer, editors. *Tropical Deforestation and Species Extinction*. Chapman Hall, London.
- Carnaval, A.C., M.J. Hickerson, C.F.B. Haddad, M.T. Rodrigues & Craig Moritz. 2009. Stability predicts genetic diversity in the Brazilian Atlantic Forest hotspot. **Science** 323:785-789.
- Cardoso da Silva, J. M. & C. H. M. Casteleti. 2003. Status of Biodiversity of the Atlantic Forest of Brazil. Pages 43-59 in C. Galindo-Leal and I. de Gusmao Camara, editors. *The Atlantic Forest of South America - Biodiversity Status, Threats, and Outlook*. Island Press, Washington.
- Cullen, L.Jr., E.R. Bodmer & C. Valladares-Padua. 2000. Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic forests, Brazil. **Biological Conservation** 95:49-56.
- Cullen, L.Jr, E.R. Bodmer & C. Valladares-Padua. 2001. Ecological consequences of hunting in Atlantic forest patches, Sao Paulo, Brazil. **Oryx** 35:137-144.
- Endo, W., C.A. Peres, E. Salas, S. Mori, J.L. Sanchez-Vega, G.H. Shepard, V. Pacheco & D.W. Yu. 2010. Game vertebrate densities in hunted and nonhunted forest sites in Manu National Park, Peru. **Biotropica** 42:251-261.
- Emmons, L.H. 1984. Geographic variation in densities and diversities of non-flying mammals in Amazonia. **Biotropica** 16:210-222.
- Ferreira, F.M., C. Van Den Berg, V.C. Hollowell & R.J. Oliveira. 2013. *Parianella* (Poaceae, Bambusoideae): morphological and biogeographical information reveals a new genus of herbaceous bamboos from Brazil. **Phytotaxa** 77(2): 27-32.
- Flesher, K.M. & J. Laufer. 2013. Protecting wildlife in a heavily hunted biodiversity hotspot: a case study from the Atlantic Forest of Bahia, Brazil. **Tropical Conservation Science** 6(2): 181-200.
- Galindo-Leal, C., and I. de Gusmao Camara, editors. 2003. *The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook*. Island Press, Washington, D.C.
- Leme, E.M.C. & L.J.C. Kollman. 2013. Miscellaneous new species of Brazilian Bromeliaceae. **Phytotaxa** 108(1): 1-40.
- Leme, E.M.C. & L.J.C. Kollman. 2011. New species and a new combination of Brazilian Bromeliaceae. **Phytotaxa** 16: 1-36.
- Lopes, M.A. & S.F. Ferrari. 2000. Effects of human colonization on the abundance and diversity of mammals in eastern Brazilian Amazonia. **Conservation Biology** 14(6):1658-1665.
- Martini, A.M.Z., P. Fiaschi, A.M. Amorim & J.L. da Paixão. 2007. A hot-point within a hot-spot: a high diversity site in Brazil's Atlantic Forest. **Biodiversity and Conservation** 16:3111-3128.

- Mittermeier, R. A., A. F. Coimbra-Filho, I. D. Constable, A. B. Rylands & C. Valle. 1982. Conservation of primates in the Atlantic forest region of eastern Brazil. **International Zoo Yearbook**. 22:2-17.
- Mori, S. A., B. M. Boom, A. M. de Carvalho & T. S. dos Santos. 1983. Southern Bahian Moist Forests. **The Botanical Review** 49:155-232.
- Myers, N., R. A. Mittermeier, C. G. Mittermeier, G. A. B. da Fonseca & J. Kent. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403:853-858.
- Peres, C.A. 1993. Structure and spatial organization of an Amazonian terra firme forest primate community. **Journal of Tropical Ecology** 9:259-276.
- Peres, C.A. 1996. Population status of white-lipped *Tayassu pecari* and collared peccaries *Tayassu tajacu* in hunted and unhunted Amazonian forests. **Biological Conservation** 77:115-123.
- Peres, C.A. 2000. Evaluating the impact of sustainability of subsistence hunting at multiple Amazonian forest sites. In Robinson JG, Bennett EL (eds) *Hunting for sustainability in tropical forests*. Columbia University Press, New York, pp 31-55.
- Peres, C.A. 2001. Synergistic effects of subsistence hunting and habitat fragmentation on Amazonian forest vertebrates. **Conservation Biology** 15:1490-1505.
- Peres, C.A., T.A. Gardner, J. Barlow, J. Zuanon, F. Michalski, A.C. Lees, I.C.G. Vieira, F.M.S. Moreira & K.J. Feeley. 2010. Biodiversity conservation in human-modified Amazonian forest landscapes. **Biological Conservation** 143:2314-2327.
- Peres, C.A. & N.H. Nascimento. 2006. Impact of game hunting by the Kayapó of south-eastern Amazonia: implications for wildlife conservation in tropical forest indigenous reserves. **Biodiversity and Conservation** 15:2627-2653.
- Peres C.A. & E. Palacio. 2007. Basin-wide effects of game harvest on vertebrate population densities in Amazonian forests: implications for animal-mediated seed dispersal. **Biotropica** 39(3):304-317.
- Rambaldi, D.M., R.V. Fernandes & M.A. Reolon Schmidt. 2005. Private protected areas and their key role in the conservation of the Atlantic forest biodiversity hotspot, Brazil. **Parks** 15:30-38.
- Rocha-Santos, L. & D.C. Talora. 2012. Recovery of Atlantic Rainforest areas altered by distinct land-use histories in northeastern Brazil. **Tropical Conservation Science**, 5(4), 475-494.
- Tabarelli, M., L.P. Pinto, J.M.C. Silva, M. Hirota & L. Bedê. 2005. Challenges and Opportunities for biodiversity conservation in the Brazilian Atlantic Forest. **Conservation Biology** 19 (3):695-700.

Thomas W.M.W., A.M.V. Carvalho, A.M.A. Amorim, J. Garrison & A.L. Arbelez. 1998. Plant endemism in two forest in southern Bahia, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 7:311-322.

Viana, V. M., and A. A. J. Tabanez. 1996. Biology and conservation of forest fragments in the Brazilian Atlantic moist forest. Pages 151-167 in J. Schelhas and R. Greenberg, editors. *Forest Patches in Tropical Landscapes*. Island Press, Washington, D.C.

Young C.E.F. 2005. Financial mechanisms for conservation in Brazil. **Conservation Biology** 19:756-76.

Anexo 1

Lista das Espécies da Flora

FLORA – ESPÉCIES ARBÓREAS

MSc. Larissa Rocha Santos¹ & MSc. José Lima da Paixão²

¹Pós Graduação em Ecologia e Conservação – Universidade Estadual de Santa Cruz

²Técnico do Herbário - Universidade Estadual de Santa Cruz

FAMILÍA	ESPÉCIE
Achariaceae	<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) Endl.
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.
Anacardiaceae	<i>Thyrsodium spruceanum</i> Benth.
Annonaceae	<i>Anaxagorea dolichocarpa</i> Sprague & Sandwith
Annonaceae	<i>Guatteria blanchetiana</i> R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Guatteria oligocarpa</i> Mart.
Annonaceae	<i>Pseudoxandra bahiensis</i> Maas
Annonaceae	<i>Rollinia dolabripetala</i> (Raddi) R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Xylopia ochrantha</i> Mart.
Annonaceae	<i>Xylopia sericea</i> A.St.-Hil.
Annonaceae	<i>Xylopia</i> sp1
Apocynaceae	<i>Anartia olivacea</i> (Müll.Arg.) Markgr.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma discolor</i> A.DC.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma spruceanum</i> Benth. ex Müll.Arg.
Apocynaceae	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A.DC.) Woodson
Apocynaceae	<i>Lacistema bahiensis</i> J.F.Morales
Araliaceae	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyermark. & Frodin
Asteraceae	<i>Vernonia diffusa</i> Less.
Bignoniaceae	<i>Bignoniaceae</i> sp1
Bignoniaceae	<i>Bignoniaceae</i> sp2
Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i> cf. <i>cassinoides</i> (Lam.) DC.
Bignoniaceae	<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith
Boraginaceae	<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.
Boraginaceae	<i>Cordia</i> sp1
Burseraceae	<i>Burseraceae</i> sp1
Burseraceae	<i>Protium aracouchini</i> Marchand
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand
Burseraceae	<i>Protium icicariba</i> (DC.) Marchand
Burseraceae	<i>Protium warmingianum</i> Marchand
Burseraceae	<i>Tetragastris catuaba</i> Soares da Cunha
Caricaceae	<i>Jacaratia heptaphylla</i> (Vell.) A. DC.
Caryocaraceae	<i>Caryocar edule</i> Casar.
Celastraceae	<i>Maytenus</i> sp1

Celastraceae	<i>Maytenus</i> sp2
Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanaceae</i> sp1
Chrysobalanaceae	<i>Couepia belemii</i> Prance
Chrysobalanaceae	<i>Couepia bondarii</i> Prance
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.
Chrysobalanaceae	<i>Licania belemii</i> Prance
Chrysobalanaceae	<i>Licania hoehnei</i> Pilg.
Chrysobalanaceae	<i>Licania hypoleuca</i> Benth.
Chrysobalanaceae	<i>Licania salzmannii</i> (Hook.f.) Fritsch
Clethraceae	<i>Clethra</i> sp1
Clusiaceae	<i>Rheedia macrophylla</i> (Mart.) Planch. & Triana
Clusiaceae	<i>Sympodia globulifera</i> L.f.
Clusiaceae	<i>Tovomita choisyana</i> Planch. & Triana
Clusiaceae	<i>Tovomita mangle</i> G. Mariz
Combretaceae	<i>Combretum laxum</i> Jacq.
Cunoniaceae	<i>Lamanonia</i> sp1
Dichapetalaceae	<i>Stephanopodium blanchetianum</i> Baill.
Ebenaceae	<i>Diospyros</i> sp1
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea garckeana</i> K.Schum.
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea monosperma</i> Vell.
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea usurpatrix</i> Sprague & L. Riley
Erythroxilaceae	<i>Erythroxylum</i> aff. <i>distortum</i> Mart.
Erythroxilaceae	<i>Erythroxylum cuspidifolium</i> Mart.
Erythroxilaceae	<i>Erythroxylum martii</i> Peyr.
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon</i> sp1
Euphorbiaceae	<i>Aparisthium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.
Euphorbiaceae	<i>Bernardia</i> sp1.
Euphorbiaceae	<i>Croton</i> sp1
Euphorbiaceae	Euphorbiaceae sp1
Euphorbiaceae	<i>Mabea piriri</i> Aubl.
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.
Euphorbiaceae	<i>Senefelderia verticillata</i> (Vell.) Croizat
Fabaceae	<i>Albizia pedicellaris</i> (Dc.) L.Rico
Fabaceae	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F.Macbr
Fabaceae	<i>Arapatiella psilophylla</i> (Harms) Cowan
Fabaceae	<i>Balizia pedicellaris</i> (DC.) Barneby & J.W.Grimes
Fabaceae	<i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell.) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Copaifera lucens</i> Dwyer
Fabaceae	<i>Copaifera</i> sp1
Fabaceae	Fabaceae sp1
Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.
Fabaceae	<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.
Fabaceae	<i>Inga subnuda</i> Benth.
Fabaceae	<i>Inga thibaudiana</i> DC.
Fabaceae	<i>Macrolobium latifolium</i> Vogel

Fabaceae	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Walp.
Fabaceae	<i>Peltogyne angustiflora</i> Ducke
Fabaceae	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl
Fabaceae	<i>Sclerolobium densiflorum</i> Benth.
Fabaceae	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Swartzia</i> aff. <i>riedelii</i> Cowan
Fabaceae	<i>Swartzia flaemingii</i> Raddi
Fabaceae	<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi
Fabaceae	<i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng.
Fabaceae	<i>Swartzia</i> sp1
Fabaceae	<i>Tachigali densiflora</i> (Benth.) L.F. Gomes da Silva & H.C. Lima
Fabaceae	<i>Tachigali</i> sp1
Fabaceae	<i>Vataireopsis araroba</i> (Aguiar) Ducke
Hypericaceae	<i>Vismia macrophylla</i> Kunth
Icacinaceae	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers
Lacistemataceae	<i>Lacistema robustum</i> Schnizl.
Lauraceae	<i>Beilschmiedia linharensis</i> Sachiko Nishida & van der Werff
Lauraceae	<i>Cryptocarya</i> aff. <i>riedeliana</i> P.L.R.Moraes
Lauraceae	<i>Licaria bahiana</i> Kurz
Lauraceae	<i>Nectandra cuspidata</i> Nees & Mart.
Lauraceae	<i>Nectandra membranacea</i> (Sw.) Griseb.
Lauraceae	<i>Ocotea</i> aff. <i>aciphylla</i> (Nees & Mart.) Mez
Lauraceae	<i>Ocotea</i> cf. <i>corymbosa</i> (Meisn.) Mez
Lauraceae	<i>Ocotea</i> cf. <i>indecora</i> (Schott) Mez
Lauraceae	<i>Ocotea divaricata</i> (Nees) Mez
Lauraceae	<i>Ocotea percurrens</i> Vicent.
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i> aff. <i>alvimii</i> S.A.Mori
Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers
Lecythidaceae	Lecythidaceae sp1
Lecythidaceae	<i>Lecythis lurida</i> (Miers) S.A.Mori
Lecythidaceae	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima crispa</i> A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i> DC.
Malvaceae	<i>Apeiba albiflora</i> Ducke
Malvaceae	<i>Eriotheca globosa</i> (Aubl.) A.Robyns
Malvaceae	<i>Eriotheca macrophylla</i> (K.Schum.) A.Robyns
Malvaceae	<i>Hydrogaster trinervis</i> Kuhlm.
Malvaceae	<i>Sterculia excelsa</i> Mart.
Melastomataceae	<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC.
Melastomataceae	<i>Miconia calvescens</i> DC.
Melastomataceae	<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.
Melastomataceae	<i>Miconia hypoleuca</i> (Benth.) Triana
Melastomataceae	<i>Miconia mirabilis</i> (Aubl.) L.O. Williams
Melastomataceae	<i>Tibouchina francavillana</i> Cogn.
Meliaceae	<i>Trichilia lepidota</i> Mart.

Meliaceae	<i>Trichilia</i> sp1
Moraceae	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber
Moraceae	<i>Clarisia biflora</i> Ruiz & Pav.
Moraceae	<i>Ficus clusiifolia</i> Schott
Moraceae	<i>Ficus</i> sp1
Moraceae	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) J.F.Macbr.
Moraceae	<i>Naucleopsis</i> sp1
Moraceae	<i>Sorocea racemosa</i> Gaudich.
Moraceae	<i>Sorocea</i> sp1
Myristicaceae	<i>Virola gardneri</i> (A.DC.) Warb.
Myristicaceae	<i>Virola officinalis</i> Warb.
Myrtaceae	<i>Calyptranthes concinna</i> DC.
Myrtaceae	<i>Eugenia adenantha</i> O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> cf. <i>cobanensis</i> Lundell
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> cf. <i>pauciflora</i> DC.
Myrtaceae	<i>Eugenia flamingensis</i> O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia fluminensis</i> O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia jurujubensis</i> Kiaersk.
Myrtaceae	<i>Eugenia platyphylla</i> O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp1
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp2
Myrtaceae	<i>Marlierea</i> sp1
Myrtaceae	<i>Myrcia amazonica</i> DC.
Myrtaceae	<i>Myrcia pubipetala</i> Miq.
Myrtaceae	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.
Myrtaceae	<i>Myrciaria floribunda</i> (H.West ex Willd.) O.Berg
Myrtaceae	<i>Myrciaria guaquiea</i> (Kiaersk.) Mattos & D.Legrand
Myrtaceae	Myrtaceae sp1
Myrtaceae	Myrtaceae sp2
Myrtaceae	<i>Plinia muricata</i> Sobral
Myrtaceae	<i>Psidium</i> sp1
Nyctaginaceae	<i>Guapira nitida</i> (Mart. ex J.A.Schmidt) Lundell
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz
Nyctaginaceae	<i>Neea verticillata</i> Ruiz & Pav.
Nyctaginaceae	Nyctaginaceae sp1
Nyctaginaceae	<i>Pisonia</i> cf. <i>tomentosa</i> Casar.
Ochnaceae	<i>Elvasia tricarpellata</i> Sastre
Ocquinaceae	Ocquinaceae sp1
Olacaceae	<i>Aptandra tubicina</i> (Poepp.) Benth. ex Miers
Olacaceae	<i>Heisteria perianthomega</i> (Vell.) Sleumer
Olacaceae	<i>Tetrastylidium grandifolium</i> (Baill.) Sleumer
Peraceae	<i>Chaetocarpus</i> aff. <i>myrsinites</i> Baill.
Peraceae	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.
Peraceae	<i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers ex Benth
Phyllanthaceae	<i>Hieronyma alchorneoides</i> Allemão

Phyllanthaceae	<i>Hieronyma oblonga</i> (Tul.) Müll.Arg.
Phyllanthaceae	<i>Margaritaria nobilis</i> L.f.
Putranjivaceae	<i>Drypetes sessiliflora</i> Allemão
Rubiaceae	<i>Alseis floribunda</i> Schott
Rubiaceae	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.
Rubiaceae	<i>Amaioua intermedia</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.
Rubiaceae	<i>Cordiera elliptica</i> (Cham.) Kuntze
Rubiaceae	<i>Coussarea ilheotica</i> Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltdl.
Rubiaceae	<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.
Rubiaceae	Rubiaceae sp1
Rubiaceae	Rubiaceae sp2
Rubiaceae	<i>Simira</i> sp.
Rutaceae	<i>Zanthoxylum retusum</i> (Albuq.) P.G. Waterman
Salicaceae	<i>Banara serrata</i> (Vell.) Warb.
Salicaceae	<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.
Salicaceae	<i>Casearia ulmifolia</i> Vahl ex Vent.
Sapindaceae	<i>Cupania</i> aff. <i>oblongifolia</i> Mart.
Sapindaceae	<i>Cupania impressinervia</i> Acev.-Rodr.
Sapindaceae	<i>Talisia coriacea</i> Radlk.
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum flexuosum</i> Mart.
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum splendens</i> Spreng.
Sapotaceae	<i>Diplooon cuspidatum</i> (Hoehne) Cronquist
Sapotaceae	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.
Sapotaceae	<i>Manilkara</i> aff. <i>multifida</i> T.D.Penn.
Sapotaceae	<i>Manilkara triflora</i> (Allemão) Monach.
Sapotaceae	<i>Micropholis crassipedicellata</i> (Mart. & Eichler ex Miq.) Pierre
Sapotaceae	<i>Micropholis gardneriana</i> (A.DC.) Pierre
Sapotaceae	<i>Micropholis guyanensis</i> (A.DC.) Pierre
Sapotaceae	<i>Pouteria</i> aff. <i>grandiflora</i> (A.DC.) Baehni
Sapotaceae	<i>Pouteria bangii</i> (Rusby) T.D.Penn.
Sapotaceae	<i>Pouteria caitito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.
Sapotaceae	<i>Pouteria reticulata</i> (Engl.) Eyma
Sapotaceae	<i>Pradosia</i> aff. <i>bahiensis</i> Teixeira
Sapotaceae	<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.
Sapotaceae	Sapotaceae sp1
Simaroubaceae	<i>Simaba guianensis</i> Aubl.
Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.
Siparunaceae	<i>Siparuna</i> sp
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul
Urticaceae	<i>Pourouma mollis</i> Trécul
Urticaceae	<i>Pourouma velutina</i> Mart. ex Miq.

Violaceae	<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.
Vochysiaceae	<i>Qualea magna</i> Kuhlm.
Vochysiaceae	<i>Vochysia acuminata</i> Bong.
Vochysiaceae	<i>Vochysia gardneri</i> Warm.
Vochysiaceae	<i>Vochysia pyramidalis</i> Mart.
Vochysiaceae	<i>Vochysia riedeliana</i> Stafleu

PLANTAS VASCULARES SEM SEMENTES

MSc. Maria Lenise Silva Guedese & Romeo de Medeiros Valadão

*Departamento de Botânica
Universidade Federal da Bahia*

Famílias	Espécies	habito
Anemiaceae	<i>Anemia phyllitidis</i> Sm. <i>Anemia</i> cf. <i>tomentosa</i> (Sm.) Sm.	herbáceo
Aspleniaceae	<i>Asplenium auriculatum</i> Sw. <i>Asplenium serratum</i> L. <i>Asplenium</i> sp.	herbáceo
Blechnaceae	<i>Blechnum brasiliense</i> Desv. <i>Blechnum occidentale</i> L. <i>Salpichlaena volubilis</i> (Klf.) Hook.	sub-arbustivo
Cyatheaceae	<i>Cyathea delgadii</i> Slinns <i>Cyathea praecincta</i> Domin	herbáceo
Davalliaceae	<i>Nephrolepsis biserrata</i> (Sm.) Schott	arbusto
Dennstaedtiaceae	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Link.	sub-arbusto
Dryopteridaceae	<i>Cyclodium heterodon</i> (Schrad.) Moore <i>Cyclodium meniscooides</i> (Willd.) Presl. <i>Polybotrya cylindrica</i> Caulf.	herbáceo
Gleicheniaceae	<i>Dicranopteris flexuosa</i> (Schrad.) Underw.	herbáceo
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum</i> sp <i>Trichomanes elegans</i> L.C.Rech <i>Trichomanes hymenoides</i> Hedw <i>Trichomanes pedicellatum</i> Desv. <i>Trichomanes pinnatum</i> Hedw <i>Trichomanes</i> sp.	herbáceo
Lindsaeaceae	<i>Lindsaea bifida</i> (Kaulf.) Mett. Ex Kulm. <i>Lindsaea lancea</i> var. <i>lanceae</i> (L.) Bedd. <i>Lindsaea</i> sp.	herbáceo
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum</i> sp.	herbáceo
Lycopodiaceae	<i>Lomagramma</i> cf. <i>guianensis</i> (Aubl.) Ching	herbáceo
Lygodiaceae	<i>Lycopodiella cernua</i> (L.) Pic. Serm.	herbáceo
Polypodiaceae	<i>Lygodium volubile</i> Sw. <i>Campyloneurum angustifolium</i> (Sw.) Fée <i>Campyloneurum repens</i> (Aubl.) Presl <i>Dicranoglossum desvauxii</i> (Klotzch.) Proctor <i>Dicranoglossum furcatum</i> (L.) Swm. <i>Microgramma geminata</i> (Schrad.) R. & A. Tryon <i>Microgramma piloselloides</i> (L.) Copel. <i>Microgramma percussa</i> (Cav.) S.R. de la Sota <i>Microgramma</i> cf. <i>squamulosa</i> (Kaulf.) Sota <i>Microgramma tecta</i> (Kaulf.) Alston <i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel <i>Niphidium crassifolium</i> (L.) Lell.	herbáceo
Psilotaceae	<i>Pleopeltis angusta</i> Humb. & Bompl. <i>Pleopeltis pleopeltisfolia</i> (Raddi) Alston <i>Pleopeltis</i> sp.	herbáceo
Pteridaceae	<i>Psilotum nudum</i> (L.) Beauv. <i>Adiantopsis radiata</i> (L.) Fée <i>Adiantum dolosum</i> Kunze	herbáceo

Schizaeaceae	<i>Adiantum humile</i> Kunze	herbáceo
	<i>Adiantum latifolium</i> Lam.	herbáceo
	<i>Adiantum petiolatum</i> Desv.	herbáceo
	<i>Antrophyum</i> sp.1	herbáceo
	<i>Antrophyum</i> sp.2	herbáceo
	<i>Pityrogramma calomelanos</i> (L.)Link.	herbáceo
	<i>Schizaea elegans</i> (Vahl) Sw.	herbáceo

Cont. Tabela 1

Famílias	Espécies	habito
Selaginellaceae	<i>Selaginella flexuosa</i> Spring.	Herbáceo
Tectariaceae	<i>Triplophyllum dicksonioides</i> (Fée.)Holttum	Herbáceo
	<i>Triplophyllum</i> sp.	Herbáceo
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris chrysodioides</i> (Fée)Morton	Herbáceo
	<i>Thelepteris dentata</i> (Fossk.) E.P.St. John	Herbáceo
	<i>Thelypteris macrophylla</i> (Kunze.)Morton	Herbáceo
Vittariaceae	<i>Vittaria lineata</i> (L.) Sm.	Herbáceo
Woodseaceae	<i>Diplasium cristatum</i> (Desr.)Alston	Herbáceo

ANGIOSPERMAS

Dr. Reyjane Patricia de Oliveira

*Departamento de Ciências Biológicas
Programa de Pós-graduação em Botânica
Universidade Estadual de Feira de Santana*

	Família	Gênero	Espécie	Autor
1	ACANTHACEAE	Indet.		
	ACANTHACEAE	Aphelandra	marginata	Nees & Mart.
	ACANTHACEAE	Aphelandra	nitida	Nees & Mart.

	ACANTHACEAE	Geissomeria	macrophylla	Nees
	ACANTHACEAE	Pseuderanthemum	sp.	
	ACANTHACEAE	Ruellia	affinis	Lindau
	ACANTHACEAE	Ruellia	ochroleuca	Mart.
	ACANTHACEAE	Ruellia	sp.	
2	AMARYLLIDACEAE	Indet.		
3	ANNONACEAE	Indet.		
	ANNONACEAE	Annona	sp.	
	ANNONACEAE	Cymbopetalum	brasiliense	(Vell.) Benth. ex Baill
	ANNONACEAE	Duguetia	sp.	
	ANNONACEAE	Xylopia	aromatica	(Lam.) Mart.
4	APOCYNACEAE	Indet.		
	APOCYNACEAE	Mandevilla	sp.	
	APOCYNACEAE	Rauvolfia	grandiflora	Mart.
	APOCYNACEAE	Rauvolfia	sp.	
	APOCYNACEAE	Tabernaemontana	flavicans	Willd. ex Roem. & Schult.
5	ARACEAE	Indet.		
	ARACEAE	Anthurium	pentaphyllum	(Aubl.) G.Don
	ARACEAE	Anthurium	sp.	
	ARACEAE	Heteropsis	sp.	
	ARACEAE	Monstera	adansonii	Schott
	ARACEAE	Philodendron	hederaceum	(Jacq.) Schott
	ARACEAE	Philodendron	insigne	Schott
	ARACEAE	Philodendron	ornatum	Schott
	ARACEAE	Philodendron	pedatum	(Hook.) Kunth
	ARACEAE	Philodendron	propinquum	Schott
	ARACEAE	Stenospermation	sp.	
6	ARECACEAE	Bactris	humilis	(Wallace) Burret
	ARECACEAE	Desmoncus	polyacanthos	Mart.
	ARECACEAE	Geonoma	sp.	
7	ASTERACEAE	Indet.		
	ASTERACEAE	Barrosoa	sp.	
	ASTERACEAE	Conocliniopsis	prasiifolia	(DC.) R.M.King & H.Rob.
	ASTERACEAE	Elephantopus	mollis	Kunth
	ASTERACEAE	Mikania	sp.	
8	BEGONIACEAE	Begonia	convolvulacea	(Klotzsch) A.DC.
9	BIGNONIACEAE	Indet.		
	BIGNONIACEAE	Adenocalymma	comosum	(Cham.) DC.
	BIGNONIACEAE	Adenocalymma	ternatum	(Vell.) Mello ex Bureau & K.Schum.
	BIGNONIACEAE	Phryganocydia	corymbosa	(Vent.) Bureau ex K.Schum.
10	BORAGINACEAE	Cordia	corymbosa	(L.) Don
	BORAGINACEAE	Cordia	sp.	
	BORAGINACEAE	Cordia	nodosa	Lam.
11	BROMELIACEAE	Aechmea	aquilega	(Salisb.) Griseb.

	BROMELIACEAE	Aechmea	bicolor	L.B.Sm.
	BROMELIACEAE	Aechmea	miniata	(Beer) Hort. ex Baker
	BROMELIACEAE	Billbergia	chlorosticta	Saunders
	BROMELIACEAE	Billbergia	sp.	
	BROMELIACEAE	Guzmania	lingulata	(L.) Mez
	BROMELIACEAE	Hohenbergia	sp.	
	BROMELIACEAE	Lymania	brachycaulis	(E.Morren ex Baker) L.F.Sousa
	BROMELIACEAE	Lymania	smithii	R.W.Read
	BROMELIACEAE	Lymania	sp.	
	BROMELIACEAE	Nidularium	innocentii	Lem.
	BROMELIACEAE	Vriesea	sp.	
	BROMELIACEAE	Vriesea	carinata	Wawra
	BROMELIACEAE	Vriesea	duvaliana	E.Morren
	BROMELIACEAE	Vriesea	ensiformis	(Vell.) Beer
	BROMELIACEAE	Vriesea	procera	(Mart.ex Schult.f.) Wittm.
12	BURSERACEAE	Protium	sp.	
13	CAMPANULACEAE	Centropogon	cornutus	(L.) Druce
	CAMPANULACEAE	Centropogon	sp.	
14	CELASTRACEAE	Maytenus	sp.	
15	CLETHRACEAE	Indet.		
16	CLUSIACEAE	Garcinia	macrophylla	Mart.
	CLUSIACEAE	Sympodia	globulifera	L.f.
	CLUSIACEAE	Tovomita	brevistaminea	Engl.
	CLUSIACEAE	Tovomita	choisyana	Planch. & Triana
	CLUSIACEAE	Tovomita	fructipendula	(Ruiz & Pav.) Cambess.
	CLUSIACEAE	Tovomita	mangle	G.Mariz
17	COMBRETACEAE	Laguncularia	racemosa	(L.) C.F.Gaertn.
18	COMMELINACEAE	Commelina	rufipes	Seub.
	COMMELINACEAE	Dichorisandra	sp.nov.	
19	COSTACEAE	Indet.		
	COSTACEAE	Costus	spiralis	(Jacq.) Roscoe
20	CUCURBITACEAE	Indet.		
	CUCURBITACEAE	Gurania	acuminata	Cogn.
	CUCURBITACEAE	Gurania	bignoniacea	(Poepp. & Endl.) C.Jeffrey
	CUCURBITACEAE	Gurania	subumbellata	(Miq.) Cogn.
	CUCURBITACEAE	Gurania	sp.	
	CUCURBITACEAE	Melothria	pendula	L.
21	CYCLANTHACEAE	Indet.		
22	CYPERACEAE	Indet.		
	CYPERACEAE	Cyperus	sp.	
	CYPERACEAE	Scleria	sp.	
23	DICHAPETALACEAE	Stephanopodium	blanchetianum	Baill.
24	DILLENIACEAE	Davilla	sp.	
25	ELAEOCARPACEAE	Sloanea	sp.	

26	ERYTHROXYLACEAE	Erythroxylum	martii	Peyr.
	ERYTHROXYLACEAE	Erythroxylum	mucronatum	Benth
	ERYTHROXYLACEAE	Erythroxylum	nobile	O.E.Schulz
	ERYTHROXYLACEAE	Erythroxylum	squamatum	Sw.
27	EUPHORBIACEAE	Indet.		
	EUPHORBIACEAE	Actinostemon	apendiculatum	Jabl.
	EUPHORBIACEAE	Actinostemon	concolor	(Spreng.) Müll.Arg.
	EUPHORBIACEAE	Actinostemon	sp.	
	EUPHORBIACEAE	Adenophaedra	megalophylla	(Müll.Arg.) Müll.Arg.
	EUPHORBIACEAE	Croton	lundianus	(Didr.) Müll.Arg.
	EUPHORBIACEAE	Dalechampia	sp.	
	EUPHORBIACEAE	Gymnanthes	multiramea	(Klotzsch) Müll.Arg.
	EUPHORBIACEAE	Pausandra	sp.	
	EUPHORBIACEAE	Pera	sp.	
	EUPHORBIACEAE	Sebastiania	sp.	
28	FLACOURTIACEAE	Indet.		
	FLACOURTIACEAE	Carpotroche	brasiliensis	(Raddi) A Gray
	FLACOURTIACEAE	Casearia	sylvestris	Sw.
29	GESNERIACEAE	Indet.		
	GESNERIACEAE	Drymonia	coccinea	(Aubl.) Wiehler
	GESNERIACEAE	Nematanthus	corticola	Schrad.
30	HELICONIACEAE	Heliconia	richardiana	Miq.
	HELICONIACEAE	Heliconia	spatho-circinata	Aristeg.
	HELICONIACEAE	Heliconia	sp.	
	HERNANDIACEAE	Indet.		
31	ICACINACEAE	Indet.		
	ICACINACEAE	Discophora	sp.	
32	IRIDACEAE	Trimezia	martinicensis	(Jacq.) Herb.
33	LAURACEAE	Indet.		
	LAURACEAE	Licaria	bahiana	Kurz
34	LECYTHIDACEAE	Indet.		
35	LEGUMINOSAE	Abarema	filamentosa	(Benth.) Pittier
	LEGUMINOSAE	Abarema	cochliacarpos	(Gomes) Barneby & J.W.Grimes
	LEGUMINOSAE	Anadenanthera	colubrina	(Vell.) Brenam
	LEGUMINOSAE	Arapatiella	psilophylla	(Harms) R.S.Cowan
	LEGUMINOSAE	Balizia	pedicellaris	(DC.) Barneby & J.W.Grimes
	LEGUMINOSAE	Balizia	sp.	
	LEGUMINOSAE	Bauhinia	forficata	Link.
	LEGUMINOSAE	Bauhinia	longicuspis	Spruce ex Benth.
	LEGUMINOSAE	Bauhinia	longifolia	(Bong.) Steud.
	LEGUMINOSAE	Bauhinia	sp.	
	LEGUMINOSAE	Canavalia	parviflora	Benth.
	LEGUMINOSAE	Copaifera	sp.	
	LEGUMINOSAE	Dalbergia	nigra	(Vell.) Allem.ex Benth.

	LEGUMINOSAE	Desmodium	axillare	(Sw.) DC.
	LEGUMINOSAE	Inga	capitata	Desv.
	LEGUMINOSAE	Inga	edulis	Mart.
	LEGUMINOSAE	Inga	laurina	(Sw.) Willd.
	LEGUMINOSAE	Inga	pleiogyna	T.D.Penn.
	LEGUMINOSAE	Inga	subnuda	Salzm.ex Benth
	LEGUMINOSAE	Inga	tenuis	(Vell.) Mart.
	LEGUMINOSAE	Inga	thibaudiana	DC.
	LEGUMINOSAE	Inga	sp.	
	LEGUMINOSAE	Moldenhawera	blanchetiana	Tul.
	LEGUMINOSAE	Mucuna	urens	(L.) Medik
	LEGUMINOSAE	Ormosia	fastigiata	Tul.
	LEGUMINOSAE	Parkia	pendula	(Willd.) Benth.ex Walp.
	LEGUMINOSAE	Phanera	angulosa	(Vogel) Vaz
	LEGUMINOSAE	Phanera	outimouta	(Aubl.) L.P.Queiroz
	LEGUMINOSAE	Piptadenia	adiantoides	(Spreng.) Macbr.
	LEGUMINOSAE	Piptadenia	micracantha	Benth.
	LEGUMINOSAE	Pueraria	phaseoloides	(Roxb.) Benth.
	LEGUMINOSAE	Senegalia	grandisiliqua	(Benth.) Seigler & Ebinger
	LEGUMINOSAE	Senna	multijuga	(Rich.) H.S.Irwin & Barneby
	LEGUMINOSAE	Senna	acutisepala	(Benth.) H.S.Irwin & Barneby
	LEGUMINOSAE	Senna	sp.	
	LEGUMINOSAE	Stryphnodendron	polyphyllum	Mart.
	LEGUMINOSAE	Swartzia	apetala	Raddi
	LEGUMINOSAE	Swartzia	simplex	(Sw.) Spreng.
	LEGUMINOSAE	Swartzia	sp.	
36	LORANTHACEAE	Indet.		
	LORANTHACEAE	Psittacanthus	dichrous	Mart.
37	MALPIGHIACEAE	Stigmaphyllon	acuminatum	A.Juss.
38	MALVACEAE	Hibiscus	sp.	
	MALVACEAE	Pavonia	sp.	
39	MARANTACEAE	Indet.		
	MARANTACEAE	Calathea	crocata	E.Morren & Joriss.
	MARANTACEAE	Ischnosiphon	sp.	
40	MAYACACEAE	Mayaca	fluviatilis	Aubl.
41	MELASTOMATACEAE	Indet.		
	MELASTOMATACEAE	Aciotis	sp.	
	MELASTOMATACEAE	Bertolonia	alternifolia	Baumgratz, Amorim & A.B.Jardim
	MELASTOMATACEAE	Bertolonia	sp.	
	MELASTOMATACEAE	Henriettea	succosa	(Aubl.) DC.
	MELASTOMATACEAE	Leandra	sp.	
	MELASTOMATACEAE	Miconia	prasina	(Sw.) DC.
	MELASTOMATACEAE	Miconia	sp.	
	MELASTOMATACEAE	Pterolepis	sp.	

	MELASTOMATACEAE	Tibouchina	heteromalla	(D.Don.)Cogn.
42	MELIACEAE	Cabralea	sp.	
	MELIACEAE	Guarea	sp.	
43	MORACEAE	Helicostylis	tomentosa	(Poepp. & Endl.) Rusby
	MORACEAE	Pourouma	sp.	
	MORACEAE	Sorocea	guilleminiana	Gaudich.
	MORACEAE	Sorocea	sp.	
44	MYRTACEAE	Indet.		
	MYRTACEAE	Calyptranthes	sp.	
	MYRTACEAE	Eugenia	hirta	O.Berg
	MYRTACEAE	Eugenia	sp.	
	MYRTACEAE	Myrcia	rostrata	DC.
	MYRTACEAE	Myrcia	sylvatica	(Mey.) DC.
	MYRTACEAE	Myrciaria	sp.	
	MYRTACEAE	Neomitrantes	langsdorffii	(O.Berg) Mattos
	MYRTACEAE	Psidium	cattleyanum	Sabine
45	NYCTAGINACEAE	Indet.		
	NYCTAGINACEAE	Guapira	opposita	
	NYCTAGINACEAE	Guapira	sp.	
46	OCHNACEAE	Indet.		(Vell.) Reitz
	OCHNACEAE	Ouratea	sp.	
	OCHNACEAE	Sauvagesia	erecta	L.
47	OLACACEAE	Indet.		
48	OLEACEAE	Chionanthus	sp.	
49	ORCHIDACEAE	Catasetum	hookeri	Lindl.
	ORCHIDACEAE	Dichaea	panamensis	Lindl.
	ORCHIDACEAE	Dichaea	pendula	(Aubl.) Cogn.
	ORCHIDACEAE	Koellensteinia	graminea	(Lindl.) Rchb.f.
	ORCHIDACEAE	Pelexia	sp.	
	ORCHIDACEAE	Polystachya	concreta	(Jacq.) Garay & H.R.Sweet
	ORCHIDACEAE	Specklinia	ianthina	E.Pessoa & F.Barros
50	PASSIFLORACEAE	Passiflora	edmundoi	Sacco
	PASSIFLORACEAE	Passiflora	misera	Kunth
51	PIPERACEAE	Indet.		
	PIPERACEAE	Peperomia	magnoliifolia	(Jacq.) A.Dietr.
	PIPERACEAE	Peperomia	pellucida	(L.) Kunth
	PIPERACEAE	Peperomia	obtusifolia	(L.) A.Dietr.
	PIPERACEAE	Piper	amplum	Kunth
	PIPERACEAE	Piper	hispidum	Sw.
	PIPERACEAE	Piper	limai	Yunck.
	PIPERACEAE	Piper	mollicomum	Kunth
	PIPERACEAE	Piper	ovatum	Vahl
	PIPERACEAE	Piper	robustipedunculum	Yunck.
	PIPERACEAE	Piper	umbellatum	L.

52	PIPERACEAE	Piper	sp.	
	POACEAE	Alvimia	lancifolia	Soderstr. & Londoño
	POACEAE	Andropogon	bicornis	L.
	POACEAE	Andropogon	leucostachyus	Kunth
	POACEAE	Arberella	bahiensis	Soderstr. & Zuloaga
	POACEAE	Atractantha	aureolanata	Judz.
	POACEAE	Dichanthelium	aequivaginatum	(Swallen) Zuloaga
	POACEAE	Dichanthelium	sciurotoides	(Zuloaga & Morrone) Davidse
	POACEAE	Dichanthelium	sp.	
	POACEAE	Digitaria	insularis	(L.) Fedde
	POACEAE	Eragrostis	gianensis	Hitchc.
	POACEAE	Eriochloa	punctata	(L.) Desv. ex Ham.
	POACEAE	Homolepis	aturensis	(Kunth) Chase
	POACEAE	Ichnanthus	grandifolius	(Döll) Zuloaga & Soderstr.
	POACEAE	Ichnanthus	leiocarpus	(Spreng.) Kunth
	POACEAE	Ichnanthus	nemoralis	(Schrad.) Hitchc. & Chase
	POACEAE	Ichnanthus	pallens	(Sw.) Munro ex Benth.
	POACEAE	Ichnanthus	ruprechtii	Döll
	POACEAE	Ichnanthus	tenuis	(J. Presl & C. Presl) Hitchc. & Chase
	POACEAE	Lasiacis	ligulata	Hitchc. & Chase
	POACEAE	Merostachys	sp. nova	
	POACEAE	Merostachys	leptophylla	Send.
	POACEAE	Olyra	latifolia	L.
	POACEAE	Orthoclada	laxa	(Rich.) P. Beauv.
	POACEAE	Panicum	brevifolium	L.
	POACEAE	Panicum	pilosum	Sw.
	POACEAE	Parianella	lanceolata	(Trin.) F.M. Ferreira & R.P. Oliveira
	POACEAE	Parodiolyra	micrantha	(Kunth) Davidse & Zuloaga
	POACEAE	Paspalum	conjugatum	P.J. Bergius
	POACEAE	Paspalum	corcovadense	Raddi
	POACEAE	Paspalum	decumbens	Sw.
	POACEAE	Paspalum	millegrana	Schrad.
	POACEAE	Paspalum	molle	Poir.
	POACEAE	Paspalum	paniculatum	L.
	POACEAE	Paspalum	pilosum	Lam.
	POACEAE	Paspalum	virgatum	L.
	POACEAE	Pharus	lappulaceus	Aubl.
	POACEAE	Pharus	latifolius	L.
	POACEAE	Piresia	palmula	MLSCarvalho & RPOliveira
	POACEAE	Piresia	bahiensis	sp. nova 2
	POACEAE	Piresia	impar	sp. nova 6
	POACEAE	Piresia	laxa	sp. nova 3
	POACEAE	Piresia	miscella	sp. nova 4
	POACEAE	Piresia	speculata	sp. nova 5

	POACEAE	Sacciolepis	indica	(L.) Chase
	POACEAE	Setaria	poiretiana	(Schult.) Kunth
	POACEAE	Setaria	setosa	(Sw.) P. Beauv.
	POACEAE	Steinchisma	laxa	(Sw.) Zuloaga
	POACEAE	Urochloa	brizantha	(A. Rich.) R.D. Webster
53	POLYGALACEAE	Polygala	ilheotica	Wawra
	POLYGALACEAE	Polygala	paniculata	L.
	POLYGONACEAE	Coccoloba	sp.	
54	RANUNCULACEAE	Clematis	dioica	L.
55	RUBIACEAE	Indet.		
	RUBIACEAE	Amaioua	sp.	
	RUBIACEAE	Chiococca	alba	(L.) Hitchc.
	RUBIACEAE	Coccocypselum	aureum	(Spreng.) Cham.& Schltdl.
	RUBIACEAE	Coccocypselum	lanceolata	(Ruiz & Pav.) Pers.
	RUBIACEAE	Coussarea	contracta	(Walp.) Müll.Arg.
	RUBIACEAE	Coussarea	graciliflora	(Mart.) Müll.Arg.
	RUBIACEAE	Emmeorhiza	umbellata	(Spreng.) K.Schum.
	RUBIACEAE	Faramea	nocturna	J.G.Jardim & Zappi
	RUBIACEAE	Faramea	sp.	
	RUBIACEAE	Gonzalagunia	dicocca	Cham.& Schltdl.
	RUBIACEAE	Margaritopsis	cephalantha	(Müll.Arg.) C.M.Taylor
	RUBIACEAE	Melanopsisidium	nigrum	Colla
	RUBIACEAE	Posoqueria	sp.	
	RUBIACEAE	Psychotria	carthagenaensis	Jacq.
	RUBIACEAE	Psychotria	deflexa	DC.
	RUBIACEAE	Psychotria	jambosioides	Schltdl.
	RUBIACEAE	Psychotria	leiocarpa	Cham.& Schltdl.
	RUBIACEAE	Psychotria	myriantha	Müll.Arg.
	RUBIACEAE	Psychotria	platypoda	DC.
	RUBIACEAE	Psychotria	schlechtendaliana	(Müll.Arg.) Müll.Arg.
	RUBIACEAE	Psychotria	strigosa	Müll.Arg.
	RUBIACEAE	Randia	sp.	
	RUBIACEAE	Rudgea	interrupta	Benth.
	RUTACEAE	Indet.		
	RUTACEAE	Conchocarpus	macrophyllus	J.C.Mikan
	RUTACEAE	Pilocarpus	sp.	
56	SAPINDACEAE	Indet.		
	SAPINDACEAE	Paullinia	sp.	
	SAPINDACEAE	Serjania	sp.	
57	SAPOTACEAE	Indet.		
	SAPOTACEAE	Pouteria	sp.	
58	SOLANACEAE	Cestrum	salzmannii	Dunal
	SOLANACEAE	Solanum	crinitum	Lam.
	SOLANACEAE	Solanum	polytrichum	Moric.

	SOLANACEAE	Solanum	stramonifolium	Jacq.
	SOLANACEAE	Solanum	sp.	
59	ULMACEAE	Trema	micrantha	(L.) Blume
60	VERBENACEAE	Indet.		
	VERBENACEAE	Lantana	undulata	Schrank
	VERBENACEAE	Stachytarpheta	cayennensis	(Rich.) Vahl
	VERBENACEAE	Stachytarpheta	sp.	
61	VIOLACEAE	Paypayrola	sp.	
	VIOLACEAE	Rinorea	sp.	

ANGIOSPERMAS

MSc. Maria Lenise Silva Guedese & Romeo de Medeiros Valadão

*Departamento de Botânica
Universidade Federal da Bahia*

Famílias	Espécies	Hábito
Acanthaceae	<i>Aphelandra nitida</i> Nees & Mart. <i>Ruellia affinis</i> (Nees) Lindauer	subarbusto subarbusto
Amaryllidaceae	<i>Grifinia espiritensis</i> Ravenna	herbáceo
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	arbóreo
Annonaceae	<i>Thyrsodium spruceanum</i> Salzm. ex Benth. <i>Annona glabra</i> L. <i>Cymbopetalum brasiliense</i> (Vell.) Benth ex Baill. <i>Duguetia bahiensis</i> Maas <i>Guatteria oligocarpa</i> Mart. <i>Rollinia dolabripetala</i> (Raddi) R.E.Fr <i>Unonopsis</i> sp Indet. 01	arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo
Apiaceae	<i>Centella asiatica</i> (L.) Urb.	herbáceo
Apocynaceae	<i>Aspidosperma discolor</i> A.DC. <i>Himatanthus bracteatus</i> (A.DC.) Woodson <i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Mull.Arg.) Wood. <i>Lacistema</i> sp. <i>Mandevilla scabra</i> (Roem. & Schult.) K. Schum. <i>Rauvolfia bahiensis</i> A.DC. <i>Rauvolfia grandiflora</i> Mart. ex A.DC. <i>Tabernaemontana</i> cf. <i>salzmanni</i> A. DC. <i>Tabernamontana</i> cf. <i>submolis</i> Mart. <i>Tabernamontana</i> sp.	arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo arbóreo
Araceae	<i>Anthurium bellum</i> Schott <i>Anthurium scandens</i> (Aubl.) Engl. <i>Anthurium</i> sp. 01 <i>Anthurium</i> sp. 02 <i>Heteropsis oblongifolia</i> Kunth <i>Philodendron insigne</i> Schott	herbáceo trepadeira herbáceo herbáceo herbáceo
Arecaceae	<i>Bactris ferruginea</i> Burret <i>Bactris gasipaes</i> Kunth <i>Desmoncus polyacanthos</i> var. <i>polyacanthos</i> Mart. <i>Euterpe edulis</i> Mart. <i>Geonoma</i> cf. <i>pauciflora</i> Mart. <i>Geonoma</i> sp <i>Polyandrococcus caudescens</i> (Mart.) Barb. Rodr. <i>Syagrus botryophora</i> Mart.	arbóreo arbóreo arbusto arbóreo arbóreo arbusto arbusto arbóreo
Asteraceae	<i>Astroeupatorium</i> sp <i>Baccharis</i> sp <i>Clibadium armanii</i> (Balb.) Sch. Bip. <i>Lepidaploa cotoneaster</i> (Willd. Ex Spreng.) Less. <i>Mikania</i> cf. <i>laevigata</i> Schultz. <i>Mikania</i> sp. <i>Vernonanthura difusa</i> (Spreng.) H. Rob. <i>Vernonia scorpioides</i> (Lam.) Pers.	subarbusto subarbusto subarbusto subarbusto subarbusto subarbusto arbóreo subarbusto

Begoniaceae	<i>Vernonia</i> sp	subarbusto
	<i>Begonia</i> sp	herbáceo
	<i>Begonia</i> sp01	herbáceo
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma coriaceum</i> A.DC.	liana
	<i>Pithecoctenium crucigerum</i> (L.) A.H.Gentry	liana
Boraginaceae	<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. & Schult.	arbusto
	<i>Cordia magnoliaefolia</i> Cham	arbóreo
	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	arbusto
	<i>Cordia superba</i> Cham	arbóreo
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.)Arráb.ex Steud.	arbóreo
	<i>Tournefortia candidula</i> (Miers) I.M. Johnston	sub-arbusto
	<i>Tournefortia rubicunda</i> Salzm. ex DC.	sub-arbusto

Cont. Tabela 1

Famílias	Espécies	Hábito
Bromeliaceae	<i>Aechmea aquilega</i> (Salisb.)Griseb.	herbáceo
	<i>Aechmea miniata</i> (Beer) Hortus ex Baker	herbáceo
	<i>Billbergia chlorosticta</i> Saunders Hortus	herbáceo
	<i>Billbergia</i> cf. <i>euphemiae</i> E. Morren	herbáceo
	<i>Guzmania lingulata</i> L. Mez.	herbáceo
	<i>Hohenbergia salsmanii</i> E.Morren	hebáceo
	<i>Hohenbergia</i> sp	herbáceo
	<i>Lymania smithii</i> R.W.Read	herbáceo
	<i>Tillandsia</i> cf. <i>stricta</i> Sol..	herbáceo
	<i>Vriesea procera</i> Mez	herbáceo
	<i>Vriesea psittacina</i> (Hook.)Lindl.	herbáceo
	Indt.	herbáceo
Burmaniaceae	<i>Campylosiphon</i> cf. <i>purpurascens</i> Benth.	herbáceo
	<i>Gymnosiphon</i> cf. <i>divaricatus</i> (Benth.)Benth.& Hook.f.	herbáceo
Burseraceae	<i>Protium</i> cf. <i>giganteum</i> Engl.	arbóreo
	<i>Protium heptaphyllum</i> Aubl.	arbóreo
Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia intergerrima</i> Mart. Ex Benth	arbusto
	<i>Bauhinia</i> cf. <i>longifolia</i> (Bong.) St.	arbusto
	<i>Bauhinia maximilianii</i> Benth	liana
	<i>Bauhinia</i> sp	arbóreo
	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	arbóreo
	<i>Hymenolobium janeirensense</i> Kuhlmann var. <i>stipulatum</i> (N.Mattos)Lima	arbóreo
	<i>Macrolobium rigidum</i> R.S.Cowan	arbóreo
	<i>Moldenhawera</i> sp	arbóreo
	<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S.Irwin & Barneby	arbóreo
	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	arbóreo
	<i>Senna quinquangulata</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	arbóreo
	<i>Tachigali</i> sp.	arbóreo
Campanulaceae	<i>Centropogon cornutus</i> (L.)Druce	herbáceo
Caryocaraceae	<i>Caryocar edule</i> Casar	arbóreo
Cecropiaceae	<i>Pouromma velutina</i> Mart.ex Miq.	arbóreo
Celastraceae	<i>Maytenus distichophylla</i> Mart.ex Reissek	arbóreo
Chrysobalanaceae	<i>Licania dealbata</i> Hook. f.	arbóreo
	<i>Licania</i> sp.	arbóreo
Clusiaceae	<i>Caripa densifolia</i> Mart.	arbóreo
	<i>Kielmeyera</i> sp	arbóreo
	<i>Symponia globulifera</i> L. f.	arbóreo
	<i>Tovomita bahiensis</i> Engler	arbóreo
	<i>Tovomita choisyana</i> Planch. & Triana	arbóreo
	<i>Tovomita mangle</i> G. Mariz	arbóreo

	<i>Tovomita</i> sp	arbóreo
	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	arbóreo
	<i>Indet.</i>	arbóreo
Commelinaceae	<i>Commelina diffusa</i> Burm. F.	herbáceo
	<i>Dichorisandra</i> sp. Nov.	herbáceo
Convolvulaceae	<i>Merremia dissecta</i> (Jacq.) Hallier f.	Herbáceo-trepadeira
Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	herbáceo
Cucurbitaceae	<i>Fevillea</i>	arbusto
	<i>Gurania acuminata</i> Cogn.	trepadeira
	<i>Gurania multiplora</i> Cogn.	trepadeira
Cyclanthaceae	<i>Evodianthus funifer</i> (Poit.) Lindm.	herbáceo
Cyperaceae	<i>Hypolytrum bullatum</i> C.B. Clarke	herbáceo
	<i>Scleria arundinaceae</i> Kunth	herbáceo
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	arbóreo
	<i>Sloanea</i> sp	arbóreo
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum citrifolium</i> A.St.Hil.	arbusto
	<i>Erythroxylum</i> cf. <i>compressum</i> Peyr.	arbusto

Cont. Tabela 1

Famílias	Espécies	Hábito
Euphorbiaceae	<i>Erythroxylum . martii</i> Peyr.	arbusto
	<i>Erythroxylum mattos-silvae</i> Plowman	arbusto
	<i>Erythroxylum passerinum</i> Mart.	arbóreo
	<i>Erythroxylum</i> sp	arbusto
	<i>Erythroxylum</i> sp 02	arbusto
	<i>Erythroxylum</i> sp03	arbusto
	<i>Actinostemon appendiculatus</i> Jasl	arbusto
	<i>Actinostemon concolor</i> Müll.Arg	arbusto
	<i>Actinostemon klotzschii</i> (Müll.Arg.)Pax.	arbusto
	<i>Actinostemon</i> sp	arbusto
	<i>Bernardia gambosa</i> Müll. Arg.	arbusto
	<i>Bernardia scabra</i> Müll Arg.	arbusto
	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	arbóreo
	<i>Croton lundianus</i> (Didr.) Müll. Arg.	arbusto
	<i>Croton</i> sp.	arbusto
	<i>Dalechampia ficifolia</i> Lam.	trepadeira
	<i>Dalechampia ilheotica</i> Wawra	trepadeira
	<i>Hieronyma</i> cf. <i>alchorneoides</i> Allemão	arbóreo
Fabaceae	<i>Pausandra megalophylla</i> Müll. Arg.	arbusto
	<i>Pera glabrata</i> (Schott.)Baill.	arbóreo
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	herbáceo
	<i>Phyllanthus</i> sp	herbáceo
	<i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers.ex Benth	arbóreo
	<i>Senefelderia multiflora</i> Mart.	arbóreo
	Indet. 01	sub-arbusto
	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	arbóreo
	<i>Bowdichia virgiliooides</i> Kunth	arbóreo
	<i>Desmodium axillare</i> (Sw.) DC.	arbóreo
	<i>Dioclea</i> sp.	sub-arbusto-trepadeira
	<i>Machaerium salzmanii</i> Benth.	arbóreo
	<i>Swartzia apetala</i> Raddi	arbóreo
	<i>Swartzia flaemingii</i> Raddi	arbóreo
	<i>Swartzia myrtifolia</i> J.E.Sm.var. <i>elegans</i>	arbóreo
	(Schott)R.S.Cowan	
	<i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng.	arbóreo

	Indet. 01	arbóreo
Flacourtiaceae	<i>Banara brasiliensis</i> (Schott.) Baill.	arbóreo
	<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) Endl.	arbóreo
	<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Ur.	arbóreo
	<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.	arbóreo
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	arbóreo
Gentianaceae	<i>Irlbachia purpuracens</i> (Aubl.) Maas	herbácea
Gesneriaceae	<i>Voyria aphylla</i> (Jacq.) Pers.	herbáceo
Heliconiaceae	<i>Nematanthus cortícola</i> Schrad.	herbáceo
Hernandiaceae	<i>Heliconia cf. acuminata</i> Rich.	herbáceo
Hipoxidaceae	<i>Heliconia cf. hirsuta</i> Linn. f.	herbáceo
Icacinaceae	<i>Sparattanthelium tupiniquinorum</i> Mart.	arbusto
Lacistemataceae	<i>Hypoxis decumbens</i> L.	herbáceo
	<i>Discophora guianensis</i> Miers	arbóreo
	<i>Lacistema robustum</i> Schnizl.	arbóreo
	<i>Lacistema</i> sp.	arbóreo
Lauraceae	<i>Ocotea bracteosa</i> (Miers) Mez.	arbóreo
	<i>Ocotea glomerata</i> (Nees) Mez	arbóreo
	<i>Ocotea cf. longifolia</i> Kunth.	arbóreo
	<i>Ocotea</i> sp. 01	arbóreo
	<i>Ocotea</i> sp. 02	arbóreo
Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart.	arbóreo
	<i>Lecythis lurida</i> (Miers) S.A. Mori.	arbóreo

Cont. Tabela 1

Famílias	Espécies	Hábito
	Indet. 01	arbóreo
Loganiaceae	<i>Spigelia</i> sp	herbáceo
Loranthaceae	<i>Strychnus</i> sp	arbusto escandente
Loranthaceae	<i>Struthanthus cf. flexicaulis</i> (Mart.) Mart.	aubarbusto
	<i>Struthanthus</i> sp 01	subarbusto-hemiparasita
Lythraceae	<i>Cuphea</i> sp	sub-arbusto
Malpighiaceae	<i>Byrsonima laevigata</i> (Poir.) DC.	arbóreo
	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	arbóreo
	<i>Heteropterys chrysophylla</i> (Lam.) Kunth	liana
	<i>Stigmaphyllon blanchetii</i> C.E. Anderson	liana
Marantaceae	<i>Calathea crocata</i> E. Morren & Joriss.	herbáceo
	<i>Ischnosiphon gracilis</i> (Rudge) Korn.	herbáceo
	<i>Maranta cf. protracta</i> Miq.	herbáceo
	<i>Spilantis</i> sp.	herbáceo
	<i>Stromanthe proteana</i> A. Griseb.	herbáceo
	<i>Stromanthe</i> sp	herbáceo
	Indt. sp	herbáceo
Melastomataceae	<i>Aciotis cf. brachybotrya</i> (DC.) Triana	subarbusto
	<i>Bertolonia marmorata</i> (Naudin) Naudin	herbáceo
	<i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) Don	arbusto
	<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC.	arbusto
	<i>Leandra</i> sp	arbusto
	<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.	arbóreo
	<i>Miconia minutiflora</i> DC.	arbusto
	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) Dc.	arbóreo
	<i>Miconia tomentosa</i> D. Dom.	arbóreo
	<i>Miconia</i> sp.	arbóreo
	<i>Miconia</i> sp.2	arbóreo

	<i>Tibouchina</i> sp	arbóreo
	Indet. sp	arbóreo
Meliaceae	<i>Cabralea</i> sp.01	arbóreo
	<i>Guarea</i> sp	arbóreo
	<i>Trichilia lepidota</i> Mart.	arbóreo
Menispermaceae	<i>Chondrodendron microphyllum</i> (Eschl.) Mold	liana
Mimosaceae	<i>Abarema filamentosa</i> (Benth.) Pittier.	arbóreo
	<i>Batizia pedicelares</i> (DC.) Barneby & Grimes	arbóreo
	<i>Inga capitata</i> Desv.	arbóreo
	<i>Inga edulis</i> Mart.	arbóreo
	<i>Inga laurina</i> (SW.) Willd.	arbóreo
	<i>Inga thibaudiana</i> DC.	arbóreo
	<i>Inga</i> sp 01	arbóreo
	<i>Inga</i> sp 02	arbóreo
	<i>Mimosa pudica</i> L.	herbácea
	<i>Mimosa</i> sp.1	arbóreo
	<i>Mimosa</i> sp2	arbóreo
	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth.ex Walp.	arbóreo
	<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.	arbóreo
Monimiaceae	<i>Mollinedia selloi</i> (Spreng.) A.DC.	arbóreo
	<i>Siparuna guianensis</i> Albl.	arbusto
	Indet.01	arbóreo
Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	arbóreo
	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	arbóreo
	<i>Dorstenia</i> sp	herbáceo
	<i>Helicostylis tomentosa</i> (P & E.) Rusby	arbóreo
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C.Burger, Lanj.& Jess. Boer.	arbusto
	<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich.	arbóreo
Myristicaceae	<i>Virola gardneri</i> (A.DC.) Warb.	arbóreo
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i> sp	arbóreo
Cont. Tabela 1		

Famílias	Espécies	Hábito
	<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.	arbóreo
	<i>Myrcia silvatica</i> (Mey.) DC.	arbóreo
	<i>Syzygium</i> sp.	arbóreo
	Indet. 01	arbóreo
	Indet. 02	arbóreo
Nyctaginaceae	<i>Guapira areolata</i> (Heimerl.) Lundell	arbóreo
	<i>Guapira</i> cf. <i>laxiflora</i> (Choisy)Lundell	arbóreo
	<i>Guapira noxia</i> (Netto)Lundell	arbóreo
	<i>Guapira</i> sp	arbóreo
	<i>Pisonia</i> cf. <i>comosa</i> Choisy	arbóreo
Ochnaceae	<i>Ouratea</i> cf. <i>polygyna</i> Engl.	arbóreo
	<i>Ouratea</i> sp	arbóreo
Orchidaceae	<i>Catasetum hookeri</i> Lindl.	hebáceo
	<i>Gongora bufonia</i> Lindl.	hebáceo
	<i>Dichaea cogniauxiana</i> Schltr.	herbáceo
	<i>Xylobium squalens</i> (Lindl.)Lindl.	herbáceo
	<i>Oncidium</i> sp	herbáceo
	Indet.01	herbáceo
	Indet.02	herbáceo
Oxalidaceae	<i>Oxalis</i> sp.	herbáceo
	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Herbáceo-trepadeira
Passifloraceae	<i>Passiflora misera</i> Kunth.	trepadeira

	<i>Passiflora</i> cf. <i>quadriglandulares</i> L.	Herbáceo-trepadeira
	<i>Tetrastrylis ovalis</i> (Vell.) Killip	Herbáceo-trepadeira
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	arbusto
	<i>Piper cernuum</i> Vell	arbusto
	<i>Piper</i> cf. <i>hispidum</i> Sw.	arbusto
	<i>Piper ilheusense</i> Yunck.	arbusto
	<i>Piper</i> sp	arbusto
	<i>Potomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	herbáceo
Poaceae	<i>Olyra latifolia</i> L.	herbáceo
Polygalaceae	<i>Polygala martiana</i> (A.W.) Benn.	herbáceo
	<i>Polygala paniculata</i> L.	sub-arbusto
	<i>Polygala</i> sp	sub-arbusto
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i> sp.	arbóreo
Ranunculaceae	<i>Clematis dioica</i> L.	liana
Rhamnaceae	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek	arbóreo
	<i>Reissekia smilacina</i> (Sm.) Steud.	liana
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	arbóreo
	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.	arbóreo
	<i>Chimarrhis</i> sp.	arbusto
	<i>Chomelia intercedens</i> Müll. Arg.	arbusto
	<i>Coccocypselum aureum</i> (Spreng.) Cham. & Schleidl.	herbáceo
	<i>Faramea</i> sp.	arbusto
	<i>Faramea</i> sp 02	arbusto
	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schleidl.	arbórea
	<i>Lipostoma capitata</i> Graham	herbáceo
	<i>Psychotria</i> cf. <i>bahiensis</i> DC.	arbusto
	<i>Psychotria barbiflora</i> DC.	arbusto
	<i>Psychotria capitata</i> Ruiz & Pav.	arbusto
	<i>Psychotria carthagensis</i> Jacq.	arbusto
	<i>Psychotria cephalantha</i> (M.Arg.) Standl.	arbusto
	<i>Psychotria erecta</i> M.S. Pereira	arbusto
	<i>Psychotria</i> cf. <i>medusula</i> Mull. Arg.	arbusto
	<i>Psychotria</i> cf. <i>platypoda</i> A.DC.	arbusto
	<i>Psychotria</i> cf. <i>purpurascens</i> Müll. Arg.	arbusto
	<i>Psychotria</i> sp01	arbusto
	<i>Randia</i> sp.	arbóreo

Cont. Tabela 2

Famílias	Espécies	Hábito
Rutaceae	<i>Sabicea grisea</i> Cham e Schlecht.	trepadeira
	Indet.01	arbusto
	<i>Neoraputia</i> cf. <i>alba</i> (Nees & Endl.) Rusby	árvore
Sapindaceae	<i>Pilocarpus spicatus</i> A.St. Hil.	arbusto
	<i>Zanthoxylum</i> sp.	arbóreo
	<i>Allophylus</i> cf. <i>edulis</i> (A.St.-Hil. ,A.Juss. & Cambess.) Radlk.	arbóreo
	<i>Cupania paniculata</i> Cambess.	arbóreo
	<i>Cupania</i> sp.	arbóreo
Sapoteceae	<i>Paullinia revoluta</i> Radlk.	liana
	<i>Pouteria</i> cf. <i>grandiflora</i> (A.DC.) Baehni	arbóreo
	<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.	arbóreo
	Indet.01	arbóreo
	Indet.02	arbóreo
	Indet.03	arbóreo
Solanaceae	<i>Cestrum salzmannii</i> Dunal	arbusto
	<i>Solanum asperum</i> L.C.Rich.	arbusto

	<i>Solanum caarvurana</i> Vell.	arbusto
	<i>Solanum polytrichum</i> Moric.	arbusto
	<i>Solanum thomasiifolium</i> Sendtn.	arbusto
Theophrastaceae	<i>Clavija</i> cf. <i>macrophylla</i> Miq.	arbusto
Thymelaeaceae	<i>Daphnopsis</i> sp	arbusto
Tiliaceae	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	arbóreo
Verbenaceae	<i>Triumfetta rhomboidea</i> Jacq.	arbusto
Violaceae	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	sub-arbusto
	<i>Paypayrola blanchetiana</i> Tull.	arbóreo
	<i>Rinoria guianensis</i> Aubl.	liana
Vitaceae	<i>Cissus erosa</i> Rich.	trepadeira

BRYOPHYTA e MARCHANTIOPHYTA

Dra. Silvana Brito Vilas Bôas-Bastos & Dr. Cid José Passos Bastos

*Instituto de Biologia
Departamento de Botânica
Laboratório de Taxonomia de Briófitas
Universidade Federal da Bahia*

MARCHANTIOPHYTA (HEPÁTICAS)

I - PALLAVICINIACEAE

1. *Symphyogyna aspera* Steph.

II - METZGERIACEAE

1. *Metzgeria furcata* (L.) Dumort.

III - ANEURACEAE

1. *Riccardia amazonica* (Spruce) Schiffn.
2. *Riccardia chamedryfolia* (With.) Grolle
3. *Riccardia digitiloba* (Spruce ex Steph.) Pagán
4. *Riccardia regnellii* (Aongstr.) Hell

IV - RADULACEAE

1. *Radula flaccida* Lindenb. & Gottsche
2. *Radula javanica* Gottsche
3. *Radula kegelii* Gottsche ex Steph.
4. *Radula ligula* Steph.
5. *Radula mammosa* Spruce
6. *Radula mexicana* Lindenb. & Gottsche
7. *Radula recubans* Taylor

V - FRULLANIACEAE

1. *Frullania apiculata* (Reinw. et al.) Nees
2. *Frullania caulisequa* (Nees) Nees
3. *Frullania montagnei*
4. *Frullania setigera* Steph.

VI - LEJEUNEACEAE

1. *Acanthocoleus aberrans* var. *laevis* Gradst,
2. *Aphanolejeunea asperrima* Steph.
3. *Aphanolejeunea clavatopapillata* (Steph.) A. Evans
4. *Aphanolejeunea kunertiana* Steph.
5. *Aphanolejeunea microscopica* var. *exigua* (A. Evans) Bernecker & Pócs
6. *Aphanolejeunea sicaefolia* (Gottsche ex Steph.) A. Evans
7. *Archilejeunea auberiana* (Mont.) A. Evans
8. *Archilejeunea fuscescens* (Hampe ex Lehm.) Fulford

9. *Archilejeunea parviflora* (Nees) Steph.
10. *Bryopteris diffusa* (Sw.) Nees
11. *Bryopteris filicina* (Sw.) Nees
12. *Ceratolejeunea ceratantha* (Nees & Mont.) Schiffn.
13. *Ceratolejeunea coarina* (Gottsche) Schiffn.
14. *Ceratolejeunea cornuta* (Lindenb.) Steph.
15. *Ceratolejeunea cubensis* (Spruce) Schiffn.
16. *Ceratolejeunea fallax* (Lehm. & Lindenb.) Bonner
17. *Ceratolejeunea laetefusca* (Aust.) R.M. Schust.
18. *Ceratolejeunea minuta* G. Dauphin
19. *Cheilolejeunea acutangula* (Nees) Grolle
20. *Cheilolejeunea adnata* (Kunze) Grolle
21. *Cheilolejeunea clausa* (Nees & Mont.) R.M. Schust.
22. *Cheilolejeunea comans* (Spruce) R.M. Schust.
23. *Cheilolejeunea discoidea* (Lehm. & Lindenb.) Kachr. & R.M. Schust.
24. *Cheilolejeunea inflexa* (Hampe ex Lehm.) Grolle
25. *Cheilolejeunea oncophylla* (Aongstr.) Grolle & R.M. Schust.
26. *Cheilolejeunea rigidula* (Mont.) R.M. Schust.
27. *Cheilolejeunea trifaria* (Rerinw., Blume & Nees) Mizut.
28. *Cololejeunea obliqua* (Nees & MOnt.) Schiffn.
29. *Cololejeunea subcardiocarpa* P. Tixier
30. *Colura tortifolia* (Nees & Mont.) Steph.
31. *Cyclolejeunea chitonia* (Tayl. ex Lehm.) A. Evans
32. *Cyclolejeunea convexistipa* (Lehm. & Lindenb.) A. Evans
33. *Cyclolejeunea luteola* (Spruce) Grolle
34. *Diplasiolejeunea brunea* Steph.
35. *Diplasiolejeunea cavifolia* Steph.
36. *Diplasiolejeunea latipuense* P. Tixier
37. *Diplasiolejeunea pellucida* (Meissn.) Schiffn.
38. *Diplasiolejeunea rudolphiana* Steph.
39. *Drepanolejeunea anoplantha* (Spruce) Steph.
40. *Drepanolejeunea araucariae* Steph.
41. *Drepanolejeunea bidens* (Steph.) A. Evans
42. *Drepanolejeunea crucianella* (Tayl.) A. Evans
43. *Drepanolejeunea fragilis* Bischl.
44. *Drepanolejeunea lichenicola* (Spruce) Steph.
45. *Drepanolejeunea mosenii* (Steph.) Bischl.
46. *Drepanolejeunea orthophylla* (Nees & Mont.) Bischl.
47. *Drepanolejeunea palmifolia* (Nees) Steph.
48. *Harpalejeunea oxyphylla* (Nees & Mont.) Steph.
49. *Harpalejeunea stricta* (Lindenb. & Gottsche) Steph.
50. *Harpalejeunea tridens* (Besch. & Spruce) Steph.
51. *Lejeunea boryana* Mont.
52. *Lejeunea caulicalyx* (Steph.) E. Reiner & Goda
53. *Lejeunea cerina* (Lehm. & Lindenb.) Gottsche, Lindenb. & Nees
54. *Lejeunea controversa* Gottsche
55. *Lejeunea elliottii* Spruce
56. *Lejeunea filipes* Spruce
57. *Lejeunea flava* (Sw.) Nees
58. *Lejeunea grossiretis* (Steph.) E. Reiner & Goda
59. *Lejeunea huctumalcensis* Lindenb. & Gottsche
60. *Lejeunea immersa* Spruce
61. *Lejeunea laeta* (Lehm. & Lindenb.) Gottsche, Lehm. & Lindenb.
62. *Lejeunea laetevirens* Nees & MOnt.
63. *Lejeunea magnoliae* Lindenb. & Gottsche (sin.: *Lejeunea caespitosa* Lindenb.)

64. *Lejeunea phyllobola* Nees & Mont.
65. *Lejeunea tapajosensis* Spruce
66. *Lepidolejeunea involuta* (Gottsche) Grolle
67. *Leptolejeunea elliptica* (Lehm. & Lindenb.) Schiffn.
68. *Leptolejeunea moniliata* Steph.
69. *Leucolejeunea unciloba* (Lindenb.) A. Evans
70. *Leucolejeunea xanthocarpa* (Lehm. & Lindenb.) A. Evans
71. *Lopholejeunea nigricans* (Lindenb.) Schiffn.
72. *Lopholejeunea subfuscata* (Nees) Schiffn.
73. *Microlejeunea acutifolia* Steph.
74. *Microlejeunea bullata* Bischl.
75. *Microlejeunea epiphylla* Bischl.
76. *Microlejeunea stricta* (Gottsche et al.) Steph.
77. *Prionolejeunea aemula* (Gottsche) A. Evans
78. *Prionolejeunea denticulata* (F. Weber) Schiffn.
79. *Prionolejeunea galliottii* Steph.
80. *Prionolejeunea muricatoserrulata* (Spruce) Steph.
81. *Prionolejeunea scaberula* (Spruce) Steph.
82. *Pycnolejeunea contigua* (Nees) Grolle
83. *Pycnolejeunea densistipula* (Lehm. & Lindenb.) Steph.
84. *Pycnolejeunea macroloba* (Nees & Mont.) Schiffn.
85. *Rectolejeunea berteroana* (Gottsche ex Steph.) A. Evans
86. *Rectolejeunea emarginuliflora* (Gottsche ex Schiffn.) A. Evans
87. *Rectolejeunea flagelliformis* A. Evans
88. *Rectolejeunea monoica* R.M. Schust.
89. *Schiffnerolejeunea polycarpa* (Nees) Grolle
90. *Stictolejeunea squamata* (Willd. ex Web.) Schiffn.
91. *Symbiezidium barbiflorum* (Lindenb. & Gottsche) A. Evans
92. *Symbiezidium transversale* (Sw.) Trevis.
93. *Taxilejeunea obtusangula* (Spruce) A. Evans
94. *Taxilejeunea pterigonia* (Lehm. & Lindenb.) Schiffn.
95. *Vitalianthus bischlerianus* (Pôrto & Grolle) R.M. Schust. & Giancotti
96. *Xylolejeunea crenata* (Nees & Mont.) X.-L. He & Grolle

VII - CEPHALOZIACEAE

1. *Odontoschisma longifloum* (Tayl.) Steph.

VIII - CEPHALOZIELLACEAE

1. *Cylindrocolea rhizantha* (Mont.) R.M. Schust.

IX - CALYPOGEIACEAE

1. *Calypogeria laxa* Gottsche & Lindenb.
2. *Calypogeia miquelii* Mont.

X - GEOCALYCACEAE

1. *Lophocolea bidentata* (L.) Dumort.
2. *Lophocolea martiana* Nees
3. *Lophocolea muricata* (Lehm.) Nees
4. *Lophocolea perissodonta* (Spruce) Steph.

XI - PLAGIOCHILACEAE

1. *Plagiochila aerea* Tayl.
2. *Plagiochila disticha* (Lehm. & Lindenb.) Lindenb.
3. *Plagiochila gymnocalyrina* (Lehm. & Lindenb.) Lindenb.
4. *Plagiochila martiana* (Nees) Lindenb.
5. *Plagiochila montagnei* Nees
6. *Plagiochila patentissima* Lindenb.
7. *Plagiochila patula* (Sw.) Lindenb.
8. *Plagiochila raddiana* Lindenb.
9. *Plagiochila rutilans* Lindenb.
10. *Plagiochila simplex* (Sw.) Lindenb.
11. *Plagiochila subplana* Lindenb.

XII - LEPIDOZIACEAE

1. *Arachniopsis diacantha* (Mont.) M.A. Howe
2. *Micropterygium campanense* Spruce
3. *Micropterygium reimersianum* Herzog
4. *Micropterygium trachyphyllum* Reimers
5. *Telaranea nematodes* (Gottsche ex Austin) M.A. Howe

BRYOPHYTA (MUSGOS)

I. Fissidentaceae

1. *Fissidens lindbergii* Mitt.
2. *Fissidens pellucidus* Hornsch.
3. *Fissidens platyphyllus* Broth.
4. *Fissidens santa-clarensis* Thér.
5. *Fissidens sacriosus* Müll. Hal.
6. *Fissidens zollingeri* Mont.

II. Dicranaceae

1. *Leucoloma serrulatum* Brid.

III. Leucobryaceae

1. *Leucobryum giganteum* Müll. Hal.
2. *Leucobryum martianum* (Hornsch.) Hampe ex Müll. Hal.

IV. Calymperaceae

1. *Calymperes afzelii* Sw.
2. *Calymperes erosum* Müll. Hal.
3. *Calymperes lonchophyllum* Schwägr.
4. *Calymperes nicaraguensis* Renauld & Cardot
5. *Leucophanes molleri* Müll. Hal.
6. *Octoblepharum albidum* Hedw.
7. *Octoblepharum pulvinatum* (Dozy & Molk.) Mitt.
8. *Syrrhopodon gaudichaudii* Mont.
9. *Syrrhopodon incompletus* Schwägr. var. *incompletus*
10. *Syrrhopodon incompletus* Schwägr. var. *berteroanus* (Brid.) W.D. Reese
11. *Syrrhopodon incompletus* Schwägr. var. *lanceolatus* (Hampe) W.D. Reese

12. *Syrrhopodon ligulatus* Mont.
13. *Syrrhopodon parasiticus* (Brid.) Besch.
14. *Syrrhopodon prolifer* Schwägr. var. *prolifer*
15. *Syrrhopodon prolifer* Schwägr. var. *scaber*

V. Pottiaceae

1. *Hyophila involuta* (Hook.) A. Jaeger

VI. Orthotrichaceae

1. *Groutiella apiculata* (Hook.) H.A. Crum & Steere
2. *Macromitrium cirrosum* (Hedw.) Brid.
3. *Schlotheimia jamesonii* (W.-Arn.) Brid.
4. *Schlotheimia rugifolia* (Hook.) Schwägr.

VII. Bryaceae

1. *Bryum limbatum* Müll. Hal.
2. *Rosulabryum huillense* (Welw. & Duby) Ochyra
3. *Rosulabryum billarderi* (Schwägr.) J.R. Spence
4. *Rosulabryum densifolium* (Brid.) J.R. Spence
5. *Ptychostomum wrightii* (Sull.) J.R. Spence & H.P. Ramsey

VIII. Hookeriaceae

1. *Crossomitrium patrisiae* (Brid.) Müll. Hal.

IX. Leucomiaceae

1. *Leucomium strumosum* (Hornschr.) Mitt.

X. Pilotrichaceae

1. *Callicostella pallida* (Hornschr.) Ångström
2. *Hypnella pallescens* (Hook.) A. Jaeger
3. *Lepidopilidium portoricense* (Müll. Hal.) H.A. Crum
4. *Lepidopilum sacbrisetum* (Schwägr.) Steere
5. *Lepidopilum surinamensis* Müll. Hal.
6. *Pilotrichum bipinnatum* (Schwägr.) brid.
7. *Pilotrichum evanescens* (Müll. Hal.) Crosby
8. *Thamniopsis incurva* (Hornschr.) W.R. Buck

XI. Thuidiaceae

1. *Pelekium scabrosulum* (Mitt.) Touw.
2. *Thuidium tomentosum* Schimp.

XII. Stereophyllaceae

1. *Pilosium chlorophyllum* (Hornschr.) Müll. Hal.

XIII. Brachytheciaceae

1. *Helicodontium capillare* (Hedw.) A. Jaeger

2. *Meteoridium remotifolium* (Müll. Hal.) Manuel
3. *Zelometeorium patulum* (Hedw.) Manuel
4. *Zelometeorium recurvifolium* (Hornschr.) Manuel

XIV. Meteoriaceae

1. *Pseudotrichypus martinicensis* (Broth.) W.R. Buck

XV. Hypnaceae

1. *Chryso-hypnum diminutivum* (Hampe) W.R. Buck
2. *Chryso-hypnum elegantulum* (Hook.) Hampe
3. *Ectropothecium leptochaeton* (Schwägr.) W.R. Buck
4. *Vesicularia vesicularis* (Schwägr.) Broth.

XVI. Pylaisiadelphaceae

1. *Isopterygium tenerifolium* Mitt.
2. *Isopterygium tenerum* (Sw.) Mitt.
3. *Pterogonidium pulchellum* (Hook.) Müll. Hal.
4. *Taxithelium juruense* (Broth.) Broth.
5. *Taxithelium planum* (Brid.) Mitt.
6. *Taxithelium pluripunctatum* (Renould & Cardot) W.R. Buck
7. *Taxithelium portoricensis* R.S. Williams

XVII. Sematophyllaceae

1. *Acroporium pungrens* (Hook.) Broth.
2. *Sematophyllum beyrichii* (Hornschr.) Broth.
3. *Sematophyllum subpinnatum* (Brid.) E. Britton
4. *Sematophyllum subsimplex* (Hedw.) Mitt.
5. *Sematophyllum tequendamensis* (Hampe) Mitt.
6. *Trichosteleum brachydictyon* (Besch.) A. Jaeger
7. *Trichosteleum microstegium* (Schimp. ex Besch.) A. Jaeger
8. *Trichosteleum papilosus* (Hornschr.) A. Jaeger
9. *Trichosteleum sentosum* (Sull.) A. Jaeger

XVIII. Pterobryaceae

1. *Orthostichopsis praetermissa* W.R. Buck

XIX. Phyllogoniaceae

1. *Phyllogonium viride* Brid.

XX. Neckeraceae

1. *Homalia glabella* (Hedw.) Schimp.
2. *Homaliodendron piniforme* (Brid.) Enroth
3. *Isodrepanium lentulum* (Wilson) E. Broth.
4. *Neckeropsis disticha* (Hedw.) Kimdb
5. *Neckeropsis undulata* (Hedw.) Reichardt
6. *Porothamnium substriatu* (Hampe) Mitt.

DADOS FLORÍSTICOS

FILOS	FAMÍLIAS	GÊNEROS	ESPÉCIES	INDIVÍDUOS
BRYOPHYTA	20	45	80	756
MARCHANTIOPHYTA	12	40	137	1267
TOTAL	32	85	217	2.023

Anexo 2

Lista das Espécies da Fauna

MAMÍFEROS NÃO-VOADORES

Dr. Kevin M. Flesher

*Centro de Estudos da Biodiversidade
Reserva Ecológica Michelin*

Ordem/Espécies	Nome Inglês	Nome Português regional
Didelphidae <i>Didelphis aurita</i> <i>Didelphis albiventris</i> * <i>Philander frenata</i> <i>Metachirus nudicaudatus</i> <i>Marmosops incanus</i> <i>Micoureus demerarae</i> <i>Caluromys philander</i>	Southeastern common opossum White-eared opossum Atlantic forest four-eyed opossum Brown four-eyed opossum Grey slender mouse opossum Long-furred woolly mouse opossum Bare-tailed woolly opossum	Sariguê, saruê, sariguê-preto Sariguê, saruê, sariguê-de-orelha-rala
Xenarthra <i>Bradypus torquatus</i> <i>Tamandua tetradactyla</i> * <i>Dasypus novemcinctus</i> * <i>Euphractus sexcinctus</i> * <i>Cabassous unicinctus</i> *	Maned three-toed sloth Southern tamandua Nine-banded long-nosed armadillo Yellow armadillo Southern naked-tailed armadillo	Preguiça Tamanduá Tatu verdadeiro Tatu-peba Tatu-de-rabo-mole, tatu-rabo-de-couro, tatu-rabo-de-sola
Primates <i>Sapajus xanthosternos</i> ** <i>Callicebus melanochir</i> <i>Callithrix penicillata</i> *	Yellow-breasted capuchin monkey Bahian masked titi monkey Tuft-eared marmoset	Macaco-verdeadeiro, macaco-de-bando, macaco-prego Guigó Nico, mico, saguim
Carnivora <i>Cerdocyon thous</i> * <i>Procyon cancrivorus</i> * <i>Nasua nasua</i> * <i>Potos flavus</i> ** <i>Eira barbara</i> * <i>Lontra longicaudis</i> ** <i>Leopardus pardalis</i> <i>Leopardus wiedii</i> * <i>Leopardus tigrinus</i> * <i>Puma yaguarondi</i> * <i>Puma concolor</i> *	Crab-eating fox Crab-eating raccoon South American coati Kinkajou Tayra Neotropical otter Ocelot Margay Oncilla, tiger cat, little spotted cat Jaguarondi Puma, cougar, mountain lion	Raposa Guará, gauxinim Quati Jupará, macaco-de-noite Papa-mel Lontra Jaguatirica Gato-maracajá, gato-do-mato Gato-mamonha, gato-momonha gato-do-mato *Gato-mourisco, gato-preto, Sussuarana, onça
Artiodactyla <i>Pecari tajacu</i> * <i>Mazama americana</i> * <i>Mazama gouazoubira</i> *	Collared peccary Red brocket deer Grey or brown brocket deer	Caitetu, porco-do-mato Veado, bode Corsa
Rodentia		

<i>Cuniculus paca</i> *	Paca	Paca
<i>Dasyprocta aguti</i>	Red-rumped agouti	Cutia
<i>Sciurus aestuans</i>	Guianan squirrel	Papa-coco, esquilo, cutia-de-pau
<i>Sphiggurus insidiosus</i> **	Bahia hairy dwarf porcupine	Ouriço-caxeiro, Luis-caxeiro, Cacheiro-amarelo
<i>Chaetomys subspinosus</i> **	Bristle-spined porcupine	Caxeiro-preto, ouriço-preto
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> *	Capybara	Capivara
Lagomorpha		
<i>Sylvilagus brasiliensis</i> **	Tapiti, Brazilian rabbit	Coelho

* = espécies que habitam as plantações de seringueiras; ** = espécies registradas infrequentemente na paisagem de seringueiras.

Mamíferos extintos na REM

Xenarthra		
<i>Priodontes maximus</i>	Giant armadillo	Tatu-canastra, tatu-zumbi
Artiodactyla		
<i>Tayassu pecari</i>	White-lipped peccary	Porco-do-mato-grande
Perrisodactyla		
<i>Tapirus terrestris</i>	Lowland tapir	Anta
Carnívora		
<i>Panthera onça</i>	Jaguar	Onça

PEQUENOS MAMIFEROS NAO-VOADORES

MSc. Leila Ramos Neves. & Dr. Gilson Evaristo Iack Ximenes

Universidade Estadual de Feira de Santana

Espécies	Floresta	# Capturas
Marsupalia		
<i>Didelphis aurita</i>	Pacangê, Luis Inácio, Vila 5	6
<i>Marmosa murina</i>	Pacangê, Luis Inácio, Vila 5, Pancada Grande	11
<i>Marmosops incanus</i>	Pacangê, Luis Inácio, Vila 5, Pancada Grande	23
<i>Micoureus paraguayanus</i>	Vila 5	1
<i>Monodelphis americana</i>	Varzea, Pacangê, Vila 5, Pancada Grande	7
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Pacangê, Vila 5, Pancada Grande	3
<i>Philander frenata</i>	Pacangê	
<i>Caluromys philander</i>	Na regiao	
<i>Didelphis albiventris</i>	Proximo vilas	
<i>7 cm HB color of Marmosops</i>	Pacangê	
Rodentia		
<i>Akodon cursor</i>	Varzea	33
<i>Cerradomys vivoi</i>	Varzea	2
<i>Euryoryzomys russatus</i>	Luis Inácio, Vila 5	2
<i>Necromys lasiurus</i>	Pacangê, Luis Inácio, Vila 5, Pancada Grande	1
<i>Hylaeamys laticeps</i>	Vila 5	13
<i>Oecomys catherinae</i>	Luis Inácio, Vila 5	2
<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	Varzea, Pancada Grande, Vila 5	10
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Pacangê	1
<i>Trinomys setosus</i>	Luis Inácio, Vila 5, Pancada Grande	
<i>Sciurus aestuans</i>	Pacangê, Luis Inácio, Vila 5, Pancada Grande	

As espécies em azul registradas por Dr. Kevin M. Flesher, CEB, REM.

AVES

Dr. Pedro Lima

A

1. *Agelaius ruficapillus*
2. *Amazilia lactea*
3. *Amazilia leucogaster bahiae* beija-flor-de-barriga-branca
4. *Amazona amazonica amazonica* papagaio-grego
5. *Anthracothorax nigricollis* beija-flor-de-veste-preta
6. *Aphantochroa cirrhochloris*
7. *Aramides cajanea cajanea* saracura-três-potes
8. *Aratinga aurea aurea* aratinga-estrela
9. *Aratinga auricapilla auricapilla* jandaia-de-testa-vermelha
10. *Arremon taciturnus taciturnus* tico-tico-da-mata
11. *Asio clamator* coruja-orelhuda
12. *Asio stygius*
13. *Attila spadiceus uropygiatus* tinguaçu-cantor
14. *Automolus leucophthalmus leucophthalmus* barranqueiro-de-olho-branco

B

15. *Basileuterus flaveolus* pula-pula-amarelo
16. *Basileuterus leucophrys* pula-pula-branco
17. *Brotogeris tirica*
18. *Bubo virginianus nacurutu* jucurutu
19. *Buteo magnirostris*

20. <i>Bucco maculatus maculatus</i>	chilu-chilu
21. <i>Buteo nitidus</i>	
C	
22. <i>Cacicus cela cela</i>	japiim-xexéu
23. <i>Cacicus haemorrhouss affinis</i>	japiim-guaxe
24. <i>Cairina moschata</i>	
25. <i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista
26. <i>Campsieimps flaveola flaveola</i>	
27. <i>Camptostoma obsoletum cinerascens</i>	risadinha
28. <i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i>	arapaçu-de-bico-torto
29. <i>Carduelis yarrellii</i>	coroinha
30. <i>Caryothraustes canadensis brasiliensis</i>	furriel-canário
31. <i>Cathartes aura ruficollis</i>	urubu-de-cabeça-vermelha
32. <i>Cathartes burrovianus urubitinga</i>	urubutinga
33. <i>Celeus flavescens intercendes</i>	
34. <i>Certhiaxis cinnamomea cearensis</i>	
35. <i>Chaetura meridionalis</i>	taperá-do-temporal
36. <i>Cheliptoptera tenebrosa</i>	
37. <i>Chiroxiphia pareola pareola</i>	tangará-de-costa-azul
38. <i>Chlorestes notatus notatus</i>	
39. <i>Chlorophanes spiza axillaris</i>	saí-verde
40. <i>Chlorostilbon aureoventris pucherani</i>	esmeralda-de-bico-vermelho

41. <i>Chordeiles</i> sp	bacurau-pequeno
42. <i>Chrysolampis mosquitus</i>	
43. <i>Coereba flaveola chloropyga</i>	cambacica
44. <i>Colaptes campestris campestris</i>	picapau-do-campo
45. <i>Colonia colonus colonus</i>	maria-viuvinha
46. <i>Columba cayennensis</i>	pomba-galega
47. <i>Columba livia domestica</i>	pombo-doméstico
48. <i>Columba speciosa</i>	pomba-pedrês
49. <i>Columbina talpacoti talpacoti</i>	rolinha-roxa
50. <i>Conirostrum speciosum speciosum</i>	figuinha-bicuda
51. <i>Conopophaga melanops perspicillata</i>	chupa-dente-de-máscara
52. <i>Contopus cinereus pallenscens</i>	piui-cinza
53. <i>Coragyps atratus brasiliensis</i>	urubu-preto
54. <i>Crax blumenbachii</i> *	mutum-de-bico-vermelho
55. <i>Crotophaga ani</i>	anu-preto
56. <i>Crypturellus obsoletus obsoletus</i>	inhambu-guaçu
57. <i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó
58. <i>Crypturellus soui albicularis</i>	sururina
59. <i>Cyanerpes cyaneus holti</i> *	saí-beija-flor
60. <i>Cyclarhis gujanensis cearensis</i>	pitiguari
61. <i>Cypseloides senex</i>	

D

62. *Dacnis cayana paraguaiensis*
63. *Dendrocincla turdina* * arapaçu-liso
64. *Dendrocolaptes platyrostris intermedius*
65. *Discosura longicauda* bandeirinha
66. *Donacobius atricapillus atricapillus* japacanim
67. *Dromococcyz phasianellus*
68. *Drymophila squamata stictocorypha** pintadinho
69. *Dryocopus lineatus imrocerus* picapau-de-banda-branca

E

70. *Egretta alba egretta*
71. *Egretta cerulea*
72. *Egretta thula thula* garcinha-branca
73. *Elaenia flavogaster flavogaster* maria-é-dia
74. *Elaenia obscura sordida* guaracava-de-óculos
75. *Elanus leucurus leucurus* gavião-peneira
76. *Emberizoides herbicola* tibirro-do-campo
77. *Empidonax varius rufinus* bentevi-peitica
78. *Eupetomena macroura simoni* beija-flor-tesoura
79. *Euphonia chlorotica chlorotica* gaturamo-fifi
80. *Euphonia pectoralis* ferro-velho
81. *Euphonia violacea aurantiicollis* gaturamo-verdadeiro

F

82. <i>Falco femoralis femoralis</i>	falcão-de-coleira
83. <i>Falco sparverius cearae</i>	quiriquiri
84. <i>Fluvicola leucocephala</i>	maria-velhinha
85. <i>Fluvicola nengeta nengeta</i>	lavadeira-mascarada
86. <i>Formicarius colma ruficeps</i>	pinto-da-mata-coroado
87. <i>Formicivora grisea grisea</i>	formigueiro-pardo
88. <i>Forpus crassirostris flavissimus</i>	tuim-de-asa-azul
89. <i>Furnarius rufus albogularis</i>	joão-de-barro

G

90. <i>Galbula ruficauda rufoviridis</i>	ariramba-de-cauda-ruiva
91. <i>Gallinula chloropus</i>	
92. <i>Geothlypis aequinoctialis velata</i>	pia-cobra-do-sul
93. <i>Geotrygon montana montana</i>	juriti-piranga
94. <i>Glaucidium brasilianum brasilianum</i>	cabure-ferrugem
95. <i>Glaucidium minutissimum</i> *	caburezinho
96. <i>Glaucis hirsuta hirsuta</i>	beija-flor-besourão
97. <i>Glyphorynchus spirurus cuneatus</i>	arapaçu-de-bico-de-cunha
98. <i>Gnorimopsar chopi</i>	
99. <i>Guira-guira</i>	anu-branco

H

100. <i>Harpagus bidentatus bidentatus</i>	gavião-ripina
101. <i>Heliothryx aurita auriculata</i>	beija-flor-fada

102. *Hemithraupis flavicollis*

103. *Herpetotheres cachinnans*

104. *Herpsilochmus pileatus* *

chorozinho-de-bone

105. *Hydropsalis torquata torquata*

curiango-tesoura

106. *Hylocharis cyanus cyanus*

beija-flor-roxo

107. *Hylocharis sapphirina sapphirina*

beija-flor-safira

108. *Hylophilus amaurocephalus*

vite-vite-de-peito-amarelo

I

109. *Icterus cayanensis tibialis*

encontro

J

110. *Jabiru mycteria*

jaburu

111. *Jacana jacana jacana*

jaçanã-preta

L

112. *Laterallus melanophaius melanophaius*

sanã-parda

113. *Lathrotriccus euleri euleri*

enferrujado

114. *Leptodon cayanensis cayanensis*

115. *Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus*

abre-asa-cabeçudo

116. *Leptotila rufaxilla bahiae*

juriti-gemedreira

117. *Leptotila verreauxi approximans*

juriti-pupu

118. *Lipaugs vociferans*

cricrió-seringueiro

M

119. *Machaeropterus regulus regulus*

dançarino-rosado

120. <i>Machetornis rixosus rixosus</i>	suiriri-cavaleiro
121. <i>Malacoptila striata striata</i>	barbudo-rajado
122. <i>Manacus manacus gutturosus</i>	rendeira-branca
123. <i>Megarhynchus pitangua pitangua</i>	neinei
124. <i>Micrastur ruficollis ruficollis</i>	falcão-caburé
125. <i>Mimus saturninus arrenaceus</i>	tejo-do-campo
126. <i>Molothrus bonariensis bonariensis</i>	chopim-gaudério
127. <i>Monasa morphoeus morphoeus</i>	chora-chuva-de-cara-branca
128. <i>Myiarchus tuberculifer tuberculifer</i>	maria-triste
129. <i>Myiarchus tyrannulus bahiae</i>	maria-de-asa-ferrugem
130. <i>Myiobius barbatus</i>	
131. <i>Myiodynastes maculatus solitarius</i>	bentevi-rajado
132. <i>Myionectes oleagineus oleagineus</i>	abre-asa-da-capoeira
133. <i>Myiophobus fasciatus flammiceps</i>	felipe-de-peito-riscado
134. <i>Myiozetetes similis similis</i>	bentevi-de-coroa-vermelha
135. <i>Myrmeciza loricata</i> *	formigueiro-assobiador
136. <i>Myrmeciza ruficauda</i> *	formigueiro-de-cauda-ruiva
137. <i>Myrmotherula axillaris luctuosus</i>	choquinha-de-flanco-branco
138. <i>Myrmotherula urosticta</i> *	choquinha-de-rabo-cintado
<i>N</i>	
139. <i>Nemosia pileata caerulea</i>	
140. <i>Notiochelidon cyanoleuca cyanoleuca</i>	andorinha-azul-e-branca

141. *Nyctibius griseus griseus* mãe-da-lua

142. *Nyctidromus albicollis albicollis* curiango-comum

O

143. *Odontophorus capueira plumbeicollis* uru-capoeira

144. *Ornithion inerme* poaieiro-de-sobrancelha

145. *Ortalis guttata araucuan**

146. *Oryzoborus angolensis angolensis* curiô

147. *Otus choliba decussata* corujinha-de-orelha

P

148. *Pachyramphus marginatus marginatus* caneleiro-bordado

149. *Pachyramphus polychoterus polychoterus* caneleiro-preto

150. *Pachyramphus validus*

151. *Pachyramphus viridis viridis* caneleiro-verde

152. *Panyptila cayennensis* taperá-tesoura

153. *Pardirallus nigricans nigricans* saracura-preta

154. *Passer domesticus domesticus* pardal-doméstico

155. *Passerina brissoni brissoni* azulão-verdadeiro

156. *Penelope superciliaris jacupemba* jacupeba

157. *Phacellodomus rufifrons rufifrons* joão-graveto

158. *Phaeoprogne tapera fusca*

159. *Phaethornis margaretae **

160. *Phaethornis pretrei pretrei* rabo-branco-acanelado

161. <i>Phaethornis ruber ruber</i>	rabo-branco-rubro
162. <i>Philydor atricapillus</i> *	limpa-folha-coroado
163. <i>Piculus flavigula erythropus</i>	picapau-bufador
164. <i>Picumnus exilis exilis</i>	picapau-anão-dourado
165. <i>Picumnus pygmaeus pygmaeus</i> ***	picapau-anão-pintado
166. <i>Pionus menstruus reichenowi</i>	maitaca-de-cabeça-azul
167. <i>Pipra pipra cephaleuca</i>	dançador-de-coroa-branca
168. <i>Pipra rubrocápilla</i>	dançador-de-cabeça-encarnada
169. <i>Pitangus sulphuratus maximiliani</i>	bentevi-verdadeiro
170. <i>Platycichla flavigipes</i>	
171. <i>Platyrinchus mystaceus mystaceus</i>	patinho-de-garganta-branca
172. <i>Piaya cayana macroura</i>	
173. <i>Podiceps dominicus</i>	
174. <i>Podilymbus podiceps</i>	
175. <i>Polioptila plumbea atricapilla</i>	balança-rabo-de-chapeú-preto
176. <i>Porphyrola martinica</i>	
177. <i>Porzana albicollis albicollis</i>	sanã-carijó
178. <i>Procnias nudicollis</i> *	araponga
179. <i>Progne chalybea domesticus</i>	andorinha-grande
180. <i>Progne subis subis</i>	andorinha-azul
181. <i>Pteroglossus aracari aracari</i>	araçari-minhoca
182. <i>Pyriglena leucoptera</i> *	olho-de-fogo-do-sul

R

183. <i>Ramphastos vitellinus ariel</i>	tucano-de-bico-preto
184. <i>Ramphocaenus melanurus melanurus</i>	balança-rabo-de-bico-longo
185. <i>Ramphocelus bresilius bresilius</i> *	tiê-sangue
186. <i>Rhynchocyclus olivaceus olivaceus</i>	bico-chato-oliváceo
187. <i>Rhynchotus rufescens</i>	perdigão
188. <i>Rhytipterna simplex simplex</i>	maria-cinza

S

189. <i>Saltator maximus maximus</i>	tempera-viola
190. <i>Saltator similis similis</i>	trinca-ferro-de-asa-verde
191. <i>Scardafella squammata squammata</i>	
192. <i>Schiffornis turdinus turdinus</i>	flautim-marrom
193. <i>Schistochlamys ruficapillus capistratus</i>	tiê-veludo
194. <i>Sclerurus mexicanus bahiae</i>	vira-folha-de-peito-vermelho
195. <i>Scytalopus psychopompus</i> *	
196. <i>Sicalis flaveola brasiliensis</i>	canário-da-terra
197. <i>Sittasomus griseicapillus olivaceus</i>	arapaçu-de-cabeça-cinza
198. <i>Spizaetus tyrannus tyrannus</i>	gavião-pega-macaco
199. <i>Sporophila albogularis</i>	brejal
200. <i>Sporophila bouvreuil bouvreuil</i>	cabocinho-frade
201. <i>Sporophila leucoptera cinerola</i>	patativa-chorona
202. <i>Sporophila nigricollis nigricollis</i>	papa-capim-capuchinho

203. <i>Stelgidopteryx ruficollis ruficollis</i>	andorinha-serradora-do-sul
204. <i>Streptoprocne zonaris zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca
205. <i>Strix virgata</i>	
206. <i>Synallaxis cinerea</i>	
207. <i>Synallaxis frontalis frontalis</i>	tifli
T	
208. <i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio
209. <i>Tachyphonus cristatus brunneus</i>	tiê-galo
210. <i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta
211. <i>Tangara seledon</i> *	
212. <i>Tangara velia cyanomelaena</i>	saíra-diamante
213. <i>Tapera naevia</i>	saci-do-campo
214. <i>Taraba major stagura</i>	choró-boi
215. <i>Terenura maculata</i> *	zidedê-do-sul
216. <i>Tersina viridis viridis</i>	saí-andorinha
217. <i>Thalurania glaukopis</i> *	beija-flor-de-fronte-violeta
218. <i>Thlypopsis sordida</i>	
219. <i>Thamnomanes caesius caesius</i>	uirapuru-de-bando
220. <i>Thamnophilus palliatus palliatus</i>	choca-listrada
221. <i>Thamnophilus pelzelni</i>	
222. <i>Thraupis palmarum palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro
223. <i>Thraupis sayaca sayaca</i>	sanhaço-cinza

224. <i>Thryothorus genibarbis genibarbis</i>	garrincha-de-bigode
225. <i>Tiaris fuliginosa fuliginosa</i>	cigarrinha-do-coqueiro
226. <i>Tigrisoma lineatum</i>	
227. <i>Tityra inquisitor inquisitor</i>	araponguinha-de-cara-preta
228. <i>Todirostrum cinereum cearae</i>	ferreirinho-relógio
229. <i>Todirostrum fumifrons</i>	
230. <i>Tolmomyias sulphurescens pallescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta
231. <i>Triphopaga macroura</i>	Rabo-amarelo
232. <i>Troglodytes musculus musculus</i>	corruira-de-casa
233. <i>Trogon viridis melanopterus</i>	surucuá-de-barriga-dourada
234. <i>Turdus albicollis crotopeucus</i>	sabiá-coleira
235. <i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca
236. <i>Turdus fumigatus fumigatus</i>	sabiá-vermelho
237. <i>Turdus leucomelas albiventer</i>	sabiá-de-cabeça-cinza
238. <i>Turdus rufiventris juensis</i>	sabiá-laranjeira
239. <i>Tyrannus melancholicus melancholicus</i>	suiriri-tropical
240. <i>Tyto alba tuidara</i>	suindara

V

241. <i>Vannelus chilensis</i>	
242. <i>Veniliornis affinis affinis</i>	picapau-de-asa-vermelha
243. <i>Vireo olivaceus</i>	juruviara-oliva
244. <i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu

X

245. *Xenops minutus minutus*

bico-virado-miúdo

246. *Xipholena atropurpurea* *

anambé-de-asa-branca

247. *Xiphorhynchus guttatus guttatus*

arapaçu-de-garganta-camurça

248. *Xiphorhynchus picus bahiae*

arapaçu-de-bico-reto

A HERPETOFAUNA DE SERAPILHEIRA

MSc. Tasso Meneses Lima & Dra. Flora Acuña Juncá

*Programa de Ecologia e Biomonitoramento - UFBA e coordenadora do Laboratório de
Animais Peçonhentos e Herpetologia – LAPH da UEFS*

ANURA

Adenomera marmorata
Eleutherodactylus cf. ramagii
Eleutherodactylus cf. binotatus
Eleutherodactylus sp. (grupo *E. ramagii*)
Leptodactylus ocellatus
Leptodactylus cf. spixi
Macrogenioglohtus alipioi
Physalaemus signifer
Proceratophrys boiei
Rhinella crucifer
Rhinella hoogmoedi
Scinax x-signatus
Stereocyclops incrassatus

SERPENTES

Boa constrictor
Bothrops bilineatus
Bothrops leucurus
Bothrops pirajai
Drymarcon corais
Epicrates cenchria
Lachesis muta
Leptothyphlops sp.
Spilots pullatus
Typhlops brongersmianus
Xenodon rhabdocephalus

LAGARTOS

Anolis punctatus
Coleodactylus meridionalis
Enyalius catenatus
Gymnodactylus darwini
Kentropix calcarata
Leposoma scincoides
Mabouya macrorhyncha

SERPENTES e REPTEIS

Dr. Kevin M. Flesher

*Centro de Estudos da Biodiversidade
Reserva Ecológica Michelin*

Serpentes (identificadas; 10+ não identificadas ainda)

1. *Boa constrictor*
2. *Bothrops bilineatus*
3. *Bothrops jararacusu*
4. *Bothrops leucurus*
5. *Bothrops pirajai*
6. *Chironius exoletus*
7. *Chironius fuscus*
8. *Chironius multiventris*
9. *Coralus hortulanus*
10. *Drymachon corais*
11. *Lachesis muta*
12. *Liophis viridis*
13. *Oxybelis aeneus*
14. *Oxyrhopus sp. (guibei)*
15. *Philodryas olfersii*
16. *Phimophis iglesiassi*
17. *Pseudoboa nigra*
18. *Siphlophis compressus*
19. *Spilotes pullatus*
20. *Tantilla sp. (melanocephala)*

Repteis

1. *Caiman latirostris*
2. *Tupinambis* *teguixin*

ANFÍBIOS

MSc. Caio Vinícius de Mira Mendes¹, MSc. Danilo Silva Ruas¹, MSc. Renan Manoel Oliveira¹,
MSc. Felipe Camurugi Almeida Guimarães², Dra. Flora Acunã Junca² & Dr. Mirco Solé¹

¹ Departamento de Ciências Biológicas

Universidade Estadual de Santa Cruz

² Programa de Pós-Graduação em Zoologia
Universidade Estadual de Feira de Santana

Ordem/Família/Espécies

GYMNOPHYONA

Caeciliidae

Siphonops annulatus (Mikan, 1820)^{LC}

ANURA

Aromobatidae

Allobates olfersioides (Lutz, 1925)^{VU}

Bufonidae

Frostius erythrophthalmus Pimenta and Caramaschi, 2007^{DD}

Rhinella hoogmoedi (Caramaschi & Pombal, 2006)^{LC}

Rhinella crucifer (Wied-Neuwied, 1821)^{LC}

Centrolenidae

Vitreorana sp.

Craugastoridae

"*Eleutherodactylus*" *bilineatus* (Bokermann, 1975)^{LC}

Haddadus binotatus (Spix, 1824)^{LC}

Pristimantis aff. *ramagii*

Pristimantis paulodutrai (Bokermann, 1975)^{LC}

Pristimantis vinhai (Bokermann, 1975)^{LC}

Eleutherodactylidae

Adelophryne sp.

Adelophryne mucronatus Lourenço-de-Morais et al., 2012

Hemiphractidae

Gastrotheca pulchra Caramaschi and Rodrigues, 2007^{DD}

Gastrotheca recava Teixeira et al., 2012

Hylidae

Aplastodiscus cavigcola (Cruz & Peixoto, 1984)^{NT}

Aplastodiscus cf. sibilatus (Cruz, Pimenta, & Silvano, 2003)

Aplastodiscus ibirapitanga (Cruz, Pimenta, & Silvano, 2003)^{LC}

Bokermannohyla capra (Napoli & Pimenta, 2009)^{DD}

Dendropsophus anceps (Lutz, 1929)^{LC}

Dendropsophus branneri (Cochran, 1948)^{LC}
Dendropsophus decipiens (Lutz, 1925)^{LC}
Dendropsophus elegans (Wied-Neuwied, 1824)^{LC}
Dendropsophus giesleri (Mertens, 1950)^{DD}
Dendropsophus haddadi (Bastos & Pombal, 1996)^{LC}
Dendropsophus minutus (Peters, 1872)^{LC}
Dendropsophus novaesi (Bokermann (1968)^{DD}
Dendropsophus sp.
Hylomantis aspera (Peters, 1873)^{LC}
Hypsiboas albomarginatus (Spix, 1824)^{LC}
Hypsiboas atlanticus (Caramaschi & Velosa, 1996)^{LC}
Hypsiboas crepitans (Wied-Neuwied, 1824)^{LC}
Hypsiboas faber (Wied-Neuwied, 1821)^{LC}
Hypsiboas pombali (Caramaschi, Pimenta & Feio, 2004)^{LC}
Hypsiboas semilineatus (Spix, 1824)^{LC}
Itapotihyla langsdorffii (Duméril and Bibron, 1841)^{LC}
Phasmahyla timbo Cruz, Napoli & Fonseca, 2008DD
Phyllodytes luteolus (Wied-Neuwied, 1824)^{LC}
Phyllodytes maculosus Cruz, Feio, and Cardoso, 2007^{DD}
Phyllodytes melanomystax (Caramaschi, Silva & Britto-Pereira, 1992)^{LC}
Phyllodytes sp.
Phylomedusa burmeisteri (Boulenger, 1882)^{LC}
Phylomedusa nordestina (Caramaschi, 2006)^{DD}
Phylomedusa rohdei (Mertens, 1926)^{LC}
Scinax argyreornatus (Miranda-Ribeiro, 1926)^{LC}
Scinax eurydice (Bokermann, 1968)^{LC}
Scinax juncae Nunes and Pombal, 2010
Scinax strigilatus Pimenta, Faivovich & Pombal Jr, 2007^{DD}
Scinax x-signatus (Spix, 1824)^{DD}
Trachycephalus mesophaeus (Hensel, 1867)^{DD}

Leptodactylidae

Adenomera marmorata (Steindachner, 1867)^{LC}
Physalaemus camacan Pimenta, Cruz, and Silvano, 2005^{DD}
Leptodactylus cupreus Caramaschi, Feio and São-Pedro, 2008
Leptodactylus mystaceus (Spix, 1824)^{LC}
Leptodactylus latrans (Steffen, 1815)^{LC}
Leptodactylus vastus Lutz, 1930^{LC}

Microhylidae

Chiasmocleis cordeiroi Caramaschi & Pimenta, 2003^{DD}

Chiasmocleis sp.

Stereocyclops incrassatus (Cope, 1870)^{LC}

Dermatonotus muelleri (Boettger, 1885)^{LC}

Odontophrynidae

Macrogenioglottus alipioi (Carvalho, 1946)^{LC}

Proceratophrys renalis (Miranda-Ribeiro, 1920)^{LC}

Proceratophrys schirchi (Miranda-Ribeiro, 1937)^{LC}

* IUCN (2014)^{DD} Data Deficient, ^{LC} Least Concern, ^{VU} Vulnerable, ^{NT} Near Threatened.

PEIXES

Dr. Alexandre Clistenes de A. Santos, Leonardo Evangelista Moraes, Marissol Pascoal Ferreira,
Marconi Porto Sena & Perimar Espírito Santo Moura

*Laboratório de Ictiologia. Departamento de Ciências Biológicas
Universidade Estadual de Feira de Santana*

Taxa Identificados	Nomes populares
Classe Actinopterygii	
Ordem Characiformes	
Família Anostomidae	
<i>Leporinus</i> sp.	Piau
Família Crenuchidae	
<i>Characidium</i> sp.	Charutinho
Família Characidae: Cheirodontinae	
<i>Serrapinus</i> sp.	
Família Characidae: <i>incertae sedis</i>	
<i>Astyanax</i> sp.	Lambari
<i>Astyanax bimaculatus</i> (Linnaeus, 1758)	Lambari
<i>Astyanax gr. fasciatus</i> (Cuvier, 1819)	Lambari
Família Erythrinidae	
<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	Traíra
<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i> (Spix & Agassiz, 1829)	Iuiú
Ordem Siluriformes	
Família Heptapteridae	
<i>Rhamdia</i> cf. <i>queelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	
Família Loricariidae: Hypoptopomatinae	
<i>Parotocinclus</i> sp.	Cascudinho
Família Loricariidae: Hypostominae	
<i>Hypostomus</i> sp.1	Cascudo, cari
<i>Hypostomus</i> sp.2	Cascudo, cari
Ordem Gymnotiformes	
Família Gymnotidae	
<i>Gymnothrus carapo</i> Linnaeus, 1758	Tuvira, sarapó
Ordem Cyprinodontiformes	
Família Poeciliidae	
<i>Poecilia</i> sp.	
<i>Poecilia reticulata</i> Peters, 1859	Barrigudinho, pariviva
<i>Poecilia vivipara</i> (Bloch & Schneider, 1801)	Barrigudinho, pariviva
Ordem Mugiliformes	
Família Mugilidae	
<i>Mugil gaimardianus</i> Desmarest, 1831	Tainha
Ordem Gasterosteiformes	
Família Syngnathidae	
<i>Microphis brachyurus lineatus</i> (Kaup, 1856)	Peixe-cachimbo
Ordem Perciformes	

Família Centropomidae		
<i>Centropomus parallelus</i> Poey, 1860	Robalo peva	
<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792)	Robalo flecha	
Família Cichlidae		
<i>Geophagus gr. brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	Cará, corró	
Família Haemulidae		
<i>Pomadasys ramosus</i> (Poey, 1860)	Corcoroca	cont.
Família Eleotridae		
<i>Eleotris pisonis</i> (Gmelin, 1789)		
Família Gobiidae		
<i>Awous</i> sp.		
Ordem Pleuronectiformes		
Família Achiridae		
<i>Trinectes paulistanus</i> (Miranda Ribeiro, 1915)	Linguado, tapa	

ABELHAS

Dr. Mauro Ramalho¹, Dra. Marília Dantas E. Silva², Dra. Jaqueline Figuerêdo Rosa³ &
MSc. Daniela Monteiro¹

¹*Laboratório de Ecologia da Polinização (ECOPOL)*

Instituto de Biologia

Departamento de Botânica

Universidade Federal da Bahia

²*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano*

Campus Governador Mangabeira, BA, Brasil

³*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano*

Campus Guanambi, BA, Brasil

Meliponini (2007-2012)

Lestrimelitta sp

Melipona scutellaris Latreille, 1811

Nannotrigona sp

Paratrigona subnuda Moure, 1947

Partamona sp2

Plebeia droryana (Friese, 1900)

Plebeia sp4

Plebeia sp3

Scaptotrigona bipunctata (Lepeletier, 1836)

Scaptotrigona tubiba (Smith, 1863)

Scaptotrigona xanthotricha Moure, 1950

Scaura atlantica Melo, 2004

Schwarziana quadripunctata (Lepeletier, 1836)

Tetragonisca angustula (Latreille, 1811)

Trigona braueri Friese, 1900 (=*Trigona fulviventris* Guérin, 1835)

Trigona fuscipennis Friese, 1900

Trigona hyalinata (Lepeletier, 1836)

Trigona spinipes (Fabricius, 1793)

Euglossini

Euglossa (Euglossa) aratingae Nemésio, 2009

Euglossa (Euglossa) carolina Nemésio, 2009

Euglossa (Euglossa) despecta Moure, 1968

Euglossa (Euglossa) hemichlora Cockerell, 1917

Euglossa (Euglossa) leucotricha Rebêlo e Moure, 1996

Euglossa (Euglossa) liopoda Dressler, 1982

Euglossa (Euglossa) melanotricha Moure, 1967

Euglossa (Euglossa) securigera Dressler, 1982

Euglossa (Euglossa) truncata Rebêlo e Moure, 1996

Euglossa (Glossura) ignita Smith, 1874

Euglossa (Glossura) imperialis Cockerell, 1922

Euglossa (Glossura) roubiki Nemésio, 2009
Euglossa (Glossurella) clausi Nemésio e Engel, 2012
Euglossa (Glossurella) crassipunctata Moure, 1968
Euglossa ioprosopa Dressler, 1982
Euglossa pepei Nemésio e Engel, 2012
Euglossa (Euglossa) pleosticta Dressler, 1982
Eulaema (Apeulaema) marcii Nemésio, 2009
Eulaema (Apeulaema) nigrita Lepeletier, 1841
Eulaema (Eulaema) atleticana Nemésio, 2009
Eulaema (Eulaema) niveofasciata (Friese, 1899)
Exaerete frontalis (Guérin, 1844)
Exaerete smaragdina (Guérin, 1844)

Centridini

Centris (Centris) leprieuri Spinola 1841
Centris (Centris) aenea Lepeletier, 1841
Centris (Heterocentris) analis (Fabricius, 1804)
Centris (Heterocentris) terminata Smith, 1874
Centris (Ptilotopus) sponsa Smith, 1854
Centris difformis Smith, 1854
Epicharis (Epicharana) flava Friese, 1900
Epicharis (Epicharis) bicolor Smith, 1854

Augochlorini

Megalopta amoena (Spinola, 1853)
Megalopta sodalis (Vachal, 1904)
Megalopta aegis (Vachal, 1904)

ARANHAS

MSc. Kátia Benati

Bióloga, M. Sc. em Ecologia e Biomonitoramento

Doutoranda em Ecologia - UFBA

Pesquisadora do Centro de Ecologia e Conservação Animal - ECOA

ICB/UCSal

Lista de famílias e espécies de aranhas (N= 480) de serrapilheira em um gradiente de sucessão de dois remanescentes (Mata da Vila 5 e Mata do Pacangê) da Reserva Ecológica da Michelin (Ituberá-Igrapiúna, BA). *Obs.:* FSJ= Floresta Secundária Jovem, FST= Floresta Secundária Tardia, FCM= Floresta com Corte Intensivo de Madeira; FM= Floresta Madura.

Família (Espécie e/ou morfoespécie)	FSJ	FST	FCM	FM
ANAPIDAE				
<i>Anapis</i> sp.1	2	0	1	0
ARANEIDAE				
<i>Alpaida</i> gr. <i>nigro</i>	2	1	0	0
CAPONIIDAE				
<i>Nops</i> sp.1	0	0	0	1
CORINNIDAE				
<i>Creugas</i> sp.1	1	1	1	2
<i>Landuba varia</i> (Keyserling, 1891)	0	0	0	1
<i>Orthobula</i> sp.	1	0	0	0
<i>Tupirinna</i> sp.	0	0	1	0
CTENIDAE				
<i>Celaetycheus</i> sp.	0	0	0	1
DIPLURIDAE				
<i>Ischnothelinae</i>	0	0	1	0
<i>Masteria</i> sp.	0	0	0	1
IDIOPIDAE				
<i>Idiopidae</i> sp	0	0	1	0
LINYPHIIDAE				
<i>Meioneta</i> sp.1	4	1	0	0
<i>Meioneta</i> sp.2	1	1	1	2
<i>Moyosi</i> sp.2	1	1	0	0
NEMESIIDAE				
<i>Stenoterommata</i> sp.1	0	1	1	1
OONOPIDAE				
<i>Capitato</i> sp.1	2	0	0	2
<i>Neotrops</i> sp.1	0	0	1	0
<i>Neoxyphinus</i> sp.1	1	1	1	0
<i>Predatoroonops</i> sp.1	3	1	0	0
PALPIMANIDAE				
<i>Fernandezina</i> sp.1	0	1	2	0
<i>Otiothops atlanticus</i> (Platnick, Grismado & Ramírez, 1999)	3	4	5	2
PRODIDOMIDAE				

<i>Lygromma</i> sp.1	0	2	1	1
SALTICIDAE				
<i>Breda</i> sp.1	2	0	1	2
<i>Corythalia</i> sp.1	0	3	0	1
<i>Corythalia</i> sp.2	7	9	6	4
<i>Salticidae</i> sp.1	3	1	0	0
<i>Salticidae</i> sp.2	2	2	2	2
<i>Salticidae</i> sp.3	1	0	0	0
SCYTODIDAE				
<i>Scytodes</i> sp.	1	0	0	0
SPARASSIDAE				
Sparianthinae	0	0	0	1
TETRAGNATHIDAE				
<i>Chrysometa ludibunda</i> (Keyserling, 1893)	1	0	2	0
THERAPHOSIDAE				
<i>Ischnocolinae</i> sp.1	1	4	2	3
THERIDIIDAE				
<i>Euryopis</i> sp.1	1	0	0	0
<i>Euryopis</i> sp.2	0	0	1	0
<i>Phycosoma</i> sp.	0	1	0	0
<i>Theridion</i> sp.1	1	0	0	0
<i>Theridion</i> sp.2	0	0	1	0
THERIDIOSOMATIDAE				
<i>Naatlo</i> sp.	0	0	1	0
<i>Theridiosoma</i> sp.	0	1	0	0
THOMISIDAE				
<i>Bucranium taurifrons</i> (O. P. Cambridge, 1881)	0	0	1	0
<i>Tobias</i> sp.	1	0	0	0
TRECHALEIDAE				
<i>Rhoicininae</i> sp.	0	0	0	1
ZODARIIDAE				
<i>Tenedos</i> sp.1	5	3	0	1
Abundância (indivíduos adultos)	47	39	34	29
Riqueza observada	23	19	21	18
Número de espécies exclusivas	6	2	8	6

ARANHAS TECEDEIRAS

MSc. Clarissa Machado Pinto Leite

*Instituto de Biologia
Departamento de Ecologia e Biomonitoramento
Universidade Federal da Bahia*

Araneidae

Alpaida delicata
Alpaida truncata
Alpaida urucuca
Araneidae sp. 1
Eriophora fuliginea
Mangora missa
Melychiopharis sp. 1
Metazygia enabla
Micrathena acuta
Micrathena excavata
Micrathena lata
Micrathena macfarlanaei
Micrathena schreiberzi
Micrathena triangularis
Micrathena triangularispinosa
Parawixia sp. 1
Pronous tuberculifer
Spilasma duodecimguttata

Deinopidae

Deinops sp. 1

Linyphiidae

Dubiaranea sp. 1
Exocora sp. 1
Linyphiidae sp. 1

Mysmenidae

Mymena sp. 1
Mysmenopsis sp. 1

Pholcidae

Mesabolivar sp. 1
Metagonia sp. 1
Pholcidae sp. 1

Pisauridae

Architis brasiliensis
Architis tenuis

Scytodidae

Scytodes sp. 1

Synotaxidae

Synotaxus sp. 1

Tetragnathidae

Alcimosphenus sp. 1
Azilia histrio
Azilia sp. 2
Chrysometa sp. 1
Lecucauge sp. 1
Opas sp. 1

Theridiidae

Achaeranea sp. 1
Anelosimus sp. 1
Argyrodes sp. 1
Chrosiothes sp. 1
Chrysso sp. 1
Dipoena sp. 1
Dipoena sp. 2
Dipoena aff. *militaris*
Echinotheridion sp. 1
Episinus gr. *cognatus*
Episinus sp. 1
Rhomphaea sp. 1
Spintharus *gracilis*
Theridion sp. 1
Theridion sp. 2
Theridion sp. 3
Theridiidae sp. 1
Theridiidae sp. 2
Thwaitesia sp. 1
Tidarren sp. 1

Theridiosomatidae

Cthonus sp. 1
Ogulnius sp. 1
Plato sp. 1
Theridiosomatidae sp. 1

Uloboridae

Miagrammopes sp. 1
Uloborus sp. 1

BORBOLETAS FRUGÍVORAS
(*Nymphalidae*)

Dra. Elaine C. C. Cambuí, Dr. Rodrigo N. Vasconcelos & Dr. B. F. Viana

Instituto de Biologia
Departamento de Ecologia e Biomonitoramento
Universidade Federal da Bahia

BIBLIDINAE

- Biblis hyperia* (Cramer, 1780)
Callicore pygas cyllene (Doubleday, 1847)
Catonephele acontius (Linnaeus, 1771)
Catonephle numilia (Hewitson, 1852)
Eunica tatila (Rerrich-Schäffer, 1855)
Diaethria clymena janera (Felder, 1862)
Hamadryas amphinome (Linnaeus, 1767)
Hamadryas arinome (Lucas, 1853)
Hamadryas februa (Hübner, 1823)
Hamadryas feronia (Linnaeus, 1758)
Hamadryas laodamia (Cramer, [1777])
***Hamadryas epinome* (Hübner, 1806)**
Myscelia orsis (Linnaeus, 1758)
Temenis laothoe (Cramer, 1777)

BRASSOLINAE

- Caligo brasiliensis* (Felder, 1862)
Caligo idomeneus (Linnaeus, 1758)
Caligo illioneus (Cramer, 1776)
Caligo teucer (Linnaeus, 1758)
Catoblepia amphirhoe (Hübner, 1822)
Eryphanis polyxena (Meerburg, 1775)
Opsiphanis cassiae (Linnaeus, 1758)
Opsiphanis invirae (Hüner, 1818)
Opsiphanis quiteria (Stoll, 1780)

CHARAXINAE

- Agrias claudina* (Godart, 1824)

Archaeoprepona amphimachus (Fabricius, 1775)
Archaeoprepona demphon (Linnaeus, 1758)
Archaeoprepona demphoon (Hübner, 1819)
Fountainea ryphea (Cramer, 1775)
Hypna clytemnestra (Cramer, 1777)
Memphis appias (Hübner, 1825)
Memphis moruus (Fabricius, 1775)
Memphis sp (Boisduval, 1870)
Prepona laertes (Hübner, [1811])
Prepona pheridamas (Cramer, [1777])
Siderone galanthis (Cramer, 1775)
Zaretis itys (Cramer, 1777)

MORPHINAE

Antirrhea archaea (Hübner, 1822)
Morpho helenor (Cramer, 1776)
Morpho menelaus (Linnaeus, 1758)
Morpho telemachus (Linnaeus, 1758)

NYMPHALINAE

Colobura dirce (Billberg, 1820)
Historis acheronta (Fabricius, 1775)
Historis odius (Fabricius, 1775)
Tigridia acesta (Linnaeus, 1758)

SATYRINAE

Caeruleuptychia brixius (Godart, 1824)
Capronnieria galesus (Godart, 1824)
Cepheuptychia cephus (Fabricius, 1775)
Chloreuptychia arnaea (Fabricius, 1776)
Chloreuptychia chlorineme (Hübner, 1819)
Chloreuptychia herseis (Godart, 1824)
Cissia occypede (Fabricius, 1777)
Cissia terrestris (Butler, 1867)
Erichtodes erchto (Butler, 1866)
Haetera piera (Linnaeus, 1758)

Hermeuptychia fallax (Felder)
Hermeuptychia hermes (Fabricius, 1775)
Magneuptychia alcinoe (C. & R. Felder, 1867)
Magneuptychia lea (Cramer, [1780])
Magneuptychia libye (Linnaeus, 1767)
Pareuptychia ocirrhoe (Fabricius, 1776)
Paryphthimoides poltys (Prittwitz, 1865)
Paryphthimoides phronius (Godart, 1923)
Pharneuptychia pharella (Butler, 1866)
Pharneuptychia sp1 (Forster, 1964)
Pharneuptychia sp2 (Forster, 1964)
Pharneuptychia sp3 (Forster, 1964)
Pierella lamia (Sulzer, 1776)
Pierella lena (Linnaeus, 1767)
Pseudodebis eptychidia (Butler, 1868)
Pseudodebis Valentina (Cramer, [1780])
Satyrinae sp
Splendeuptychia ambra (Weymer, 1911)
Taygetis celia (Cramer 1782)
Taygetis echo (Cramer, [1775])
Taygetis laches (Fabricius, 1793)
Taygetis mermeria (Cramer, {1776})
Taygetis rectifascia (Weymer, 1907)
Taygetis rufomarginata (Staudinger, 1888)
Taygetis sosis (Hopffer, 1874)
Taygetis sp1 (Hübner, [1819])
Taygetis virgilia (Cramer, 1776)
Yphthimoides renata (Cramer, [1780])
Yphthimoides sp1 (Forster, 1964)
Yphthimoides sp2 (Forster, 1964)

CUPINS

MSc. Edivan Dias de Assunção & Dr. Jucelho Dantas da Cruz

*Departamento de Biologia
Laboratório de Entomologia-LENT-
Universidade Estadual de Feira de Santana*

Espécies de cupins registradas em manguezais da REM

Morfoespécies	Transecto					Gênero	Subfamília	Família
	1	2	3	4	5			
<i>Nasutitermes</i> sp1	2	1	3	3	2	<i>Nasutitermes</i>	Nasutitermitinae	Termitidae
<i>Nasutitermes</i> sp2		1		1	2	<i>Nasutitermes</i>	Nasutitermitinae	Termitidae
<i>Termes</i> sp			2			<i>Termes</i>	Termitinae	Termitidae

FORMIGAS

(Hymenoptera – Formicidae)

MSc. Janete J. Resende¹, Dr. Gilberto M. de M. Santos¹, Dr. Ivan C. do Nascimento² & Dr. Jacques H. C. Delabie^{3,4}

¹*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)*

²*Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia (UESB – Jequié)*

³*Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)*

⁴*Lab. de Mirmecologia
Centro de Pesquisa do Cacau (CEPEC/CEPLAC).*

Subfamília Amblyoponinae

Amblyopone sp.1

Amblyopone lurilabes

Prionopelta sp.1

Prionopelta sp.2

Prionopelta antilona

Subfamília Cerapachyinae

Cerapachys sp.

Subfamília Dolichoderinae

Azteca sp.1

Azteca sp.2

Azteca sp.3

Azteca sp.4

Dolichoderus imitator

Dolichoderus sp.1

Dorymyrmex sp.1

Linepithema sp.1

Linepithema sp.2

Tapinoma sp.1

Subfamília Ectatomminae

Ectatomma brunneum

Ectatomma tuberculatum

Ectatomma edentatum

Ectatomma sp.1

Gnamptogenys sp.1

Gnamptogenys sp.2

Gnamptogenys sp.3

Gnamptogenys sp.4

Gnamptogenys sp.5

Gnamptogenys sp.6

Subfamília Formicinae

Acropyga sp.1

Acropyga sp.2

Brachymyrmex sp.1

Brachymyrmex sp.2

Brachymyrmex sp.3

Brachymyrmex sp.4

Brachymyrmex sp.5

Camponotus sp.1

Camponotus sp.2

Camponotus sp.3

Camponotus sp.4
Camponotus sp.5
Camponotus sp.6
Camponotus sp.7
Camponotus sp.8
Camponotus sp.9
Nylanderia (Paratrechina) sp.1
Nylanderia (Paratrechina) sp.2
Nylanderia (Paratrechina) sp.3
Nylanderia (Paratrechina) sp.4
Subfamília Heteroponerinae
Heteroponera sp.
Subfamília Myrmicinae
Apterostigma sp.1
Apterostigma sp.2
Apterostigma sp.3
Apterostigma sp.4
Basiceros (Octostruma) sp.1
Basiceros (Octostruma) sp.2
Basiceros (Octostruma) sp.3
Basiceros (Octostruma) sp.4
Basiceros (Octostruma) stenognatha
Blepharidatta sp.
Carebara (Oligomyrmex) sp.1
Carebara (Oligomyrmex) sp.2
Carebara (Oligomyrmex) sp.3
Carebara panamensis
Carebara pilosa
Carebara urichi
Cephalotes atratus
Cephalotes sp.1
Cephalotes sp.2
Crematogaster sp.1
Crematogaster sp.2
Crematogaster sp.3
Crematogaster sp.4
Crematogaster sp.5
Crematogaster sp.6
Cyphomyrmex peltatus
Cyphomyrmex sp.1
Cyphomyrmex sp.2
Cyphomyrmex sp.3
Cyphomyrmex sp.4
Cyphomyrmex sp.5
Hylomyrma immamis
Hylomyrma sagax
Hylomyrma sp.1
Hylomyrma sp.2
Labidus coecus
Megalomyrmex drifti
Megalomyrmex goeldi
Megalomyrmex sp.1
Megalomyrmex sp.2
Monomorium floricula

Mycocepurus smithi
Mycocepurus sp.1
Myrmicocrypta sp.1
Myrmicocrypta sp.2
Pheidole sp.1
Pheidole sp.2
Pheidole sp.3
Pheidole sp.4
Pheidole sp.5
Pheidole sp.6
Pheidole sp.7
Pheidole sp.8
Pheidole sp.9
Pheidole sp.10
Pheidole sp.11
Pheidole sp.12
Pheidole sp.13
Pheidole sp.14
Pheidole sp.15
Pheidole sp.16
Pheidole sp.17
Pheidole sp.18
Pheidole sp.19
Pheidole sp.20
Pheidole sp.21
Pheidole sp.22
Pheidole sp.23
Pheidole sp.24
Pheidole sp.25
Pheidole sp.26
Pheidole sp.27
Pheidole sp.28
Pheidole sp.29
Pheidole sp.30
Rhopalotrix sp.1
Sericomyrmex bondari
Sericomyrmex sp.1
Sericomyrmex sp.2
Sericomyrmex sp.3
Solenopsis sp.1
Solenopsis sp.2
Solenopsis sp.3
Solenopsis sp.4
Solenopsis sp.5
Solenopsis sp.6
Solenopsis sp.7
Solenopsis sp.8
Solenopsis virulens
Stegomyrmex sp.
Strumigenys elongata
Strumigenys perpava
Strumigenys rugithorax
Strumigenys sp.1
Strumigenys sp.2
Strumigenys sp.3

- Strumigenys* sp.4
Strumigenys sp.5
Strumigenys sp.6
Strumigenys sp.7
Strumigenys sp.8
Strumigenys sp.9
Strumigenys sp.10
Strumigenys sp.11
Strumigenys sp.12
Strumigenys sp.13
Strumigenys sp.14
Strumigenys sp.15
Strumigenys sp.16
Strumigenys subdentada
Trachymyrmex sp.1
Trachymyrmex sp.2
Trachymyrmex sp.3
Tranopelta *gilva*
Wasmannia *europunctata*
Wasmannia sp.1
Wasmannia sp.2
Wasmannia sp.3
Wasmannia sp.4
Subfamília Ponerinae
Anochetus sp.1
Anochetus sp.2
Anochetus sp.3
Hypoponera sp.1
Hypoponera sp.2
Hypoponera sp.3
Hypoponera sp.4
Hypoponera sp.5
Hypoponera sp.6
Hypoponera sp.7
Leptogenys sp.1
Odontomachus *haematodus*
Odontomachus *meinerti*
Pachycondyla *apicalis*
Pachycondyla *bucki*
Pachycondyla *constricta*
Pachycondyla *complexo villosa*
Pachycondyla *crassinoda*
Pachycondyla *harpax*
Pachycondyla *striata*
Pachycondyla *venusta*
Pachycondyla *verenae*
Pachycondyla *villosa inversa*
Pachycondyla sp.1
Pachycondyla sp.2
Subfamília Proceratiinae
Discothyrea sp1
Subfamília Pseudomyrmecinae
Pseudomyrmex sp.1

FORMIGAS

Dr. Marcelo Peres

Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal (ECOA/UCSal)
Professor Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social
Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UCSal)
Universidade Católica do Salvador

Frequência (0- 100%, n = 18) das espécies de formigas na Mata da Vila Cinco - Reserva Ecológica Michelin (Igrapiúna- Bahia). ZR= zona de raiz, ZT= zona de tronco e ZC= zona de copa. Dados coletados em maio de 2009.

	ZC	ZR	ZT	Geral
AMBLYOPONINAE				
<i>Prionopelta antillana</i> Forel 1909	-	-	11	11
DOLICHODERINAE				
<i>Dolichoderus imitator</i> (Emery 1894)	-	6	6	11
<i>Tapinoma melanocephalum</i> (Fabricius 1793)	6	-	-	6
ECTATOMMINAE				
<i>Gnamptogenys mediatrix</i> Brown 1958	6	-	-	6
<i>Gnamptogenys moelleri</i> (Forel 1912)	-	-	6	6
<i>Gnamptogenys regularis</i> Mayr 1870	6	-	-	6
FORMICINAE				
<i>Nylanderia fulva</i> (Mayr 1862)	22	22	11	56
<i>Nylanderia guatemalensis</i> (Forel 1885)	11	11	6	28
MYRMICINAE				
<i>Acanthognathus ocellatus</i> Mayr, 1887	6	-	-	6
<i>Apterostigma andense</i> Lattke 1977	-	-	6	6
<i>Apterostigma auriculatum</i> Wheeler 1925	6	-	-	6
<i>Apterostigma urichi</i> Forel 1893	-	-	6	6
<i>Basiceros balzani</i> (Emery 1894)	-	-	6	6
<i>Carebara</i> sp.	-	6	-	6
<i>Crematogaster limata</i> Smith 1858	22	6	-	28

<i>Crematogaster victimia</i> Smith 1858	-	6	-	6
<i>Cyphomyrmex minutus</i> Mayr 1862	6	11	6	22
<i>Cyphomyrmex transversus</i> Emery 1894	6	-	-	6
<i>Hylomyrma immanis</i> Kempf 1973	-	-	6	6
<i>Megalomyrmex drifti</i> Kempf 1961	11	-	6	17
<i>Megalomyrmex goeldii</i> (Forel 1912)	6	17	6	28
<i>Mycocepurus smithii</i> (Forel 1893)	-	6	-	6
<i>Pheidole arhuaca</i> Forel 1901	6	-	-	6
<i>Pheidole flavens</i> Roger 1863	11	11	22	44
<i>Pheidole midas</i> Wilson 2003	11	6	6	22
<i>Pheidole pholeops</i> Wilson 2003	-	-	6	6
<i>Pheidole sospes</i> Forel 1908	6	6	-	11
<i>Pheidole</i> gp. <i>flavens</i> sp.3	-	6	6	11
<i>Pheidole</i> gp. <i>tristis</i> sp.4	17	-	22	39
<i>Pheidole</i> gp. <i>fallax</i> sp.5	6	-	-	6
<i>Pheidole</i> gp. <i>fallax</i> sp.6	6	-	6	11
<i>Sericomyrmex</i> sp.1	11	-	-	11
<i>Solenopsis</i> sp.1	6	6	-	11
<i>Solenopsis</i> sp.2	-	6	6	11
<i>Solenopsis</i> sp.3	-	17	6	22
<i>Solenopsis</i> sp.4	11	-	-	11
<i>Solenopsis virulens</i> (Smith 1858)	-	-	6	6
<i>Strumigenys denticulata</i> Mayr 1887	17	11	11	39
<i>Strumigenys eggersi</i> Emery 1890	6	-	-	6
<i>Strumigenys elongata</i> Roger 1863	6	-	-	6
<i>Trachymyrmex</i> sp.1	6	-	-	6
<i>Wasemannia lutzii</i> Forel 1908	-	6	6	11
PONERINAE				
<i>Hypoponera foreli</i> (Mayr 1887)	6	6	1	11
<i>Hypoponera</i> sp.1	-	11	6	17

<i>Hypoponera</i> sp.2	6	-	6	11
<i>Hypoponera</i> sp.3	11	11	-	22
<i>Odontomachus haematodus</i> (Linnaeus 1758)	6	11	6	22
<i>Odontomachus meinerti</i> Forel 1905	6	11	11	28
<i>Pachycondyla constricta</i> (Mayr 1884)	6	-	-	6
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius 1804)	11	6	-	17
<i>Pachycondyla laevigata</i> (Smith 1858)	6	-	6	11
<i>Pachycondyla venusta</i> (Forel 1912)	-	-	6	6
Riqueza em espécies	34	24	29	52

FORMIGAS

Dr. Marcelo Peres

*Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal (ECOA/UCSal) Professor
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social
Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UCSal)
Universidade Católica do Salvador*

Frequência (0- 100%, n = 120 amostras) das espécies de formigas de serrapilheira na Mata da Vila Cinco - Reserva Ecológica Michelin - REM (Igrapiúna- Bahia). CN= clareira natural, MM= mata madura adjacente e MB= mata de borda. Dados coletados entre julho de 2009 e outubro de 2010.

	CN	MM	MB	REM
AMBLYOPONINAE				
<i>Amblyopone agostii</i> (Lacau & Delabie 2002)	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Amblyopone lurilabes</i> (Lattke 1991)	0.8	0.8	0.0	1.7
<i>Amblyopone</i> sp.1	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Prionopelta</i> sp.1	5.8	9.2	4.2	19.2
CERAPACHYINAE				
<i>Cerapachys splendens</i> (Borgmeier 1957)	0.0	0.0	0.8	0.8
DOLICHODERINAE				
<i>Azteca chartifex spiriti</i> Forel 1912	4.2	0.0	0.8	5.0
<i>Dolichoderus imitator</i> Emery 1894	5.8	1.7	4.2	11.7
<i>Dolichoderus lutosus</i> (Fr. Smith 1858)	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Dorymyrmex</i> sp.1	0.0	0.8	0.8	1.7
ECITONINAE				
<i>Labidus coecus</i> (Latreille 1802)	0.0	0.8	0.0	0.8
<i>Neivamyrmex</i> sp.1	0.0	0.0	0.8	0.8
ECTATOMMINAE				
<i>Ectatomma edentatum</i> Roger 1863	2.5	0.0	0.0	2.5
<i>Ectatomma tuberculatum</i> (Olivier 1791)	0.0	0.0	2.5	2.5
<i>Gnamptogenys acuminata</i> (Emery 1896)	0.8	0.8	0.0	1.7
<i>Gnamptogenys mina</i> (Brown 1956)	5.0	1.7	1.7	8.3

<i>Gnamptogenys moelleri</i> (Forel 1912)	0.8	1.7	2.5	5.0
<i>Gnamptogenys</i> sp.1	3.3	5.0	3.3	11.7
<i>Gnamptogenys</i> sp.2	0.8	0.8	1.7	3.3

Tabela 5 – continuação

	CN	MM	MB	REM
FORMICINAE				
<i>Acropyga fuhrmanni</i> (Forel 1914)	8.3	5.8	8.3	22.5
<i>Brachymyrmex heeri</i> Forel 1874	2.5	2.5	4.2	9.2
<i>Brachymyrmex</i> sp.1	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Brachymyrmex</i> sp.2	0.8	0.8	0.8	2.5
<i>Camponotus (Hypercolobopsis)</i> sp.1	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Camponotus (Myrmaphaenus)</i> sp.3	0.8	0.0	0.0	0.8
<i>Camponotus (Tanaemyrmex)</i> sp.2	0.8	0.0	0.8	1.7
<i>Camponotus bidens</i> Mayr 1870	1.7	0.0	0.8	2.5
<i>Camponotus melanoticus</i> Emery, 1894	0.8	0.0	0.0	0.8
<i>Camponotus novogranadensis</i> Mayr 1870	2.5	0.8	3.3	6.7
<i>Nylanderia guatemalensis</i> (Forel 1885)	25.0	31.7	20.8	77.5
<i>Nylanderia</i> sp.1	23.3	16.7	15.0	55.0
<i>Nylanderia</i> sp.2	7.5	6.7	5.8	20.0
<i>Nylanderia</i> sp.3	4.2	6.7	2.5	13.3
MYRMICINAE				
<i>Acanthognathus ocellatus</i> Mayr 1887	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Apterostigma acre</i> Lattke 1997	6.7	10.0	6.7	23.3
<i>Apterostigma epinotale</i> Weber 1937	0.0	0.8	0.0	0.8
<i>Apterostigma</i> sp.1	2.5	4.2	1.7	8.3
<i>Apterostigma</i> sp.2	1.7	0.8	3.3	5.8
<i>Apterostigma</i> sp.3	1.7	0.8	2.5	5.0
<i>Apterostigma tachirensense</i> Lattke 1997	0.0	0.8	0.8	1.7
<i>Basiceros balzani</i> (Emery 1894)	14.2	10.0	11.7	35.8
<i>Basiceros jheringhi</i> (Emery 1888)	2.5	2.5	2.5	7.5

<i>Basiceros petiolata</i> (Mayr 1887)	0.0	1.7	0.0	1.7
<i>Basiceros rugifera</i> (Mayr 1887)	0.8	0.8	0.0	1.7
<i>Blepharidatta</i> sp.1	3.3	1.7	4.2	9.2
<i>Cardiocondyla minutior</i> Forel 1899	0.0	0.0	1.7	1.7

Tabela 5 – continuação

	CN	MM	MB	REM
<i>Carebara</i> sp.1	1.7	0.0	0.0	1.7
<i>Carebara urichi</i> (Wheeler 1922)	1.7	0.0	0.8	2.5
<i>Carebarella</i> sp.1	0.8	0.8	0.0	1.7
<i>Crematogaster acuta</i> (Fabricius 1804)	0.8	0.0	0.0	0.8
<i>Crematogaster carinata</i> Mayr 1862	1.7	0.8	1.7	4.2
<i>Crematogaster limata</i> Fr. Smith 1858	10.0	10.8	8.3	29.2
<i>Crematogaster longispina</i> Emery 1890	3.3	5.0	5.0	13.3
<i>Crematogaster victimia</i> Smith 1858	4.2	0.8	2.5	7.5
<i>Cyphomyrmex peltatus</i> Kempf 1965	6.7	3.3	10.8	20.8
<i>Cyphomyrmex rimosus</i> (Spinola 1853)	10.8	10.0	18.3	39.2
<i>Cyphomyrmex transversus</i> Emery 1894	8.3	5.0	5.0	18.3
<i>Hylomyrma immanis</i> Kempf 1973	4.2	7.5	8.3	20.0
<i>Hylomyrma</i> sp.1	0.0	1.7	1.7	3.3
<i>Megalomyrmex drifti</i> Kempf 1961	0.8	0.8	0.0	1.7
<i>Megalomyrmex iheringhi</i> Forel 1911	10.8	9.2	5.0	25.0
<i>Megalomyrmex</i> sp.1	5.8	5.8	0.8	12.5
<i>Monomorium floricola</i> (Jerdon 1852)	3.3	0.8	0.8	5.0
<i>Mycocepurus smithii</i> (Forel 1893)	14.2	12.5	13.3	40.0
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.1	24.2	20.0	21.7	65.8
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.10	5.8	5.0	5.0	15.8
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.11	0.8	0.8	0.0	1.7
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.2	10.8	10.8	5.0	26.7
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.7	20.0	16.7	20.0	56.7
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.8	0.8	0.0	0.0	0.8
<i>Pheidole</i> (complexo flavens) sp.9	0.0	0.0	0.8	0.8

<i>Pheidole</i> (complexo tristis) sp.3	2.5	2.5	3.3	8.3
<i>Pheidole</i> (grupo diligens) sp.12	1.7	0.0	1.7	3.3
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.13	4.2	3.3	8.3	15.8
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.14	4.2	6.7	2.5	13.3

Tabela 5 – continuaç \tilde{a} o

	CN	MM	MB	REM
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.15	2.5	2.5	3.3	8.3
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.17	1.7	0.8	0.8	3.3
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.18	1.7	0.0	3.3	5.0
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.4	2.5	0.8	1.7	5.0
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.5	1.7	2.5	1.7	5.8
<i>Pheidole</i> (grupo fallax) sp.6	0.0	2.5	0.0	2.5
<i>Pheidole</i> (grupo flavens) sp.23	2.5	1.7	0.0	4.2
<i>Pheidole</i> (grupo tristis) sp.19	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Pheidole</i> (grupo tristis) sp.20	0.0	1.7	3.3	5.0
<i>Pheidole</i> (grupo tristis) sp.21	3.3	5.8	2.5	11.7
<i>Pheidole</i> (grupo tristis) sp.22	1.7	0.8	0.0	2.5
<i>Pheidole fimbriata</i> Roger 1863	0.0	0.8	3.3	4.2
<i>Pheidole</i> (grupo tristis) sp.16	0.8	1.7	1.7	4.2
<i>Pheidole midas</i> Wilson 2003	4.2	9.2	9.2	22.5
<i>Pheidole radoszkowskii</i> Mayr, 1884	11.7	7.5	6.7	25.8
<i>Rogeria subarmata</i> (Kempf 1961)	0.0	0.0	1.7	1.7
<i>Sericomyrmex</i> sp.1	3.3	2.5	1.7	7.5
<i>Sericomyrmex</i> sp.2	0.8	1.7	0.8	3.3
<i>Sericomyrmex</i> sp.3	5.0	10.8	3.3	19.2
<i>Sericomyrmex</i> sp.4	10.0	4.2	5.0	19.2
<i>Solenopsis geminata</i> (Fabricius 1804)	0.0	1.7	0.0	1.7
<i>Solenopsis</i> sp.1	10.0	7.5	11.7	29.2
<i>Solenopsis</i> sp.2	1.7	2.5	2.5	6.7
<i>Solenopsis</i> sp.3	11.7	19.2	10.8	41.7
<i>Solenopsis</i> sp.4	4.2	5.0	2.5	11.7

<i>Solenopsis</i> sp.5	1.7	0.0	1.7	3.3
<i>Solenopsis virulens</i> (Fr. Smith 1858)	8.3	10.0	5.8	24.2
<i>Stegomyrmex olindae</i> Brandão & Diniz 2008	0.8	4.2	0.0	5.0
<i>Strumigenys alberti</i> (Forel 1893)	0.0	4.2	0.0	4.2

Tabela 5 – continuaç˜ao

	CN	MM	MB	REM
<i>Strumigenys denticulata</i> Mayr 1887	24.2	15.0	16.7	55.8
<i>Strumigenys diabola</i> Bolton 2000	0.0	1.7	0.0	1.7
<i>Strumigenys eggersi</i> Emery 1890	4.2	2.5	3.3	10.0
<i>Strumigenys elongata</i> Roger 1863	0.8	5.8	1.7	8.3
<i>Strumigenys propiciens</i> Emery 1906	0.0	0.8	0.8	1.7
<i>Strumigenys rugithorax</i> (Kempf 1859)	0.0	2.5	0.0	2.5
<i>Strumigenys</i> sp.1	0.0	0.8	0.0	0.8
<i>Strumigenys</i> sp.2	0.0	0.0	2.5	2.5
<i>Strumigenys</i> sp.3	0.0	2.5	0.0	2.5
<i>Strumigenys spathula</i> (Lattke & Goitā 1997)	0.0	0.8	0.0	0.8
<i>Trachymyrmex cornetzi</i> (Forel 1912)	13.3	11.7	10.8	35.8
<i>Trachymyrmex</i> sp.1	0.0	0.8	1.7	2.5
<i>Trachymyrmex</i> sp.2	0.0	0.0	1.7	1.7
<i>Trachymyrmex</i> sp.3	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Trachymyrmex</i> sp.4	0.8	0.0	0.8	1.7
<i>Wasmannia auropunctata</i> (Roger 1863)	14.2	13.3	17.5	45.0
<i>Wasmannia lutzi</i> Forel 1908	0.8	0.8	1.7	3.3

PONERINAE

<i>Hypoponera foreli</i> (Mayr 1887)	4.2	3.3	3.3	10.8
<i>Hypoponera</i> sp.1	5.0	6.7	5.0	16.7
<i>Hypoponera</i> sp.2	0.8	0.8	0.8	2.5
<i>Hypoponera</i> sp.3	0.0	1.7	0.8	2.5
<i>Hypoponera</i> sp.4	5.8	7.5	8.3	21.7
<i>Hypoponera</i> sp.5	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Hypoponera</i> sp.6	0.8	0.0	0.8	1.7

<i>Hypoponera</i> sp.7	0.8	0.0	0.8	1.7
<i>Hypoponera</i> sp.8	1.7	4.2	0.8	6.7
<i>Odontomachus haematodus</i> (Linnaeus 1758)	5.8	5.8	3.3	15.0
<i>Odontomachus meinerti</i> Forel 1905	11.7	9.2	10.8	31.7

Tabela 5 – continuaçāo

	CN	MM	MB	REM
<i>Pachycondyla bucki</i> (Borgmeier 1928)	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Pachycondyla concava</i> Mackay & Mackay 2010	6.7	7.5	10.0	24.2
<i>Pachycondyla constricta</i> (Mayr 1861)	5.8	5.8	5.0	16.7
<i>Pachycondyla crassinoda</i> (Latrelle 1802)	0.8	0.8	0.8	2.5
<i>Pachycondyla ferruginea</i> (Fr. Smith 1858)	0.8	0.0	0.0	0.8
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius 1804)	4.2	10.8	6.7	21.7
<i>Pachycondyla schultzi</i> Mackay & Mackay 2010	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Pachycondyla stigma</i> (Fabricius, 1804)	0.0	0.0	1.7	1.7
<i>Thaumatomyrmex</i> sp.1	0.0	0.8	0.0	0.8
PSEUDOMYRMECINAE				
<i>Pseudomyrmex rochai</i> Forel 1912	0.0	0.0	0.8	0.8
<i>Pseudomyrmex tenuis</i> (Fabricius 1804)	3.3	0.0	0.0	3.3
<i>Pseudomyrmex termitarius</i> Fr. Smith 1855	1.7	0.0	0.0	1.7
Riqueza em espécies	102	103	113	143

FORMIGAS

MSc. Kátia Benati

Bióloga, M. Sc. em Ecologia e Biomonitoramento

Doutoranda em Ecologia - UFBA

Pesquisadora do Centro de Ecologia e Conservação Animal - ECOA

ICB/UCSal

Frequência de ocorrência (0-100%; N= 400) das espécies de formigas de serrapilheira em um gradiente de sucessão de dois remanescentes (Mata da Vila 5 e Mata do Pacangê) da Reserva Ecológica da Michelin (Itubera-Igrapiuna, BA). *Obs.:* FSJ= Floresta Secundária Jovem, FST= Floresta Secundária Tardia, FCM= Floresta com Corte Intensivo de Madeira; FM= Floresta Madura.

	FSJ	FST	FCM	FM
AMBLYOPONINAE				
<i>Prionopelta</i> sp.1	4	3	2	4
<i>Stigmatomma agostii</i> (Lacau & Delabie, 2002)	1	0	1	1
DOLICHODERINAE				
<i>Dolichoderus imitador</i> Emery, 1894	3	8	3	7
<i>Dolichoderus lutosus</i> (F. Smith, 1858)	4	8	8	6
<i>Tapinoma</i> sp.1	1	0	0	0
<i>Tapinoma</i> sp.2	0	0	0	1
ECTATOMMINAE				
<i>Ectatomma edentatum</i> Roger, 1863	3	0	0	2
<i>Gnamptogenys moelleri</i> (Forel, 1912)	3	3	1	2
<i>Gnamptogenys mordax</i> (F. Smith, 1858)	2	5	7	1
<i>Gnamptogenys nana</i> Kempf, 1960	0	0	1	2
<i>Gnamptogenys rastrata</i> Mayr, 1866	5	3	2	4
<i>Gnamptogenys striatula</i> Mayr, 1884	6	4	2	2
FORMICINAE				
<i>Acropyga decadens</i> (Mayr, 1887)	1	0	5	0
<i>Acropyga fuhrmanni</i> (Forel, 1914)	1	0	1	1
<i>Brachymyrmex heeri</i> Forel, 1874	0	1	8	6
<i>Brachymyrmex patagonicus</i> Mayr, 1868	3	6	4	1
<i>Brachymyrmex</i> sp.1	0	2	1	0
<i>Camponotus (Myrmobrachys)</i> sp.1	0	0	1	0
<i>Camponotus atriceps</i> (F. Smith, 1858)	0	0	0	1
<i>Camponotus melanoticus</i> Emery, 1894	0	0	2	0
<i>Camponotus novogranadensis</i> Mayr, 1870	0	0	0	1
<i>Nylanderia guatemalensis</i> (Forel, 1885)	8	28	16	14
<i>Nylanderia</i> sp.1	23	35	34	15
<i>Nylanderia</i> sp.2	20	13	21	13
<i>Nylanderia</i> sp.3	0	2	1	0
<i>Nylanderia</i> sp.4	3	3	3	0

HETEROPONERINAE

<i>Heteroponera mayri</i> Kempf, 1962	0	0	1	0
MYRMICINAE				
<i>Acromyrmex rugosus</i> (F. Smith, 1858)	0	0	0	4
<i>Apterostigma acre</i> Lattke, 1997	6	9	3	6
<i>Apterostigma auriculatum</i> Wheeler, 1925	0	1	2	1
<i>Apterostigma ierense</i> Weber, 1937	1	4	4	1
<i>Apterostigma pilosum</i> Mayr, 1865	0	0	4	0
<i>Apterostigma</i> sp.2	5	3	2	2
<i>Apterostigma tachirensis</i> Lattke, 1997	1	0	0	0
<i>Basiceros disciger</i> (Mayr, 1887)	0	0	0	3
<i>Blepharidatta</i> sp.	0	3	8	0
<i>Cardiocondyla obscurior</i> Wheeler, 1929	1	0	0	0
<i>Carebara</i> sp.1	0	1	0	0
<i>Carebara</i> sp.2	0	1	0	0
<i>Carebara urichi</i> (Wheeler, 1922)	3	0	1	0
<i>Cephalotes atratus</i> (Linnaeus, 1758)	0	1	0	0
<i>Crematogaster acuta</i> (Fabricius, 1804)	1	0	0	0
<i>Crematogaster carinata</i> Mayr, 1862	0	4	3	0
<i>Crematogaster distans</i> Mayr, 1870	3	2	5	3
<i>Crematogaster erecta</i> Mayr, 1866	0	1	1	0
<i>Crematogaster</i> sp.1	0	0	1	0
<i>Crematogaster tenuicula</i> Forel, 1904	1	8	2	4
<i>Cryptomyrmex boltoni</i> (Fernández, 2003)	4	6	4	3
<i>Cyphomyrmex peltatus</i> Kempf, 1966	1	6	1	5
<i>Cyphomyrmex rimosus</i> (Spinola, 1853)	7	13	13	5
<i>Cyphomyrmex transversus</i> Emery, 1894	13	8	13	5
<i>Hylomyrma immanis</i> Kempf, 1973	4	13	6	3
<i>Hylomyrma sagax</i> Kempf, 1973	4	11	5	4
<i>Megalomyrmex drifti</i> Kempf, 1961	2	0	0	0
<i>Megalomyrmex goeldii</i> Forel, 1912	2	6	2	2
<i>Megalomyrmex pusillus</i> Forel, 1912	4	5	9	2
<i>Megalomyrmex silvestrii</i> Wheeler, 1909	2	4	7	3
<i>Mycocepurus goeldii</i> (Forel, 1893)	1	7	4	6
<i>Myrmicocrypta</i> sp.1	1	2	7	3
<i>Ochetomyrmex neopolitus</i> Fernandez, 2003	1	0	1	0
<i>Octostruma balzani</i> (Emery, 1894)	3	3	4	0
<i>Octostruma jheringi</i> (Emery, 1888)	4	0	1	1
<i>Octostruma petiolata</i> (Mayr, 1887)	0	0	0	1
<i>Octostruma rugifera</i> (Mayr, 1887)	0	1	1	0
<i>Octostruma stenognatha</i> Brown & Kempf, 1960	7	18	11	5
<i>Pheidole</i> (complexo <i>Flavens</i>) sp.01	7	27	12	15
<i>Pheidole</i> (complexo <i>Flavens</i>) sp.02	35	39	32	29
<i>Pheidole</i> (complexo <i>Flavens</i>) sp.03	3	1	1	2
<i>Pheidole</i> (complexo <i>Flavens</i>) sp.04	1	4	3	1
<i>Pheidole</i> (complexo <i>Flavens</i>) sp.24	10	18	17	19

<i>Pheidole</i> (complexo <i>Flavens</i>) sp.28	1	5	3	1
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.06	1	0	0	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.07	0	0	1	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.08	0	0	1	1
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.10	5	6	6	5
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.11	6	5	5	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.18	0	1	2	1
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.22	1	3	2	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.31	0	1	1	1
<i>Pheidole</i> (group <i>Diligens</i>) sp.32	2	1	2	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Fallax</i>) sp.14	2	2	2	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Fallax</i>) sp.15	3	1	4	4
<i>Pheidole</i> (group <i>Fallax</i>) sp.17	1	2	1	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Fallax</i>) sp.18	1	2	3	2
<i>Pheidole</i> (group <i>Fallax</i>) sp.19	3	1	0	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Fallax</i>) sp.20	2	2	0	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.05	5	32	14	16
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.09	9	15	13	9
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.12	2	1	0	1
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.13	2	1	2	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.16	6	8	6	4
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.21	6	7	7	1
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.23	3	2	1	2
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.25	1	0	2	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.26	5	3	1	2
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.27	2	4	3	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.29	0	1	0	0
<i>Pheidole</i> (group <i>Tristis</i>) sp.30	1	2	1	0
<i>Pheidole fimbriata</i> Roger, 1863	4	3	2	1
<i>Pheidole midas</i> Wilson, 2003	9	9	5	9
<i>Pheidole radoszkowskii</i> Mayr, 1884	16	12	8	10
<i>Pheidole transversostriata</i> Mayr, 1887	8	5	6	3
<i>Rogeria besucheti</i> Kugler, 1994	0	0	1	0
<i>Rogeria blanda</i> (F. Smith, 1858)	1	0	0	0
<i>Rogeria</i> sp.1	0	1	0	1
<i>Rogeria subarmata</i> (Kempf, 1961)	1	0	1	1
<i>Sericomyrmex</i> sp.1	5	5	6	2
<i>Sericomyrmex</i> sp.2	1	15	4	7
<i>Sericomyrmex</i> sp.3	3	2	1	2
<i>Sericomyrmex</i> sp.4	1	0	2	0
<i>Solenopsis saevissima</i> (F. Smith, 1855)	0	0	1	1
<i>Solenopsis</i> sp.1	5	8	16	10
<i>Solenopsis</i> sp.2	11	23	18	16
<i>Solenopsis</i> sp.3	17	20	16	14
<i>Solenopsis</i> sp.4	10	15	8	7
<i>Solenopsis</i> sp.5	4	3	12	2

<i>Solenopsis virulens</i> (F. Smith, 1858)	6	10	11	3
<i>Stegomyrmex olindae</i> Feitosa, Brandão & Diniz, 2008	7	1	19	1
<i>Strumigenys alberti</i> (Forel, 1893)	0	1	0	0
<i>Strumigenys denticulata</i> Mayr, 1887	27	32	43	28
<i>Strumigenys diabola</i> Bolton, 2000	0	0	0	1
<i>Strumigenys elongata</i> Roger, 1863	2	5	1	1
<i>Strumigenys prospiciens</i> Emery, 1906	0	1	0	0
<i>Strumigenys rugithorax</i> (Kempf, 1959)	0	0	1	0
<i>Strumigenys</i> sp.1	2	1	1	0
<i>Strumigenys</i> sp.2	0	1	0	0
<i>Strumigenys stenotes</i> (Bolton, 2000)	1	0	0	0
<i>Strumigenys subedentata</i> Mayr, 1887	11	15	9	8
<i>Tetramorium simillimum</i> (F. Smith, 1858)	2	2	0	3
<i>Trachymyrmex</i> sp.1	0	3	1	0
<i>Trachymyrmex</i> sp.2	0	1	1	1
<i>Trachymyrmex</i> sp.3	4	9	8	1
<i>Wasmannia auropunctata</i> (Roger, 1863)	13	13	8	11
<i>Wasmannia lutzi</i> Forel, 1908	3	6	6	9
PONERINAE				
<i>Anochetus mayri</i> Emery, 1884	4	6	3	2
<i>Anochetus simoni</i> Emery, 1890	11	9	5	2
<i>Hypoponera foreli</i> (Mayr, 1887)	2	6	1	3
<i>Hypoponera</i> sp.1	2	15	11	13
<i>Hypoponera</i> sp.2	10	22	20	15
<i>Hypoponera</i> sp.3	3	2	5	5
<i>Hypoponera</i> sp.4	0	2	0	3
<i>Hypoponera</i> sp.5	2	1	1	3
<i>Hypoponera</i> sp.6	2	7	3	5
<i>Hypoponera</i> sp.7	8	2	3	7
<i>Odontomachus haematodus</i> (Linnaeus, 1758)	9	17	10	20
<i>Odontomachus meinerti</i> Forel, 1905	7	10	11	12
<i>Pachycondyla arhuaca</i> (Forel, 1901)	6	3	6	7
<i>Pachycondyla bucki</i> (Borgmeier, 1927)	1	0	1	1
<i>Pachycondyla concava</i> MacKay & MacKay, 2010	12	15	4	5
<i>Pachycondyla constricta</i> (Mayr, 1884)	11	12	13	12
<i>Pachycondyla crassinoda</i> (Latreille, 1802)	0	2	1	0
<i>Pachycondyla ferruginea</i> (F. Smith, 1858)	1	1	0	0
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius, 1804)	1	6	2	1
<i>Pachycondyla impressa</i> (Roger, 1861)	0	0	5	1
<i>Pachycondyla prox. magnifica</i>	0	0	1	0
PROCERATIINAE				
<i>Discothyrea sexarticulata</i> Borgmeier, 1954	2	1	1	2
PSEUDOMYRMECINAE				
<i>Pseudomyrmex schuppi</i> (Forel, 1901)	2	2	5	5
Riqueza observada	115	118	127	106
Número de espécies exclusivas	8	6	10	7

GAFANHOTOS
(ORTHOPTERA: ACRIDOIDAE)

Dr. Marcos Gonçalves Lhano, Biól. Eduardo Nogueira Souza Santos, MSc. Daniela Santos,
 Martins Silva & Dr. João Paulo Morselli

Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB)
Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias
Laboratório de Ecologia e Taxonomia de Insetos (LETI)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Superfamília	Família	Subfamília	Espécie ou Morfoespécie
Acridoidea	Acrididae	Acridinae	<i>Eutryxalis filata</i> (Walker, 1870)
Acridoidea	Acrididae	Acridinae	<i>Guaranacris specularis</i> (Bruner, 1906)
Acridoidea	Acrididae	Acridinae	<i>Metaleptea adspersa</i> (Blanchard, 1843)
Acridoidea	Acrididae	Acridinae	<i>Orphula</i> sp. Stål, 1873
Acridoidea	Acrididae	Acridinae	<i>Parorphula graminea</i> Bruner, 1900
Acridoidea	Acrididae	Copiocerinae	<i>Aleuas</i> sp. Stål, 1878
Acridoidea	Acrididae	Copiocerinae	<i>Bucephalacris bucephala</i> (Marschall, 1836)
Acridoidea	Acrididae	Gomphocerinae	<i>Amblytropidia</i> sp. Rehn, 1939
Acridoidea	Acrididae	Gomphocerinae	<i>Orphulella punctata</i> (De Geer, 1773)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Belosacris coccineipes</i> (Bruner, 1906)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Cornops frenatum frenatum</i> (Marschall, 1836)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Leptysma filiformis</i> (Serville, 1838)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Stenacris xanthochlora</i> (Marschall, 1836)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Stenopola bohlsii</i> Giglio-Tos, 1895
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Stenacris</i> sp. Walker, 1870
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Stenopola dorsalis</i> (Thunberg, 1827)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Stenopola puncticeps puncticeps</i> (Stål, 1861)
Acridoidea	Acrididae	Leptysminae	<i>Tucayaca biserrata</i> Roberts, 1977
Acridoidea	Acrididae	Melanoplinae	<i>Baeacris punctulata</i> (Thunberg, 1824)
Acridoidea	Acrididae	Melanoplinae	<i>Ronderosia bergii</i> (Stål, 1878)
Acridoidea	Acrididae	Melanoplinae	<i>Ronderosia</i> sp. Cigliano, 1997
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Abracrini</i> sp. Walker, 1870
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Abracris dilecta</i> Walker, 1870
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Abracris flavolineata</i> (De Geer, 1773)
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Beckeracris</i> sp. Amédégnato & Descamps, 1979
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Eujivarus</i> sp. Bruner, 1911
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Lagidacris straminicola</i> Amédégnato & Descamps, 1979
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Omalotettix obliquus</i> (Thunberg, 1824)
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Pseudovilerna maculicrus</i> Descamps & Amédégnato, 1989
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Pycnosarcus</i> sp. Bolívar, 1906
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Roppacris longicerca</i> Amédégnato & Descamps, 1979
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Seabracris splendiflua</i> Amédégnato & Descamps, 1979
Acridoidea	Acrididae	Ommatolampidinae	<i>Vilerna rugulosa</i> Stål, 1878
Acridoidea	Acrididae	Proctolabinae	<i>Coscineuta</i> sp. (Burmeister, 1838)

Acridoidea	Ommexechidae	Ommexechinae	<i>Descampsacris serrulatum</i> (Thunberg, 1824)
Acridoidea	Ommexechidae	Ommexechinae	<i>Ommexecha virens</i> Serville, 1831
Acridoidea	Romaleidae	Bactrophorinae	<i>Adrolampis</i> sp. Descamps, 1977
Acridoidea	Romaleidae	Romaleinae	<i>Radacridium</i> sp. Carbonell, 1984
Acridoidea	Romaleidae	Romaleinae	<i>Chromacris speciosa</i> (Thunberg, 1824)
Acridoidea	Romaleidae	Romaleinae	<i>Stornophilacris bahiensis</i> Amédégnato & Descamps, 1978
Acridoidea	Romaleidae	Romaleinae	<i>Tropidacris collaris</i> (Stoll, 1813)
Acridoidea	Romaleidae	Romaleinae	<i>Xyleus discoideus discoideus</i> (Serville, 1831)
Eumastacoidea	Eumastacidae	Temnomastacinae	<i>Eutemnomastax saurus</i> (Burr, 1899)
Proscopioidea	Proscopiidae	Proscopiinae	<i>Corynorhynchus hispidus</i> (Klug, 1820)
Proscopioidea	Proscopiidae	Proscopiinae	<i>Proscopia granulata</i> Klug, 1820
Proscopioidea	Proscopiidae	Proscopiinae	<i>Stiphra</i> sp. Brunner von Wattenwyl, 1890
Proscopioidea	Proscopiidae	Proscopiinae	<i>Tetanorhynchus longicornis</i> Bruner, 1913
Tetridoidea	Tetrigidae	Batrachideinae	<i>Halmatettix</i> sp. Hancock, 1909
Tetridoidea	Tetrigidae	Batrachideinae	<i>Tettigidea</i> sp. Scudder, 1862
Tetridoidea	Tetrigidae	Cladonotinae	<i>Cota bispina</i> (Saussure, 1861)
Tetridoidea	Tetrigidae	Metrodorinae	<i>Crimisus</i> sp. Bolívar, 1887

MANTODEA

Dr. Sergio Andena, Eliomar Menezes & Marcos Aragão dos Santos

*Departamento de Ciências Biológicas
Universidade Estadual de Feira de Santana*

Acanthopidae

 Acanthopinae

Acanthops sp.

 Stenophyllinae

Stenophylla sp.

Chaeteessidae

Chaeteessa sp.

Liturgusidae

 Liturgusinae

Liturgusa sp.

Mantidae

 Angelinae

Angela sp.

 Photininae

Cardioptera parva Beier, 1942

Hicetia goeldiana Saussure and Zehntner, 1894

Photina?

 Stagmatopterinae

Stagmatoptera sp.

Thespidae

 Thespinae

Musoniella sp.

MOSCAS das FRUTAS

MSc. Mirian da Silva Santos

*Departamento de Ciências Biológicas
Programa de Zoologia
Universidade Estadual de Santa Cruz*

1. *Anastrepha bahiensis*
2. *Anastrepha dissimilis*
3. *Anastrepha distincta*
4. *Anastrepha fraterculus*
5. *Anastrepha leptozonata*
6. *Anastrepha obliqua*
7. *Anastrepha serpentina*

OPILIÕES

Alessandra Rodrigues Santos de Andrade

Programa de Pós-graduação em Ecologia e Biomonitoramento

Universidade Federal da Bahia

Centro de Ecologia e Conservação Animal

Universidade Católica do Salvador

Família/Subfamília	Espécies	Autor
Família Cosmetidae		
Subfamília Cosmetinae	<i>Flirtea Picta</i> Metavononoides sp.	Perty, 1833
Família Gonyleptidae		
Subfamília Goniosomatinae	<i>Goniosoma</i> sp. <i>Mitogoniella Modesta</i>	Perty, 1833
Subfamília Heteropachylinae	<i>Pseudopucrolia mutica</i> Heteropachylus sp.1 Heteropachylus sp.2 Heteropachylinae sp.	Perty, 1833
Subfamília Pachylinae	Eusarcus sp.1 Eusarcus sp.2 <i>Discocyrtus singularis</i> Pachylinae sp.1 Pachylinae sp.2	Roewer, 1913
Subfamília Tricomatinae	Caramashia sp. Tricomatinae sp.	
Família Kimulidae	Tegipiolus sp.	
Família Samoidea	Samoidea sp.	
Família Stygnidae		
Subfamília Stygninae	Pickeliana sp.1 Pickeliana sp.2 Protimesius sp.	
Família Zalmoxidae	Zalmoxidae sp.1 Zalmoxidae sp.2	

VESPAS

Dr. Sergio Andena, Eliomar Menezes & Marcos Aragão dos Santos

*Departamento de Ciências Biológicas
Universidade Estadual de Feira de Santana*

Táxons	Líquido atrativo	Luminosa	Malaise	Abundancia
Epiponini				
<i>Agelaia angulata</i> (Fabricius, 1804)	X		X	284
<i>Agelaia cajennensis</i> (Fabricius, 1798)	X		X	15
<i>Agelaia myrmecophila</i> (Ducke, 1905)	X		X	112
<i>Angiopolybia pallens</i> (Lepeletier, 1836)	X		X	516
<i>Apoica pallens</i> (Fabricius, 1804)		X		9
<i>Apoica pallida</i> (Oliver, 1791)		X		28
<i>Leipomeles dorsata</i> (Fabricius, 1804)	X		X	5
<i>Polybia bistriata</i> (Fabricius, 1804)	X			
<i>Polybia catillifex</i> Möbius, 1856	X		X	3
<i>Polybia chrysotorax</i> (Lichtenstein, 1796)	X		X	1
<i>Polybia flavitincta</i> Fox, 1898			X	6
<i>Polybia ignobilis</i> (Haliday, 1836)			X	1
<i>Polybia jurinei</i> de Saussure, 1854			X	4
<i>Polybia platycephala sylvestris</i> Richards, 1978	X			
<i>Polybia procellosa dubitata</i> Ducke, 1910*?			X	4
<i>Polybia rejecta</i> (Fabricius, 1798)	X	X	X	5
<i>Polybia rufitarsis rufitarsis</i> Ducke, 1904*			X	19
<i>Polybia signata</i> Ducke, 1910*			X	26
<i>Protopolybia exigua exigua</i> (de Saussure, 1854)	X			1
<i>Protopolybia sedula</i> (de Saussure, 1854)			X	1

Mischocyttarini				2
<i>Mischocyttarus</i> sp. 1	X		X	1
<i>Mischocyttarus</i> sp. 2	X			2
<i>Mischocyttarus</i> sp. 3	X		X	12
<i>Mischocyttarus</i> sp. 4			X	6
<i>Mischocyttarus</i> sp. 5	X		X	1
Polistini				1
<i>Polistes melanossoma</i> de Saussure, 1853	X		X	1
Total	563	38	465	1066

*Novos registros para região de Mata Atlântica no Estado da Bahia.

Anexo 3

Lista das Espécies dos Fungos

FUNGOS ASSOCIADOS às ESPECIES HOSPEDEIRAS

Dr. Danilo Batista Pinho

*Departamento de Fitopatologia
Laboratório Patologia de Sementes e Pós-colheita
Universidade Federal de Viçosa*

Código	Espécie Fúngica	Nome Científico Hospedeiras	das	Nome Comum	Família
4	<i>Hemibeltrania</i>	<i>Ocotea</i> sp.			Lauraceae
5	<i>Mycosphaerella</i>				
6	<i>Asterina</i>	<i>Henriettea succosa</i>		Mundururu ferro	Melastomataceae
7	<i>Periconiella</i>	<i>Ocotea leucoxylon</i>		Louro	Lauraceae
8	<i>Meliola</i>	<i>Paullinia cupana</i>		Guaraná	Sapindaceae
11	<i>Meliola</i>			Angelim	
12	Ascomycota	<i>Pera glabrata</i>		Sete couro	Euphorbiaceae
13	<i>Asterina</i>	<i>Ossaea</i> sp.		Folha fogo	Melastomataceae
15	Gênero novo	<i>Eschweilera ovata</i>		biriba	Lecythidaceae
16	<i>Phyllachora</i>	<i>Pouteria</i> sp.		Maçaranduba	Sapotaceae
18	<i>Grallomyces</i>	<i>Erythroxylon</i> sp.		Pimenteira do mato	Eritroxilaceae
20	<i>Asteridiella</i>	<i>Eugenia</i> ou <i>Myrcia</i>			Myrtaceae
22	<i>Asterina</i>	<i>Inga</i> sp.		Paçuaré	Mimosoideae
23	<i>Guignardia</i>	<i>Ocotea</i> sp.		Louro	Lauraceae
26	<i>Hemibeltrania</i>	<i>Talisia</i> sp.		Farinha seca	Sapindaceae
27	<i>Lembosia</i>	<i>Schefflera morototoni</i>		Matataúba	Araliaceae
28	Ascomycota	<i>Pourouma cecropiifolia</i>		Tararanga	Urticaceae
30	Ascomycota	<i>Swartzia</i> sp.			Fabaceae
32	Ascomycota	<i>Discophora guianensis</i>			Icacinaceae
37	<i>Curvularia</i>			Heliconia	
40	<i>Meliola</i>	<i>Lasiacis ligulata</i>			Poaceae
41	<i>Hemibeltrania</i>	<i>Talisia</i> sp.			Sapindaceae
42	<i>Pseudocercospora</i>	<i>Piper molicornum</i> ?			Piperaceae
43	<i>Asteridiella</i>	?			
44	<i>Appendiculella</i>	<i>Mikania</i> sp.			Asteraceae
45	Ascomycota			Cecropia	
49	<i>Meliola</i>	<i>Merremia</i> sp.		Cipó	Convolvulaceae
52	<i>Meliola</i>				
53	<i>Guignardia</i>	<i>Vismia ferruginea</i>			Hypericaceae
55	<i>Appendiculella</i>	<i>Mikania diversifolia</i>		Mikania	Asteraceae
56	<i>Meliola</i>				
57	<i>Mycosphaerella</i>				
61	<i>Asterina</i>	<i>Miconia cinamomifolia</i>			Melastomataceae
63	<i>Meliola</i>	<i>Shefflera morototoni</i>		Matataúba	Araliaceae
64	<i>Mycosphaerella</i>				
65	<i>Phyllachora</i>	<i>Psidium guineense</i>		Araçá	Myrtaceae

66	<i>Asteridiella</i>	<i>Clidemia hirta</i>	Folha fogo	Melastomataceae
67	<i>Asterina</i>	<i>Miconia</i> sp.	Miconia	Melastomataceae
70	<i>Ascomycota</i>	<i>Casearia</i> sp.		Flacourtiaceae
72	<i>Asterina</i>	<i>Byrsonima sericea</i>	Murici	Malpighiaceae
74	<i>Grallomyces</i>	<i>Licania kunthiana</i>		Chrysobalanaceae
77	<i>Ascomycota</i>	<i>Miconia minutiflora</i>	Canela	Melastomataceae
78	<i>Grallomyces</i>	<i>Zollernia</i> sp.	Angelim	Fabaceae
80	<i>Micropeltis</i>	<i>Manilkara salzmannii</i>	Maçaranduba	Sapotaceae
81	<i>Meliola</i>	<i>Tapirira guianensis</i>		Anacardiaceae
82	<i>Asterina</i>	<i>Byrsonima sericea</i>	Murici	Malpighiaceae
83	<i>Micropeltis</i>	<i>Manilkara bella</i>		Sapotaceae
85	<i>Ascomycota</i>	<i>Brosimum glaucum</i>	Leiteira	Moraceae
90	<i>Phyllachora</i>			
95	<i>Phyllachora</i>	<i>Pausandra morisiana</i>		Euphorbiaceae
96	<i>Sporidesmium</i>	<i>Helicostylis pedunculata</i>	Amora amarela	Moraceae
97	<i>Micropeltis</i>	<i>Dicorynia</i> sp.	Tapaiúna	Caesalpiniaceae
101	<i>Ascomycota</i>	<i>Thyrsodium</i> sp.	Pau-pombo	Anacardiaceae
105	<i>Ascomycota</i>		Mangue	
107	<i>Grallomyces</i>		Jussara	
108	<i>Meliola</i>		Ipe amarelo	
112	<i>Meliola</i>	<i>Byrsonima sericea</i>	Murici boi	Malpighiaceae
113	<i>Asterinaceae</i>	<i>Byrsonima sericea</i>	Murici	Malpighiaceae
118	<i>Pseudocercospora</i>	<i>Lippia</i> sp.		Verbenaceae
119	<i>Micropeltis</i>	<i>Ocotea</i> sp.		Lauraceae
122	<i>Meliola</i>	<i>Casearia</i> sp.		Flacourtiaceae
125	<i>Gonatophragmium</i>	<i>Handroanthus serratifolius</i>	Ipe amarelo	Bignoniaceae
132	<i>Ascomycota</i>			
133	<i>Micropeltis</i>	<i>Inga flagelliformis</i>		Fabaceae
3b	<i>Meliola</i>	<i>Tabernaemontana</i> sp.	Exsudato branco	Apocynaceae
4b	<i>Meliola</i>		Caju	
8b	<i>Meliola</i>	<i>Paullinia cupana</i>	Guarana	Sapindaceae
9b	<i>Mycosphaerella</i>	<i>Annona dolabripetala</i>		Annonaceae
10b	<i>Pucciniales</i>	<i>Lonchocarpus</i> ou <i>Platymiscium</i>		Fabaceae
12b	<i>Meliola</i>	<i>Handroanthus serratifolius</i>	Ipe amarelo	Bignoniaceae
14b	<i>Pucciniales</i>	<i>Eriotheca macrophylla</i>	Imbiruçu	
16b	<i>Irenopsis</i>	<i>Triumfetta althaeoides</i>		
21b	<i>Meliolales</i>	<i>Handroanthus serratifolius</i>	Ipe amarelo	Bignoniaceae
22b	<i>Irenopsis</i>	<i>Schinus terebinthifolius</i>		Anacardiaceae
25b	<i>Mycosphaerella</i>		Pequi	
27b	<i>Mycosphaerella</i>	<i>Cecropia pachistachia</i>	Cecropia	
31b	<i>Hemibeltrania</i>	<i>Ocotea</i> sp.		Lauraceae
36b	<i>Pseudocercospora</i>	<i>Guettarda grazielae</i>	Pau de ovo	Rubiaceae
37b	<i>Ascomycota</i>		Paçuará	
38b	<i>Gonatophragmium</i>	<i>Handroanthus serratifolius</i>	Ipe amarelo	Bignoniaceae
39b	<i>Mycosphaerella</i>	<i>Casearia</i> sp.		Flacourtiaceae
40b	<i>Meliola</i>	<i>Handroanthus serratifolius</i>	Ipe amarelo	Bignoniaceae
45b	<i>Meliola</i>	<i>Bowdichia virgilioides</i>	Sucupira	Fabaceae
46b	<i>Ascomycota</i>	<i>Ocotea</i> sp.		Lauraceae
47b	<i>Lembosia</i>	<i>Tabebuia elliptica</i>		Bignoniaceae
1c	<i>Meliola</i>			
3c	<i>Sphaerulina</i>	<i>Inga</i> sp.		Fabaceae

5c	<i>Colletotrichum</i>			
6c	<i>Meliola</i>	<i>Shefflera morototoni</i>	Matataúba	Araliaceae
7c	<i>Ramicloridium</i>	<i>Ocoteasp.</i>		Lauraceae
9c	<i>Meliola</i>	<i>Shefflera morototoni</i>	Matataúba	Araliaceae

Anexo 4

Espécies Novas Descobertas na REM

1. *Paracloeodes quadridentatus*, Baetidae, Ephemeroptera: Mayfly
2. *Melychiopharis bibendum*, Araneidae, Araneae, Arachnida: Aranha, Orb-weaving spider
3. *Aechmea limai*, Bromeliaceae: Bromélia
4. *Aechmea pendulispica*, Bromeliaceae: Bromélia
5. *Piresia palmula*, Olyreae, Bambusoideae, Poaceae: Bambu
6. *Cheilolejeunea ornata*, Lejeuneaceae; Briófita
7. *Hypnella symphyodontoides*, Pilotrichaceae, Bryophyta: Briófita

Anexo 5

Pesquisas na Reserva Ecológica Michelin

Pesquisas encerradas

Mamíferos

- Dr. Kevin M. Flesher, Rutgers University, 2006.
A biogeografia dos mamíferos de médio e grande porte numa paisagem antrópico na Mata Atlântica da Bahia, Brasil: evidência pelo papel de sistemas agroflorestais como habitat para a vida silvestre.
Tese de doutorado.
- Jenifer Guinot. 2003.
Aspectos da ecologia de um grupo de macacos no Brasil: o mico *Callithrix penicillata* nas seringueiras da Plantações Michelin da Bahia.
Iniciação científica.
- Juliana Laufer, UESC, 2009.
Variação na estrutura da assembléia de mamíferos de médio e grande porte entre dois períodos de amostragem na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Leila Ramos Neves, UEFS, 2010.
Pequenos mamíferos não-voadores em fragmentos de Mata Atlântica no Sul da Bahia: Inventário, descrição morfológica e chave de identificação das espécies.
Tese de mestrado.
- Aluane Silva Ferreira, UESC, 2014.
Ecologia do sagüí (*Callithrix sp.*) numa paisagem agroflorestal no Baixo Sula da Bahia.
Tese de mestrado.
- Andréa Dechner, Michigan State University, 2014.
Ecologia de uma comunidade de carnívoros numa paisagem de florestas e seringueiras no Sul da Bahia, Brasil.
Tese de doutorado.

Aves

- Lima, Pedro. 2005.
As aves da Reserva Ecológica Michelin, Ituberá, Bahia
Relatório não publicado, 14 pp.
- Claydson Pinto de Assis Bezerra, UFRJ, 2014.
Revisão sistemática da família Galbulidae (Aves: Galbuliformes)
Tese de doutorado.

Anfíbios e répteis

- Tasso Meneses Lima, UEFS/UFBA, 2008.
Estudos da composição das comunidades de répteis e anfíbios anuros cursores da serrapilheira na Reserva Ecológica Michelin - BA.
Tese de mestrado.
- Marco Antonio de Freitas, USEC, 2008.
Distribuição geográfica, ecologia e avaliação do status de conservação da jaracuçu-tapete, *Bothrops pirajai* Amaral, 1923.
Tese de mestrado.
- Juliana Rodrigues dos Santos Silva, UESC, 2009.
Comportamento reprodutivo e territorial de *Ischnocnema ramagii* (Boulenger, 1888) (Anura: Brachycephalidae) no Sul do Estado da Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Tatiana Raquel Alves Vilaça, UESC, 2009.
Ecologia reprodutiva de duas espécies de *Phyllomedusa* (Anura, Hylidae) no Sul do Estado da Bahia.
Tese de mestrado.
- Dr. Flora Acunã Juncá e Felipe Camurugi Almeida Guimarães, 2008.
Composição da comunidade de anuros em fragmentos de Mata Atlântica na Reserva Ecológica Michelin, Ituberá, Bahia.
Pesquisa.
- Edinei da Almeida Mercês, UEFS, 2010.
Toxocenoses de girinos (Lissamphibia – Anura) em córregos e lagoas de floresta e seringal no Litoral Sul da Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Airan dos Santos Protázio, UEFS, 2011.
Plasticidade em girinos de *Allobates olfersioides* (Lutz, 1925) e *Bokermannohyla capra* Napoli & Pimenta, 2009 (Amphibia, Anura).
Tese de mestrado.
- Flávio José Mendes Santos, UEFS, 2011.
Plasticidade fenotípica dos girinos de *Aplastodiscus cavicola* (Cruz e Peixoto, 1985) (Anura: Hylidae) e dieta de girinos de duas espécies de *Aplastodiscus* Lutz 1950, em fragmento de mata e seringal da Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Caio Vinicius de Mira Mendes, UESC, 2012.
Estrutura de assembléias de anfíbios anuros no mosaico vegetacional da Reserva Ecológica Michelin, Baixo Sul da Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.

- Danilo Silva Ruas, UESC, 2012.
Influência de fatores bióticos e abióticos sobre comunidades de girinos na região da Mata Atlântica do Baixo Sula da Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Raoni Rebouças Santos, UESC, 2012.
Analise da dieta de duas espécies de anfíbios da região Baixo Sul da Bahia.
Tese de mestrado.
- Felipe Camurugi Almeida Guimarães, UEFS, 2012.
Comportamento reprodutivo, territorial e vocalização de *Hypsiboas atlanticus* (Caramaschi & Velosa, 1996) (Anura: Hylidae) no Baixo Sul da Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Renan Manoel de Oliveira, UESC, 2013.
Dieta de duas espécies de *Phyllomedusa* Wagler, 1830 vivendo em sintopia em uma área no sul da Bahia: abordagens sobre seletividade de presas e partilha de recursos tróficos.
Tese de mestrado.
- Danielle Lima Alves, UEFS, 2014.
Ecologia e comportamento de *Allobates olfersioides* (Lutz, 1925)(Anura: Aromobatidae): uma complementação ao monitoramento de longo prazo.
Tese de mestrado.

Peixes

- Prof. Dr. Alexandre Clistenes de Alcântara Santos e Leonardo Evangelista Moraes, UEFS, 2008.
Caracterização das Taxocenoses de Peixes da Reserva Ecológica Michelin (BA).
Pesquisa.

Artrópodes

- Edivan Dias de Assunção, UEFS, 2008.
Riqueza, diversidade e abundância de cupins (Insecta: Isoptera) em a Reserva Ecológica Michelin na Costa do Dendê, Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Elaine Cambuí Barbosa, UFBA, 2009.
Organização das comunidades de borboletas frugívoras em uma paisagem dominada por plantações de seringueiras (Euphorbaceae: *Hevea brasiliensis* Muell. Arg.).
Tese de mestrado.
- Janete Jane Resende, UEFS, 2009.
Comunidades de formigas (Hymenoptera - Formicidae) em diferentes fitofisionomias florestais associadas à Mata Atlântica na região sul do estado da Bahia.
Tese de mestrado.

- Zafira Evelma Gurgel, UFBA, 2009.
Aplicabilidade de marcadores microssatélites na análise de resposta de populações de *Tetragonisca angustula* (Apoidea, Hymenoptera) à heterogeneidade de habitat na Costa Atlântica.
Tese de mestrado.
- Mirian Silva Santos, UESC, 2009.
Análise faunística e flutuação populacional de moscas-das-frutas (Diptera: Tephritidae) em três fragmentos de Mata Atlântica e um pomar nas regiões Sul e Extremo Sul da Bahia.
Tese de mestrado.
- Clarissa Machado Pinto Leite, UFBA, 2010.
Aranhas tecedeiras como indicadores ecológicos em florestas tropicais: uma análise em Mata Atlântica.
Tese de mestrado.
- Elkiaer Moraes Campos, UEFS, 2009.
Caracterização da Comunidade de Besouros de Sistema de Composição, em uma Reserva de Mata Atlântica (Ituberá, BA).
Iniciação científica.
- Dra. Priscila Paixão Lopes, Elkiaer Moraes Campos, e Anderson Matos Medina, UEFS.
Diversidade e estrutura funcional de besouros de ambientes de decomposição em formações vegetais com diferentes estruturas na Costa do Dendê (Ituberá, Bahia).
Pesquisa.
- Marcelo César Lima Peres, UFBA, 2012.
Efeito de clareiras naturais sobre assembléias de formigas (Formicidae) e aranhas (Araneae) num trecho de Mata Atlântica.
Tese de doutorado.
- Alessandra Andrade, U Católica, 2010.
Influência das clareiras naturais sobre a distribuição de opílios (Opiliones) num remanescente de floresta Atlântica do Nordeste Brasileiro.
Iniciação científica.
- Sheila Luzia de Santana Varjão, UFBA, 2013.
Estudo comparativo da influência da estrutura da serrapilheira sobre as assembleias de aranhas (Arachnida: Aranae) e formigas (Hymenoptera: Formicidae) em um remanescente de Mata Atlântica e num seringal - Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Janete Jane Resende, UEFS, 2013.
Estrutura da comunidade de formigas de subsolo em fragmentos de Mata Atlântica da Reserva Ecológica Michelin.

Tese de doutorado.

- Dr. Sergio R. Andena, UEFS, 2013.
Levantamento da fauna de vespas sociais (Vespidae, Polistinae) na Reserva Ecológica Michelin (REM), e a formação de um banco de dados das espécies desta área.
Pesquisa.
- Kátia Regina Benati, UFBA, 2013.
Efeito da complexidade estrutural da serrapilheira e variações temporais na distribuição de aranhas e formigas num fragmento de Mata Atlântica.
Tese de doutorado.
- Dr. Adolfo Calor & Dr. Carlos Copatti, UFBA, 2013.
Composição faunística dos macroinvertebrados bentônicos e avaliação de qualidade de água.
Pesquisa.

Plantas

- Maria Lenise Silva Guedes e Rômeo de Medeiros Valadão, UFBA, 2007.
Florístico da Fazenda Michelin, Ituberá/Igrapiúna, Bahia.
Pesquisa.
- Dr. Cid Passos Bastos e Silvana Brito Vilas Boas Santos, UFBA, 2008.
Estudos florísticos e ecológicos das briófitas da Plantações Michelin da Bahia, Baixo Sul, Bahia, Brasil.
Pesquisa.
- Silvana Brito Vilas Bôas Bastos, UEFS, 2008.
Musgos Pleurocápicos dos fragmentos de Mata Atlântica da Reserva Ecológica Michelin, Município de Igrapiúna, Bahia, Brasil.
Tese de mestrado.
- Dr. Reyjane Patrícia de Oliveira, UEFS, 2010.
Levantamento das espécies de gramíneas (Poaceae) ocorrentes na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia.
Pesquisa.
- Dr. Silvana Helena N. Monteiro, UEFS, 2008.
Levantamento da família Orchidaceae na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia.
Pesquisa.
- Fernanda Vilela e Dr. Kevin Flesher, CEB, REM, 2010.
Ecologia populacional de biriba (*Eschweilera ovata*, Cambess. [Miers], Lecythidaceae) em três escalas espaciais na Mata Atlântica, Sul da Bahia.
Pesquisa pós-mestrado.
- Larissa Rocha Santos, UESC, 2011.

Fenologia e estrutura do componente arbóreo em áreas de diferentes estágios sucessionais na Floresta Atlântica na Reserva Ecológica Michelin, Bahia, Brasil.

Tese de mestrado.

- Dr. Cláudia Elena Carneiro, UEFS, 2008.
Levantamento das espécies da Sapotaceae ocorrentes na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia.
Pesquisa.
- Hermeson Cassiano de Oliveira, UEFS, 2013.
Florística e ecologia de briófitas epífitas em fragmentos de Mata Atlântica no Estado da Bahia, Brasil.
Tese de doutorado.
- Carla V. Chízmar F., Yale, 2012.
Características ecofisiológicas e anatômicas de árvores nativas usadas na restauração da Mata Atlântica, Brasil.
Tese de mestrado.
- Elton M.C. Leme, Herbarium Bradeanum, e Ludovic J.C. Kollmann, Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, 2011.
Diversidade e conservação de bromélias na Reserva Ecológica Michelin.
Pesquisa.
- Larissa Rocha Santos, Daniela Custódio Talora, e Ana Cristina Schilling, UEFS, 2013.
Métodos de amostragem em fenologia.
Projeto de pós-mestrado.
- Caio Vinicius Vivas Damasceno Melo, UESC, 2012.
DNA Barcode em espécies arbóreas de Sapotaceae da Mata Atlântica.
Tese de mestrado.
- Flávia de Andrade Brito, UESC, 2014.
Fenologia de espécies do sub-bosque em um fragmento de Mata Atlântica na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia.
Tese de mestrado.

Interações planta/animal

- Fernanda de Souza Vilela, UFBA, 2008.
Influência da predação e da dispersão de sementes sobre o recrutamento de plântulas de biriba (*Eschweilera ovata*, Lecythidaceae), na Mata Atlântica, Reserva Ecológica Michelin, BA.
Tese de mestrado.
- Dr. Mauro Ramalho, Ciro Tavares Florence, Daniela Monteiro, Fernanda de Souza Vilela, Jaqueline Figueiredo Rosa, João Paulo Loyola de Oliveira, Mariana Laly Silva Batista, Marília Dantas e Silva, Paulo César Leão Gouvêa,

Maise Silva Santana Dos Santos, UFBA, Instituto de Biologia, Departamento de Botânica, 2007.

Dinâmica espacial na diversidade de polinizadores e flora associada: heterogeneidade de habitats e conectividade funcional no CCMA-BA.
Pesquisa.

- Daniela Monteiro, UFBA, 2008.
Abelhas generalistas (Meliponina) e sucesso reprodutivo de árvores com florada em massa de *Stryphnodendron pulcherrimum* (Willd.) Hochr., (Fabales-Mimosaceae) na Mata Atlântica (Bahia).
Tese de mestrado.
- Jaqueline Figuerêdo Rosa, UFBA, 2009.
Dinâmica espacial na diversidade de abelhas Centridini: oferta de óleos florais como medida da qualidade do habitat.
Tese de mestrado.
- Anderson Matos Medina, UEFS, 2008.
Besouros detritívoros e os efeitos sobre a ciclagem de nutrientes em uma reserva de Mata Atlântica (Ituberá, BA).
Iniciação científica.
- Marília Dantas Silva, UFBA, 2012.
Comunidade de abelhas sociais Meliponini (Hymenoptera: Apidae) em fragmentos de Mata Atlântica da Reserva Ecológica Michelin, Ituberá - Bahia.
Tese de doutorado.
- Paulo Prates Júnior, UFBA, 2008.
Estratificação da atividade de forrageio das abelhas das orquídeas (Euglossini, Apoidea) na Mata Atlântica.
Iniciação científica.
- Ludmila Oliveira Isaias da Silva, UFBA, 2009.
Analise experimental da conectividade funcional na Mata Atlântica: resposta de abelhas Euglossina à dinâmica na matriz de seringueira.
Iniciação científica.
- Oscar da Silva Pereira Netto, UFBA, 2009
Distribuição espacial e diversidade de abelhas em diferentes porções de habitat em mosaico da Mata Atlântica – Bahia.
Iniciação científica.
- Marcos da Costa Dórea, UEFS, 2011.
Morfologia polínica, fenologia reprodutiva e biologia flora de espécies florestais de Poaceae.
Tese de doutorado.
- Aline Góes Coelho, UEFS, 2013.
A comunidade de plantas utilizada por beija-flores no sub-bosque de um fragmento de Mata Atlântica no Sudeste da Bahia, Nordeste do Brasil.

Tese de doutorado.

- Daniela Monteiro, UFBA, 2014.
Dinâmica espaço-temporal na partição de recursos por abelhas sem-ferrão (Hymenoptera - Meliponini) em uma área de Mata Atlântica/BA.
Tese de doutorado.
- Jaqueline Figueiredo Rosa, UFBA, 2014.
Avaliação do fluxo gênico e da estrutura genética de abelhas Euglossini em mosaico de Mata Atlântica e seringueira.
Tese de doutorado.
- Dr. Marilia Dantas Silva, UFBA, 2013.
Caracterização dos substratos arbóreos utilizados para a nidificação dos Meliponina (Apidae, Hymenoptera) na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia.
Projeto de pós-doutorado.

Fungos

- João Ronaldo Tavares de Vasconcellos Neto, UEFS, 2009.
Diversidade e seleção de fungos basidiomicetos Afiloforóides para produção de enzimas lignocelulolíticas em área de Mata Atlântica do Sul da Bahia.
Tese de mestrado.
- Danilo Batista Pinho, UFV, 2012.
Contribuições para o conhecimento dos fungos da Ordem Meliolales e Sua Posição Filogenética.
Tese de doutorado.
- André Luiz Firmino, UFV, 2013
Novos taxa e posicionamento filogenético da ordem Asterinales do Brasil.
Tese de mestrado.

Ecologia humana

- Mônica Pereira e Tarcísio Botelho, Ação Ambiental Consultoria, Ltd., 2011.
Diagnóstico socioambiental das comunidades do entorno da Reserva Ecológica Michelin, Bahia, Brasil.
Pesquisa contratada.

Pesquisas em andamento

Mamíferos

- Dr. Kevin Flesher, CEB, REM.
Monitoramento a Longo Prazo dos Mamíferos de Médio e Grande Porte na Reserva Ecológica Michelin.
Pesquisa de longo prazo.

Aves

- João Vitor Lino Mota, UFBA.
Aves como ferramenta para avaliar a conectividade de habitat florestado em paisagem com matriz de silvicultura.
Projeto de mestrado.
- Nathália Diniz, UFBA.
Oferta de recursos e territorialidade em beija-flores da Mata Atlântica: abordagem experimental em campo.
Projeto de mestrado.

Anfíbios e répteis

- Caio Vinicius de Mira Mendes, UESC.
Avaliação da influência de fatores locais e da paisagem sobre a composição das assembleias de anfíbios da Floresta Atlântica do Sul da Bahia.
Projeto de doutorado.
- Danilo Silva Ruas, UESC.
O efeito de predação por peixes numa comunidade de anfíbios.
Projeto de doutorado.
- Débora Cristina P. Sales de Aquino, UFBA.
Influência do tipo de matriz no efeito de borda sobre comunidades de anfíbios e répteis em fragmentos de Mata Atlântica do sul da Bahia.
Projeto de doutorado.

Artrópodes

- Dr. Marcos Gonçalves Lhano, UFRB.
Biodiversidade de Orthoptera presente na Reserva Ecológica Michelin, Igrapiúna, Bahia.
Pesquisa.

Plantas

- Dr. Kevin Flesher e André Santos de Sousa, CEB, REM.
Monitoramento de longo prazo das parcelas permanentes em áreas de restauração de Mata Atlântica com árvores nativas.
Pesquisa.
- Dr. Daniel Piotto, Yale.
Uma avaliação de métodos alternativos para o enriquecimento de uma paisagem de seringueiras com árvores nativas na Mata Atlântica do sul da Bahia, Brasil.

Pesquisa.

Interações planta/animal

- Paulo Cesar Leão Gouvêa, UFBA.

Fragmentação florestal e pressão de progágulo sobre comunidade de abelhas Meliponini: teste de hipótese com *Tetragonisca angustula*.

Projeto de mestrado.

Anexo 6

Publicações de Pesquisas Feitas na Reserva Ecológica Michelin

- Acuña Juncá, F., F. Camurugi, & E. de Almeida Mercês. 2012. The tadpole of *Hypsiboas pombali* (Caramaschi, Pimenta & Feio, 2004) (Anura, Hylidae). **Zootaxa** 3184, 64-66.
- Albano, C. 2009. Birding in north-east Brazil, part 2: The vast state of Bahia. **Neotropical Birding** 7: 49-61.
- Assunção, E.D., E.M. da Silva, T.X.S. Santos, J.D. da Cruz, A.C.S. Melo, G.M.M. Santos & C.C.B. Filho. 2008. Levantamento preliminar de térmitas em bosques de mangues na Reserva Ecológica da Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil. **Sitientibus** 8(3/4): 322-325.
- Barth, A., V.A. Souza, M. Solé & M.A. Costa. 2013. Molecular cytogenetics of nucleolar organizer regions in *Phyllomedusa* and *Phasmahyla* species (Hylidae, Phyllomedusinae): A cytotaxonomic contribution. **Genetics and Molecular Research** 12(3): 2400-2408.
- Bastos, C.J.P. 2011. *Cheilolejeunea ornata* (Lejeuneaceae), a new species from Brazilian Atlantic Forest. **Journal of Bryology** 33(1): 86-88.
- Bastos, C.J.P. & S.B.V. Boas-Bastos. 2008. Musgos acrocápicos e cladocápicos (Bryophyta) da Reserva Ecológica da Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil. **Sitientibus** 8(3/4): 275-279.
- Bastos, C.J.P. & S.B.V. Boas-Bastos. 2008. Hepáticas (Marchantiophyta) da Reserva Ecológica da Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil. **Sitientibus** 8(3/4): 280-293.
- Boas-Bastos, S.B.V. 2009. *Hypnella symphyodontoides* (Bryophyta: Pilotrichaceae), a new species from Brazil. **Journal of Bryology** 31: 20-22.
- Boas-Bastos, S.B.V. & C.J.P. Bastos. 2009. Musgos pelurocápicos dos fragmentos da Mata Atlântica da Reserva Ecológica da Michelin, município de Igrapiúna, BA, Brasil. II – Hypnales (Bryophyta: Bryopsida). **Acta Botânica Brasileira** 23(3): 630-643.
- Boas-Bastos, S.B.V. & C.J.P. Bastos. 2008. Neckeraceae (Bryophyta, Bryopsida) da Reserva Ecológica da Michelin, Município de Igrapiúna, Bahia, Brasil. **Sitientibus** 8(3/4): 263-274.
- Brescovit, A.D., A.J. Santos & C.M.P. Leite. 2011. A second species of the orb-weaving spider genus *Melychiopharis* from South America (Araneae: Araneidae). **Zootaxa** 2798: 61-63.
- Camurugi, F. & F. Juncá. 2013. Reproductive biology of *Hypsiboas atlanticus* (Anura: Hylidae). **Herpetology Notes** 61: 489-495.
- Camurugi, F., T. Meneses Lima, E. de Almeida Mercês & F. Acuña Juncá. 2010. Anurans of the Reserva Ecológica da Michelin, Municipality of Igrapiúna, State of Bahia, Brazil. **Biota Neotropica** 10(2): 1-8.
- Carvalho, M.L.S. de, M.C. Dórea, K.M Pimenta & R.P. de Oliveira. 2012. *Piresia palmula*: a new species of herbaceous bamboo (Poaceae, Olyreae) endemic to the Atlantic Rainforest, southern Bahia, Brazil. **Systematic Botany** 37(1): 134-138.
- Chizmar, C. 2012. Using leaf level traits to develop tolerance rankings of native tree species for restoration under-planting of rubber plantations in Brazil. **Tropical Resources** 31: 67-77.

- de Almeida Mercês, E. & F. Acuña Juncá. 2012. The tadpole of *Scinax juncae* (Nunes & Pombal 2010) (Anura, Hylidae). **Zootaxa** 3416, 41-43.
- de Oliveira, R.M., C.V. de Mira Mendes, D. Silva Ruas, M. Sole, L.C. Pinho & R. Reboucas. 2012. Myiasis on *Hypsiboas atlanticus* (Caramaschi & Velosa, 1996) (Anura: Hylidae) from southern Bahia, Brazil. **Herpetology Notes** 5: 493-494.
- Flesher, K.M. 2010. Registers of *Crax blumenbachii* in the Michelin Ecological Reserve. Pp. 24-26. In Alvarez, A.D. & Develey, P.F. (Orgs). **Conservação do Mutum-do-Sudeste (Crax blumenbachii) – Cinco anos de implementação do Plano de Ação**. SAVE Brasil. São Paulo, Brasil.
- Flesher, K. 2005. A history of tapir extinction in the Atlantic Forests between the Rio de Contas and Rio Paraguaçu, Bahia, Brazil. **Tapir Conservation** 14/1(17): 13-15.
- Flesher, K. 1999. Primates of the Ituberá Forest Complex, Bahia, Brazil. **Neotropical Primates** 7(4): 127-131.
- Flesher, K.M. & J. Laufer. 2013. Protecting wildlife in a heavily hunted biodiversity hotspot: a case study from the Atlantic Forest of Bahia, Brazil. **Tropical Conservation Science** 6(2): 181-200.
- Ferreira, F.M., C. Van Den Berg, V.C. Hollowell & R.J. Oliveira. 2013. *Parianella* (Poaceae, Bambusoideae): morphological and biogeographical information reveals a new genus of herbaceous bamboos from Brazil. **Phytotaxa** 77(2): 27-32.
- Forlani, M.C., C.V. de Mira Mendes, I. Ribeiro Dias, D. Silva Ruas, J.F. Riva Tonini & R. O. de Sá. 2013. The advertisement calls and distribution of two sympatric species of *Chiasmocleis* (Méhely 1904) (Anura, Microhylidae, Gastrophryininae) from the Atlantic Forest. **South American Journal of Herpetology** 8(1): 46-51.
- Jesus Junior, L.A., R.P. Oliveira, K.R.B. Leite & L.B. Silva. 2013. Comparative analysis of leaf anatomy in two *Parodiolyra* species (Poaceae: Olyreae) occurring on forests in Eastern Brazil. **Brazilian Journal of Biology** 72(1): 205-210.
- Juncá, F.A., F. Camurugi & E.A. Mercês. 2012. The tadpole of *Hypsiboas pombali* (Caramaschi, Pimenta & Feio, 2004) (Anura, Hylidae). **Zootaxa** 3184:64-66.
- Kierulff, M.C.M., G.R. Santos, G.R. Canale, C.E.G. Carvalho, C.R. Cassano, P.S. Gouveia, C.A.F.R. Gatto, M. Araújo, P. Vila Nova, A.C. Marques, P.S. Santos & J.C. Pádua. 2005. Avaliação das populações do macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternos*) e proposta de estratégia para manejo e conservação da espécie. **Technical report - Relatório Final**, IESB & CI Brasil, 86 pp.
- Leme, E.M.C. & L.J.C. Kollman. 2013. Miscellaneous new species of Brazilian Bromeliaceae. **Phytotaxa** 108(1): 1-40.
- Leme, E.M.C. & L.J.C. Kollman. 2011. New species and a new combination of Brazilian Bromeliaceae. **Phytotaxa** 16: 1-36.
- Lernould, J.M. 2010. Le Capucin à poitrine jaune: le programme de conservation a trente ans! **CEPA - Conservation des Espèces et des Populations Animales** 21: 10-13.

- Lima, L.R.C., F.F. Salles, U.S. Pinheiro & E. Quinto. 2010. Espécies de Baetidae (Ephemeroptera) do Sul da Bahia, com descrição de uma nova espécie de *Paracloeodes* Day. **Neotropical Entomology** 39(5): 725-731.
- Lima, P.C. & Z.S. Magalhães. 2012. Primeiro registro documentado do ninho de *Myrmotherula urosticta* (Sclater, 1857) (Passeriformes: Thamnophilidae) em Ituberá, Bahia. **Atualidades Ornitológicas** 165: 4-5.
- Lima, P.C., Z.S. Magalhães & C. Albano. 2008. Registro da reprodução do Mutum-do-Sudeste (*Crax blumenbachii*) em Ituberá, Bahia. **Atualidades Ornitológicas** 141: 10-11.
- Lima, T.M. & F.A. Juncá. 2008. A herpetofauna de serapilheira da Reserva Ecológica da Michelin, Ituberá, Bahia, Brasil. **Sitientibus** 8(3/4): 316-321.
- Marcolin, C.R., E.C. da Silva, M.C.L.S.A. Rocha & T.M. Lima. 2008. Biomassa de Formicidae em fragmentos de Mata Atlântica e em uma monocultura de seringueira nas Plantações Michelin da Bahia, Igrapiúna, Bahia. **Sitientibus** 8(3/4): 294-297.
- Mercês, E.A. & F.A. Juncá. 2010. Girinos de três espécies de *Aplastodiscus* Lutz, 1950 (Anura – Hylidae) ocorrentes no Estado da Bahia, Brasil. **Biota Neotropica** 10(4): 167-172.
- Mercês, E.A., F.A. Juncá & F.S.C. Casal. 2009. Girinos de três espécies do gênero *Rhinella* Fitzinger, 1826 (Anura – Bufonidae) ocorrentes no Estado da Bahia, Brasil. **Sitientibus** 9(2/3): 133-138.
- Mira Mendes, C.V., E. Marciano Jr., D. Silva Ruas, R.M. de Oliveira & M. Solé. 2013. Advertisement call of *Scinax strigilatus* (Spix, 1824) (Anura: Hylidae) from southern Bahia, Brazil. **Zootaxa** 3647 (3): 499-500.
- Mira Mendes, C.V., D. Silva Ruas & M. Solé. 2012. Predation attempt of *Trachycephalus mesophaeus* (Hylidae) by *Leptodactylus* cf. *latrans* (Leptodactylidae). **Herpetology Notes** 5: 163-164.
- Mira Mendes, C.V., D. Silva Ruas, R. Lourenço-de-Moraes, D. Rödder & M. Solé. 2012. The advertisement call of *Gastrotheca fissipes* Boulenger, 1888 (Anura, Hemiphractidae) with comments on its distribution. **Zootaxa** 3312: 62-64.
- Monteiro, D. & M. Ramalho. 2010. Abelhas generalistas (Meliponina) e o sucesso reprodutivo de *Stryphnodendron pulcherrimum* (Fabales: Mimosaceae) com florada em massa na Mata Atlântica, BA. **Neotropical Entomology** 39(4): 519-526.
- Nemésio, A. 2014. The orchid-bee faunas (Hymenoptera: Apidae) of 'Reserva Ecológica Michelin', 'RPPN Serra Bonita', and one Atlantic Forest remnant in the state of Bahia, Brazil, with new geographic records. **Brazilian Journal of Biology** 74(1): 16-22.
- Nemésio, A. & H.L. Vasconcelos. 2013. Beta diversity of orchid bees in a tropical biodiversity hotspot. **Biodiversity and Conservation** 22: 1647-1661.
- Nemésio, A., N.C.M. Crântola, H.L. Vasconcelos, J.C. Nabout, F.A. Silveira & M.A. Del Lama. 2012. Searching for *Euglossa cyanochlora* Moure 1996 (Hymenoptera: Apidae), one of the rarest bees in the world. **Journal of Insect Conservation** 16(5): 745-755.
- Nolasco, E.C., A.G. Coelho & C.G. Machado. 2013. First verified record of ornithophily in *Calathea* (Marantaceae). **Bioscience Journal** 29(5): 1327-1337.

- Peres, M.C.L., K.R. Benati, A.R.S. de Andrade, M.V.A. Guimaraes, T.S. Melo, A.D. Brescovit & J.H.C. Delabie. 2014. Tree-fall gaps effects on spider (Araneae) assemblages in an Atlantic Forest landscape in northeastern Brazil. **Journal of Animal Sciences** 4: 118-133.
- Pimenta, K.M., M. da Costa Dórea & R.P. e Oliveira. 2012. Panicoideae (Poaceae) em remanescentes florestais do sul da Bahia: aspectos taxonômicos e ecológicos. **Rodriguésia** 63(4), 23 pp.
- Ramalho, M., J. Figueiredo Rosa, M. Dantas e Silva, M. Silva & D. Monteiro. 2013. Spatial distribution of orchid bees in a rainforest/rubber agro-forest mosaic: habitat use or connectivity. **Apidologie** 44(4): 385-403.
- Rappaport, D. & F. Montagnini. 2014. Tree species growth under a rubber (*Hevea brasiliensis*) plantation: native restoration via enrichment planting in southern Bahia, Brazil. **New Forests** 45: 715-732.
- Resende, J.J., P.E.C. Peixoto, E.N. Silva, J.H.C. Delabie & G.M.M. Santos. 2013. Arboreal ant assemblages respond differently to food sources and vegetation physiognomies: a study in the Brazilian Atlantic Rain Forest. **Sociobiology** 60(2): 174-182.
- Resende, J., G.M. de M. Santos, I.C. do Nascimento, J.H.C. Delabie & E.M. da Silva. 2011. Communities of ants (Hymenoptera – Formicidae) in different Atlantic Rain Forest phytophysionomies. **Sociobiology** Vol. 58(3): 1-22.
- Rocha-Santos, L. & D.C. Talora. 2012. Recovery of Atlantic Rainforest areas altered by distinct land-use histories in northeastern Brazil. **Tropical Conservation Science**, 5(4), 475-494.
- Rondinelli, S.F., E.C.B. Cambuí, M.M. Nogueira, M.M.F. Vargens & M.C. Camardelli. 2008. Fauna associada à bromélia *Viresea procera* (Martius ex Schults Filius) Wittmack em monoculturas de seringueiras na Reserva Ecológica Michelin (Baixo Sul da Bahia, Brasil). **Sitientibus** 8(3/4): 311-315.
- Rosa, J.F. & M. Ramalho. 2011. The spatial dynamics of diversity in Centridini bees: the abundance of oil-producing flowers as a measure of habitat quality. **Apidologie** 40(5).
- Rosa, J.F., J.P.L. de Oliveira, Z.E.R. Gurgel, C.S.A. Duarte & M. Ramalho. 2008. Estratificação da atividade de coleta de essência por abelhas Euglossina, em um remanescente de Mata Atlântica, Reserva da Michelin, Bahia, Brasil. **Sitientibus** 8(3/4): 307-310.
- Silva, M.D., M. Ramalho & D. Monteiro. 2014. Communities of social bees (Apidae: Meliponini) in trap-nests: the spatial dynamics of reproduction in an area of Atlantic Forest. **Neotropical Entomology**.
- Silva, M.D., M. Ramalho & D. Monteiro. 2013. Diversity and habitat use by stingless bees (Apidae) in the Brazilian Atlantic Forest. **Apidologie** 44: 699-707.
- Silva, M.D., M. Ramalho, C.T. Florence, P.C.G. Leão, J.P.L. Oliveira, D. Monteiro, J.F. Rosa & M.E. Almeida. 2008. Heterogeneidade espacial e diversidade de abelhas Meliponini na Mata Atlântica. **Sitientibus** 8(3/4):298-301.
- Silva Ruas, D., C.V. de Mira Mendes, I. Ribeiro Dias & M. Solé. 2012. Description of the advertisement call of *Dendropsophus haddadi* (Bastos and Pombal 1996) (Anura: Hylidae) from southern Bahia, Brazil. **Zootaxa** 3250:63-65.

Vilaça, T.R.A., J.R. dos Santos Silva & M. Solé. 2011. Vocalization and territorial behaviour of *Phyllomedusa nordestina* Caramaschi, 2006 (Anura: Hylidae) from southern Bahia, Brazil. **Journal of Natural History** 45(29-30): 1823-1834.

Vilela, F.S., K.M. Flesher & M. Ramalho. 2012. Dispersal and predation of *Eschweilera ovata* seeds in the Atlantic Forest of Southern Bahia, Brazil. **Journal of Tropical Ecology** 28:223-226.

Xavier, A.L., T.P.S. Galindo, P.A. Ferreira, P.E.S. de Moura & C.E.P. Almeida. 2008. Comparação entre biomassas de quatro grupos de artrópodes cursores em três fitofisionomias da paisagem (Igrapiúna, Bahia, Brasil). **Sitientibus** 8(3/4): 302-306.

Anexo 7

Árvores Plantadas na Zona de Recuperação

Cod.	Espécie	Quantidade
1	Large orange sweet smelling drupe w large seed and moist pulp	11
2	Large orange sweet smelling drupe w large seed and moist pulp	12
3	Eleocarparceae, Sloanea sp.	30
6	Eleocarparceae, Sloanea sp.	30
8	Myristiaceae, Virola gardneri	3
9	Large orange sweet smelling drupe w large seed and moist pulp	5
13	Myristiaceae, Virola gardneri	2
26	Fabaceae-Faboideae, Centrolobium sp.	3
28	Myristiaceae, Virola gardneri	2
29	Lauraceae, Nectandra sp.	15
36	Chrysobalanaceae, species #4	4
39	Lauraceae, Nectandra sp.	15
40	Arecaceae, Syagrus sp.	36
50	2.5-3 cm rough oval seeds	15
58	Arecaceae, Syagrus sp.	30
61	"Colo Brasiliense"	1
66	Caingá	2
67	Arecaceae, Syagrus sp.	40
68	Clusiaceae, Symphonia globulifera	1
79	Arecaceae, Syagrus sp.	30
81	Clusiaceae, Symphonia globulifera	15
97	Ebenaceae, Diospyros sp.	20
98	Clusiaceae, Symphonia globulifera	3
102	Large deep purple speckled w dense moist magenta mesocarp, single large long seed	1
112	Clusiaceae, Symphonia globulifera	20
116	Clusiaceae, Symphonia globulifera	55
118	Blue/green cutia fruit w large chestnut colored seeds; camaçarí?	5
144	1-2 cm green round fruit w single dark brown "brain" seed w white band separating lobes	34
147	Clusiaceae, Symphonia globulifera	1
149	Apocynaceae, Rauvolfia sp.	20
162	Apocynaceae, Lacistema sp.	2
166	Blue/green cutia fruit w large chestnut colored seeds	7
174	Myristiaceae, Virola species; smaller	30
195	Not identified	2
200	Euphorbiaceae, Amanoa guianensis	4
208	Blue/green cutia fruit w large chestnut colored seeds	2
215	Lecythidaceae, Sapucaia	2
236	Fabaceae-Mimosoideae, Inga sp. #3	140
240	Fabaceae-Mimosoideae, Inga sp. #5	40
254	Embira	15
259	Fabaceae-Mimosoideae, Inga laurina	40
266	Moraceae, Brosimum sp.	1
280	Small purple/blue drupe w thin exocarp, moist pulp, and single cylindrical grey seed	1
286	Myrtaceae, species #10	15
290	Moraceae, Brosimum sp.	48
327	Fabaceae-Faboideae, Andira sp.	30
357	Apocynaceae, Lacistema sp.	5

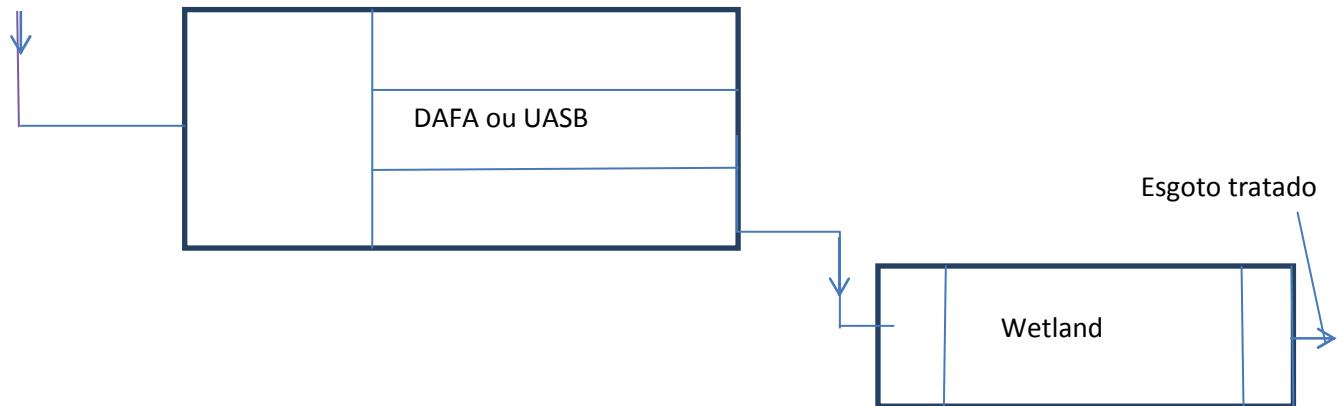
368	Moraceae, <i>Helicostylis tomentosa</i>	60
380	Blue/green cutia fruit w large chestnut colored seeds	1
381	Myrtaceae, species #10	20
389	Fabaceae-Faboideae, <i>Andira</i> sp.	15
392	Lecythidaceae, <i>Eschweilera ovata</i>	1
446	Bignoniaceae, <i>Handroanthus</i> sp.	37
447	Clusiaceae, <i>Garcinia</i> sp.	1
448	Fabaceae-Caesalpinoideae, <i>Copaifera</i> spp.	32
468	Arecaceae, <i>Euterpe edulis</i>	1
487	Apocynaceae, <i>Rauvolfia</i> sp.	2
490	Fabaceae-Caesalpinoideae, <i>Copaifera</i> spp.	40
491	Sapotaceae, species #1	58
497	Malpighiaceae, <i>Byrsonima</i> sp.; muriç da mata	1
509	Chrysobalanaceae, <i>Licania salzmannii</i>	18
518	14 cm hard brown fruit w 2-3 7 cm long light brown seeds covered in dense snow white pulp	4
521	Fabaceae-Caesalpinoideae, <i>Copaifera</i> sp.	40
532	Fabaceae-Faboideae, <i>Andira</i> sp.	2
556	Not identified	1
583	0.6 cm tan/white seeds w longitudinal line down middle	47
589	Fabaceae-Caesalpinoideae, <i>Copaifera</i> spp.	15
592	Chrysobalanaceae, <i>Licania salzmannii</i>	1
605	Fabaceae-Faboideae, <i>Andira</i> sp.	1
612	Fabaceae-Faboideae, <i>Andira</i> sp.	1
633	6.5 cm long brown hard seed; Chrysobalanaceae	2
660	Clusiaceae, <i>Calophyllum</i> sp.	30
666	Clusiaceae, <i>Calophyllum</i> sp.	20
673	Clusiaceae, <i>Calophyllum</i> sp.	34
689	Fabaceae-Faboideae, <i>Peocilanthe</i> sp.	16
698	Not identified	1
709	Fabaceae-Faboideae, <i>Peocilanthe</i> sp.	19
736	Lecythidaceae, <i>Lecythis pisonis</i>	10
744	9.5 cm wide green/yellow fruit w 3 cm long three sided hard tan seeds w line on flat side	50
746	Fabaceae-Faboideae, <i>Swartzia</i> sp.#3; manga do mato	2
747	Fabaceae-Cercideae, <i>Bauhinia</i> sp.	10
777	Chrysobalanaceae, <i>Licania salzmannii</i>	2
779	2.1 cm long brown seed	3
781	Fabaceae-Faboideae, <i>Dalbergia nigra</i>	10
826	Fabaceae-Faboideae, <i>Swartzia</i> sp.#3; manga do mato	30
827	Fabaceae-Faboideae, <i>Swartzia</i> sp.#3; manga do mato	28
833	Cecropiaceae, <i>Pourouma</i> sp. #1	10
834	Fabaceae-Caesalpinoideae, <i>Arapatiella psilophylla</i>	40
BF	Fabaceae-Mimosoideae, <i>Anadenanthera</i> sp.	3
BF	Bignoniaceae, <i>Tabebuia</i> sp.	10
BF	Fabaceae-Caesalpiniaceae, <i>Caesalpinia echinata</i>	25
NI	Malvaceae, <i>Eriotheca</i> sp.	5
NI	Fabaceae-Mimosoideae, <i>Parkia pendula</i>	5
NI	Paraíba	5
NI	Caryocaraceae, <i>Caryocar edule</i>	1
NI	Apocynaceae, <i>Aspidosperma</i> sp.	5
NI	Tapaúna	5
NI	Sombreira	40
		1665

Anexo 8

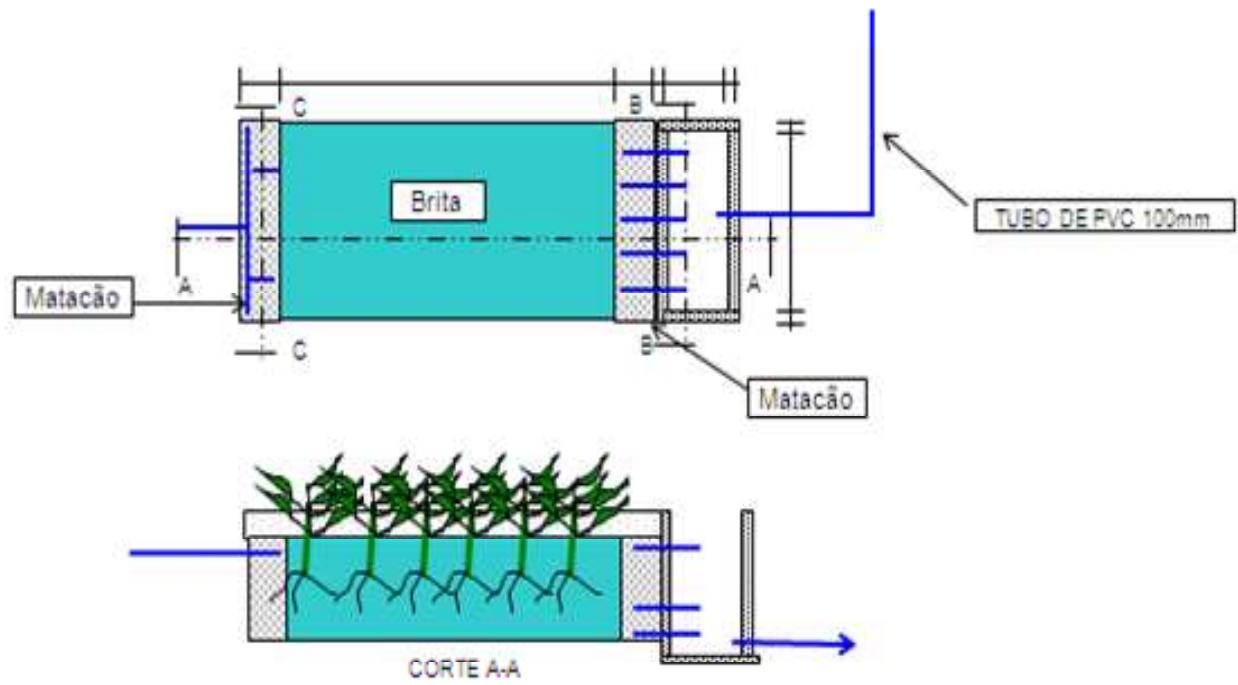
Tratamento de esgoto

Fluxo do sistema de tratamento de esgoto da CPG

Esgoto bruto



Desenho do wetland CPG

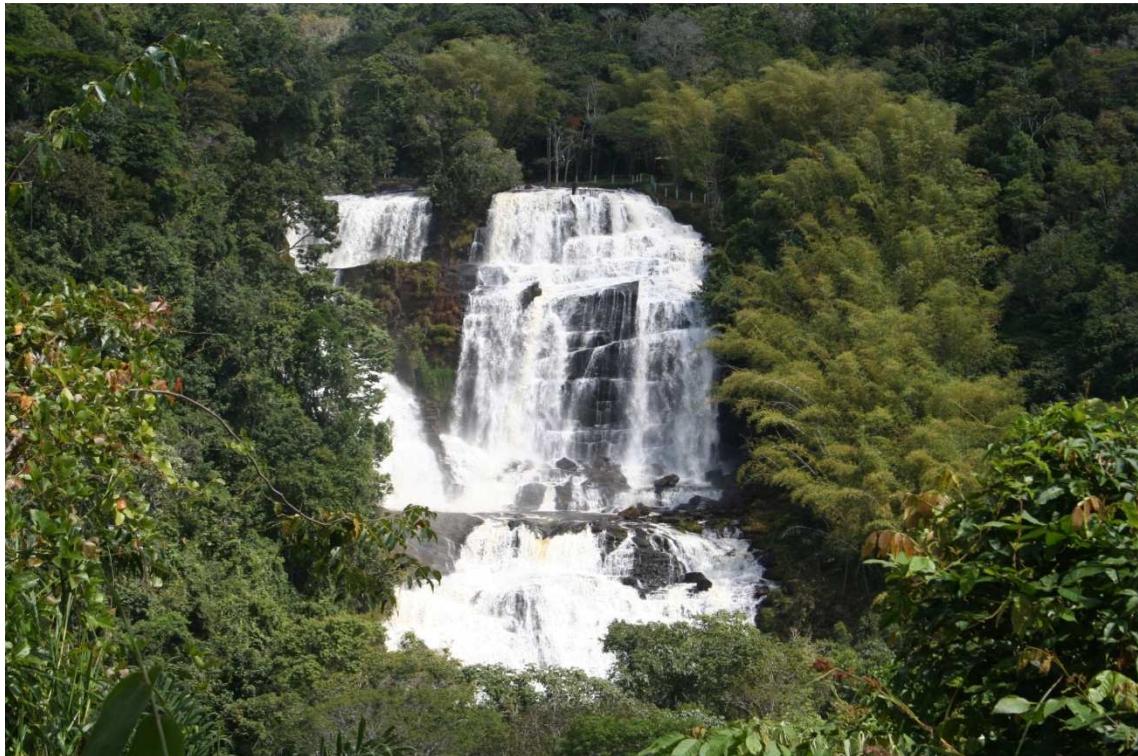


Anexo 9

Fotografias da RPPN Ouro Verde



Estradas de acesso à RPPN Ouro Verde



Cachoeira Pancada Grande



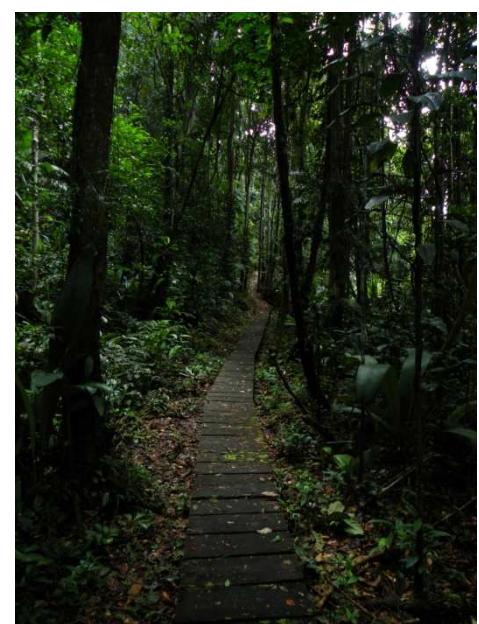
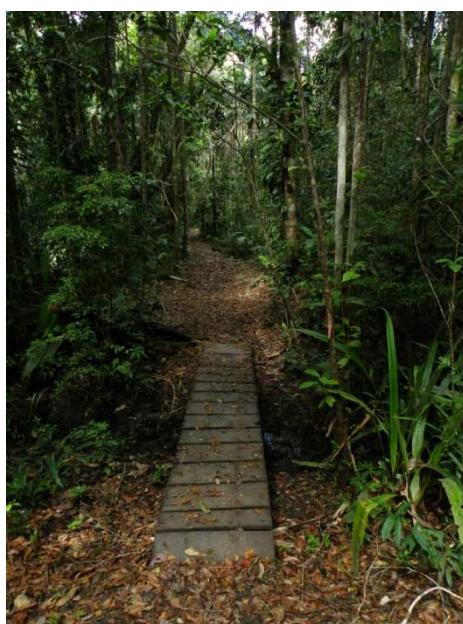
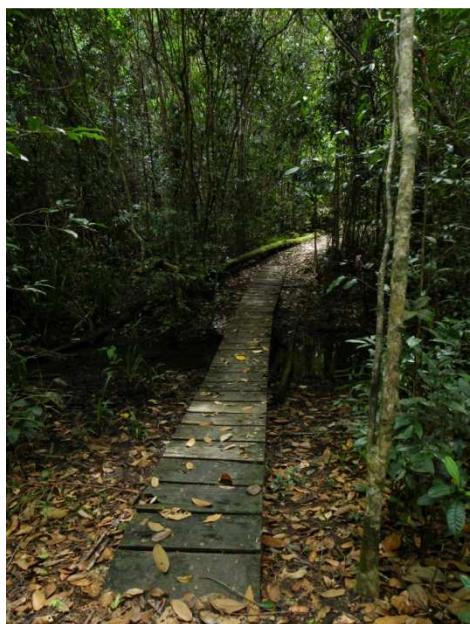
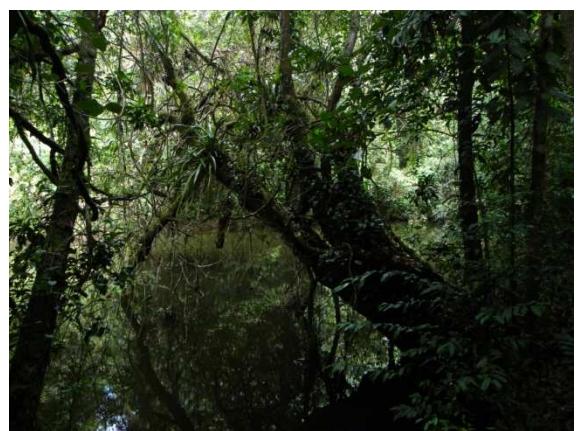
Zona de Visitação acima da cachoeira



Rio Cachoeira Grande acima da Cachoeira Pancada Grande



Floresta da RPPN



Floresta da RPPN e pontes na mata



Trilhas na floresta - zona de visitação e placa RPPN Ouro Verde



Placas de advertência e de informação para visitantes



Placas de advertência, escada, ponte de observação, equipamentos de resgate aquática



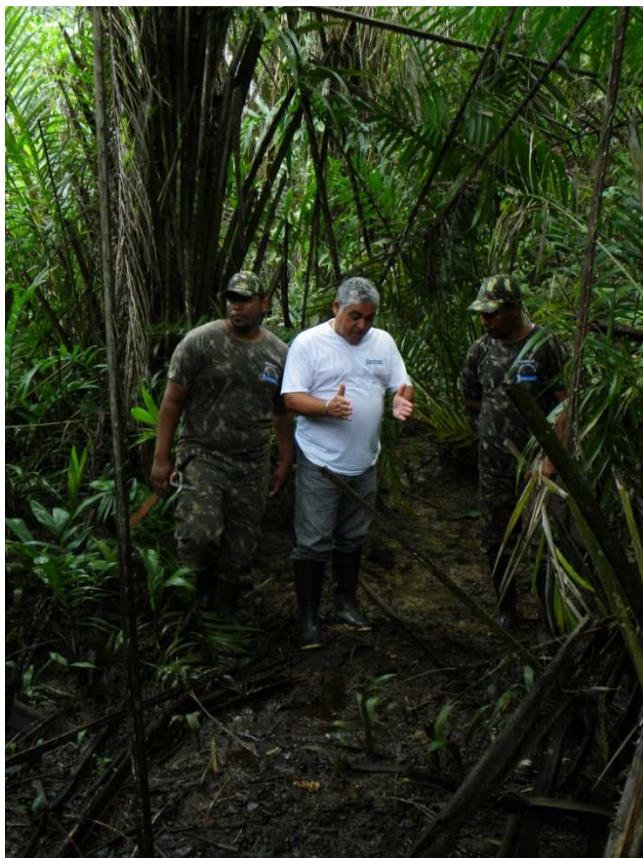
Estacionamento e estrada para acessar à cachoeira na zona de visitação



Lanchonete, banheiro publico, prédio de administração, área de reciclagem



Zona de recuperação: frutas coletadas, viveiro, plantio



Fiscalização - guardas florestais



Educação ambiental e pesquisa científica